PROVA

V. G. DUNCAN

Tradução Amadeu António

Grok

PROVA

Rev. V. G. DUNCAN

NOTA DO AUTOR

Este livro é escrito com total sinceridade por um clérigo da Igreja de Inglaterra.

É o resultado de um esforço, iniciado em 1926, para resolver pelo método experimental esse problema de todos os problemas — a sobrevivência da alma após a morte.

Certos indivíduos acham-se tão favoravelmente situados e organizados que possuem um contentamento sem desejos. Simplesmente não compreendem por que razão as pessoas desejam provas atuais da sobrevivência. E, no entanto, não posso deixar de pensar que há poucas pessoas que vivem longo tempo na vida e que não cheguem, mais cedo ou mais tarde, a um ponto em que despertam para a consciência de uma necessidade deste tipo.

A busca por uma convicção pessoal sobre este grande tema é algo a que todos os homens e mulheres pensantes são impelidos a fazer numa era de isolamento espiritual e inquietação. É também um fardo sempre premente para muitos que estão de luto.

«Será que nunca mais os verei?»

Em nenhum outro lugar tanto como no reino do luto é que esta questão da sobrevivência da alma precisa tanto de interpretação. E em nenhum outro lugar, penso eu, se encontra um ceticismo tão profundo e impiedoso como aquele que toma controlo das pessoas na grande surpresa avassaladora e no choque da partida de um ente querido.

Nesta busca, o autor explorou a sua própria Fé, marcou alguns pontos ainda sombreados pela perplexidade e descobriu outros iluminados com certeza. O suficiente, no entanto, foi encontrado para oferecer àqueles que estão em dúvida ou em luto e que se interrogam sobre o que aconteceu aos seus entes queridos após «a escuridão ou a aurora que os homens chamam morte».

PREFÁCIO

O meu primeiro contacto com o Rev. V. G. Duncan consistiu em receber uma carta a dizer que ele tinha algumas experiências que estava a relatar e a oferecer-se para me enviar o manuscrito para pedir um prefácio. Como recebo muitos pedidos desse tipo, enviei uma resposta relutante, mas cedi ao ponto de rabiscar uma linha extra a dizer que, se ele especialmente quisesse, poderia enviá-lo. Felizmente, ele não se deixou desanimar, e no sábado, 18 de fevereiro, o material chegou, e assim que despachei algumas cartas, apesar de ter muitas coisas que queria ler, abri o pacote e comecei a provar o conteúdo. Depressa descobri que valia a pena ler devidamente, e antes do fim da tarde já o tinha terminado.

O autor teve sorte nas suas experiências com as Senhoritas Moore e descreveu as condições das sessões iniciais de forma notável. Se um investigador ler apenas os primeiros dois capítulos, obterá uma visão dos fenómenos que revolucionará a sua atitude cética e elevará a sua perceção da realidade da existência continuada. São factos que estão a ser testemunhados, e os argumentos contra eles não valem de nada. É preciso alguma coragem da parte de um ministro de coisas espirituais para testemunhar a realidade quotidiana de tais coisas. Ele atrai para si perseguição; mas a força da sua persuasão da verdade é suficiente para lhe permitir suportá-la.

A existência e a cooperação de um mundo espiritual é uma realidade que deveria ser conhecida por todos; e aqueles cuja experiência os habilita a testemunhar não podem ser suprimidos por qualquer medo do que lhes possa acontecer. O tempo está maduro para um confronto com as forças de repressão. A via para o conhecimento sobre este tema está aberta a todos, e se for tomado cuidado em perseguir a verdade de forma sábia e direta, a escuridão da ignorância que tanto tempo prevaleceu será gradualmente levantada, e uma grande e iluminadora verdade ficará aberta à humanidade em luta.

OLIVER LODGE 20 de fevereiro de 1933

CAPÍTULO UM

Inúmeras tentativas têm sido feitas de tempos a tempos para provar a sobrevivência da alma após a morte, pelo que naturalmente se hesita em adicionar à literatura sobre o tema. E, no entanto, como sacerdote ordenado da Igreja de Inglaterra, cuja triste obrigação é encontrar e confortar aqueles que estão em luto, sei quão profundamente agudo é o interesse humano nesta questão suprema.

Na câmara da morte, um clérigo testemunha muitas cenas comoventes. Ali, as pequenas pretensões da vida quotidiana desmoronam-se. Ao lado da forma amada coberta com o seu lençol branco, ele depara-se cara a cara com homens e mulheres de coração partido.

O que anteriormente fora pouco mais do que uma crença vaga e informe torna-se agora uma exigência aguda e pungente. Pai, mãe, esposa ou filho desapareceram e, com a partida dessa personalidade, foi-se uma parte de si mesmos. E «aqueles que permanecem» estão ansiosos por saber para onde foram e o que estão a fazer, e se todo o contacto ou comunicação adicional com eles chegou ao fim. Para enfrentar e, necessariamente, dar uma resposta a desafios tão imperativos como estes, levei-me ao estudo dos fenómenos psíquicos.

Sou naturalmente de espírito crítico e até então encarava o que se conhece como Espiritualismo com uma certa antipatia preconceituosa. Quando jovem, tinha prosseguido algumas investigações sobre as suas alegações, e as minhas experiências não me encorajaram a prosseguir mais com o estudo.

Posso assegurar definitivamente ao leitor que as experiências que estou prestes a relatar não se devem de forma alguma a uma crédula «vontade de acreditar» em algo a favor do Espiritualismo.

O meu regresso ao exame dos fenómenos psíquicos começou em 1922, quando vivia na Escócia. Sentia a pressão crescente de encontrar algo mais concreto e pessoal do que a ortodoxia oferecia para dizer àqueles que estavam em sofrimento, e comecei a reler os registos da Society for Psychical Research. Isto foi seguido por um estudo cuidadoso de bem mais de cem obras que tratavam deste tema.

Um dia, o meu livreiro, que tinha observado a minha predileção por este tipo de literatura, mencionou que, se eu quisesse prosseguir a minha leitura com uma investigação prática de fenómenos psíquicos, ele poderia ajudar-me. Ofereceu-se para me apresentar a uma das suas clientes, uma Miss McCall, que estava em contacto com duas senhoras de Glasgow que pretendiam possuir o dom extremamente raro e estranho da mediunidade de voz direta.

Aproveitei com prazer esta oferta, e posteriormente teve lugar uma apresentação a Miss McCall. Esta senhora revelou ser de boa posição social, refinada e bem educada, pertencente a uma conhecida família das Borders. Tinha investigado este tema durante alguns anos com uma atitude crítica e reverente, e tornara-se bastante convencida da possibilidade, bem como da genuína realidade, da comunicação com os falecidos.

Contou-me muitas experiências psíquicas surpreendentes, entre elas a espantosa alegação de ter falado na voz direta com o seu pai, que tinha partido alguns anos antes. Concordou de boa vontade em proporcionar-me uma oportunidade para testar uma afirmação tão espantosa; e deixei-a com a promessa de que, numa certa noite uma semana à frente, eu poderia trazer um amigo e investigar a sua falsidade ou verdade.

Durante os dias que decorreram antes da noite marcada para a minha sessão de teste, repassei na minha mente os vários aspetos religiosos e científicos envolvidos. Lembrei-me de que tinham passado trinta e cinco anos desde que Sir William Crookes fez passar a sua corrente de eletricidade através de um tubo de vácuo e assim iniciou a época atual na ciência. Desse tubo, no lado prático, tinham emergido os raios X e o wireless; enquanto no lado teórico tinha vindo a divisão do átomo em protões e eletrões, e a nova filosofia da matéria.

Tal como Kepler e Newton tinham criado uma nova era pela sua compreensão do infinitamente grande, assim J. J. Thomson, Rutherford e Lodge estavam, como eu podia ver, a criar outra nova era pela sua investigação do infinitamente pequeno. E agora Einstein chegara com os seus perplexos teoremas de Tempo-Espaço e Quarta Dimensão — certamente, convinha manter uma mente aberta.

Assim, como humilde estudante de filosofia religiosa, percebi que o meu negócio não estava principalmente preocupado com estas novas

descobertas, mas sim em notar o efeito que produziam na mente do mundo científico.

Os biólogos do século XIX tinham estado tão certos das leis da natureza. Para eles, eram absolutas, rígidas e eternamente supremas. Fora assim com aquele outrora valente campeão do Naturalismo — Ernest Haeckel. Ele estava tão certo do natural que zombava do sobrenatural, chegando ao ponto de descartar os fenómenos da mente, da arte, da música, da ética e da religião como meros subprodutos casuais numa perpétua interação de matéria e energia não dirigida por Inteligência. O cientista moderno, no entanto, rejeitou agora a perspetiva do famoso «Enigma do Universo» de Haeckel.

Este ponto de vista mudado na mente científica de «hoje», reconheci, devia-se em grande parte ao facto de já não estar certa do natural. Se há uma coisa certa na ciência moderna, é que não há nada certo. Os axiomas já não são considerados verdades inabaláveis. Agora é questionável se a luz não tem peso; se uma linha reta é a distância mais curta entre dois pontos; se um peso de quatro libras pesa realmente o mesmo que quatro libras separadas; se força e matéria são coisas distintas; se ação à distância é impossível e assim por diante.

A natureza desintegradora do novo conhecimento na ciência, como eu bem via, tinha trazido uma perspetiva mais aberta e recetiva. Poderia dizer-se o mesmo da teologia? Este novo conhecimento científico tem, afinal, uma relação com as doutrinas da Igreja. Sabemos agora, por exemplo, que toda a matéria é feita da mesma substância — protões e eletrões; que a vida dentro de nós lida incessantemente com átomos, decompondo o amido, convertendo os átomos em açúcar para assimilação, e ao fazê-lo construindo continuamente novos corpos para nós mesmos a partir das matérias-primas. A morte põe fim ao processo e mostra que é a vitalidade, e não o corpo, que é responsável pelas suas mudanças.

Pode não haver átomos no espaço, mas há eletrões.

É exequível que a vitalidade libertada que chamamos espírito possa de igual modo fazer uso de protões e eletrões para se construir a si mesma, e até vestir um corpo em que funcione após a morte física. Também pode não ser irracional sustentar que tal construção do corpo-alma está a proceder inconscientemente nesta vida. Se for esse o caso, então as aparições pós-

ressurreição de Jesus Cristo tornam-se mais credíveis. A era atual é uma era de inquérito. Em todas as direções, os homens perguntam o porquê mais do que nunca antes. Não se contentam em acreditar numa coisa simplesmente porque os seus pais acreditavam nela antes deles. Querem saber o porquê e o onde de aquilo que lhes pedem para aceitar. E esta atitude é certamente correta. A verdade nunca teme a luz de um inquérito honesto, só devemos ter cuidado para que seja honesto.

Portanto, quando nos falam de «anjos que outrora falavam com os homens», de uma ressurreição e de uma vida além-túmulo, exige-se prova palpável para alegações tão tremendas.

Os homens argumentam, e não se pode deixar de admitir a razoabilidade do seu ponto de vista, que se estes eventos ocorreram no passado sob certas condições, deveriam acontecer hoje sob circunstâncias semelhantes.

Se, portanto, as alegações da investigação psíquica puderem ser estabelecidas, tornariam a Igreja Cristã invencível. Demonstrariam que a revelação não se opõe à natureza; que os milagres não são violações, mas ocorrências em conformidade com a lei natural; que a vida além-túmulo não é um sonho saudoso, mas um facto real e tangível.

Nenhum cientista poderia levantar objeção à evidência. Seria recolhida pelos mesmos métodos rigorosos que a própria ciência estabeleceu para a perseguição do conhecimento humano. Os factos são encontrados primeiro, e a partir deles deduz-se uma teoria razoável e consistente. Pensei no sólido radioativo, sempre a gastar-se num fluxo de energia elétrica, e a dissipar-se em formas de entidade que só podem ser consideradas semelhantes ao éter imponderável.

E ao começar a envisionar todo o universo material a fundir-se, com lentidão incrível, na Mente Divina de onde emanou; não parece difícil acreditar que tal Pensamento criativo se revele capaz de proporcionar um mundo invisível e de o povoar com espíritos ministrantes, capazes, sob certas circunstâncias, de restabelecer contacto sensível com aqueles que deixaram para trás.

Percebi que o novo conhecimento que a biologia moderna, a física e a psicologia estavam a verter, embora não fornecesse provas de sobrevivência, favorecia distintamente a sua possibilidade.

A maioria de nós está ciente de que o resultado supremamente importante de uma educação geral é a atitude mental adquirida a partir dela. Sabemos também que a tendência da mente unilateral é permanecer fechada a qualquer nova verdade, e gradualmente falha em apreciar o valor da verdade que já possui. Um exemplo familiar disto é fornecido por Herbert Spencer: todas as suas previsões para a sociedade baseavam-se no seu conhecimento da natureza animal do homem, e nunca se deu ao trabalho de estudar teologia ou considerar o lado espiritual do homem; o Tempo, portanto, já o colocou entre os falsos profetas em todas as previsões que se aventurou a fazer. A sua Filosofia Sintética é agora vista como ridícula.

Não poderá a mesma acusação ser apresentada contra aqueles que estudam teologia, mas não se mantêm a par do novo conhecimento, quer venha da ciência moderna ou por via da investigação psíquica. Pois não só frequentemente exibem ignorância pretensiosa, mas também falham em perceber a profundidade, a riqueza e a glória daquelas verdades que já possuem.

Não perderam os eclesiásticos que condenaram Galileu muito do significado de «Criador do céu e da terra?» Não fizeram o mesmo os dignitários que condenaram Darwin?

Não é nosso dever inalienável — especialmente para o clero — pesquisar e peneirar cada nova descoberta por qualquer vislumbre que possa lançar sobre a nossa fé religiosa para glória de Deus? Posso enfatizar que foi com este pensamento solene na mente que entrei na sala de sessões.

CAPÍTULO DOIS

O amigo que convidei para me acompanhar à minha primeira sessão de voz — ou «sentada», como por vezes se chama — era um ex-oficial do exército, hoje diretor de uma grande empresa de exportação na Escócia. Já tínhamos feito juntos, em casa, alguns leves experimentos psíquicos com resultados animadores. Nenhum de nós, porém, alimentava ilusões quanto à confiabilidade de estranhos, e decidimos usar a inteligência ao máximo. Para nós, o que estava em jogo era considerável; provar, nem que fosse só para nós próprios, a sobrevivência da alma exigia cautelas extremas — não só contra fraude da parte das médiuns, mas contra qualquer autoengano nosso. Se a investigação falhasse, que não fosse por omissão da nossa parte.

A sessão fora marcada para uma quinta-feira à noite, numa casa dos arredores de Edimburgo. A senhora que agendara o encontro prometera que o meu nome, assim como qualquer informação que soubesse a meu respeito, seria ocultado às médiuns. De qualquer modo, o meu colega era-lhes totalmente desconhecido: eu limitara-me a dizer que «um amigo me acompanharia».

A sala era pequena, quase vazia, perto do sótão. Tinha uma janela e uma única porta — aquela por onde entrámos. Só estavam presentes a organizadora, as duas médiuns, o meu amigo e eu.

Nunca vira uma médium de voz; por isso as duas jovens que me foram apresentadas como as Senhoritas Moore, de Glasgow, despertaram-me viva curiosidade. Mentalmente, tentei «pesá-las». Pareceram-me raparigas escocesas normais: simples, reverentes, sem laivos de misticismo falso. Quando falavam, o sotaque inconfundível confirmava a origem. O único traço que um observador atento notaria era um olhar distante — aquele «fey» que os escoceses reconhecem.

Na breve conversa pré-sessão, percebi que ambas se dedicavam com fervor à divulgação do Espiritualismo. Explicaram, em poucas palavras serenas, que eram apenas instrumentos usados pelos espíritos para falar aos amigos na Terra. Não entravam em transe; bastava rezarmos a oração inicial, cantarmos um salmo e aguardarmos pacientemente. Um gramofone, manobrado pela organizadora, tocaria discos para criar as vibrações necessárias. Quando uma voz se manifestasse, devíamos responder de

imediato e conversar com naturalidade — isso ajudava o espírito a sustentar o diálogo. A sessão seria às escuras, pois a luz inibia os fenómenos.

Fechei a porta à chave. Colocámos as nossas cadeiras de costas para ela, viradas para as médiuns. À nossa direita, a organizadora junto ao gramofone, encostado à parede. No centro do chão, as médiuns depositaram um tubo de alumínio de cerca de quarenta e cinco centímetros, a que chamavam «trompete»: servia para alguns espíritos amplificarem a voz. Avisaram-nos que flutuaria pelo ar e que não o tocássemos nem nos assustássemos se nos roçasse. Inclinei-me, examinei-o: era um simples cone metálico, dez centímetros na base, afunilando para quatro na ponta.

Apagaram a luz. Logo repetimos o Pai-Nosso, seguido do Salmo 23. Ouvi o arranhar da agulha, o zumbido do disco, depois a melodia suave de uma antiga canção. É espantoso como a escuridão, ao calar alguns sentidos, aguça outros. O ouvido torna-se de uma finura nova; a mente, livre de imagens, concentra-se com força redobrada.

«Notas alguma coisa?», sussurrou o meu amigo.

«Sim — rajadas de ar gelado à minha volta.»

«Eu também. Mas ouve…»

Calou-se. Acima da música, uma voz estrangeira, débil, lutava por se fazer ouvir.

«Parem o disco, por favor», pediu a irmã mais velha. «Alguém está a falar.»

A música cessou. A voz soou clara, em inglês quebrado. Apresentou-se como Koha, guia índio encarregado de harmonizar o ambiente para que os espíritos dos nossos entes queridos pudessem aproximar-se. Parecia saber quem éramos e o que buscávamos; prometeu que, se lhe déssemos simpatia, a prova chegaria. A voz era masculina, gutural, amistosa; as frases curtas davam ideia de alguém que se movia atarefado pela sala.

Terminada a tarefa, Koha despediu-se, predizendo novo encontro. Pediu mais música para elevar as vibrações.

O gramofone recomeçou. Pouco depois, uma segunda voz, cristalina, ressoou do teto: grave, alegre, com sotaque escocês caseiro.

«Boa noite, irmãs! Podem parar a música um bocadinho. Boa noite, irmão L… Boa noite, irmão M…»

«Então conheces-nos?», perguntou logo o meu amigo.

«Oh, sim, conheço-vos aos dois», respondeu com uma risadinha.

«Mas quem és tu?», insisti.

«Sou Adra Wallace, de Dunfermline. Vivi na Terra antes do vosso tempo.»

Falou dos velhos dias na cidade, do seu ofício de taberneiro, de alguns arrependimentos. A voz carregou-se de melancolia.

«Não fiques assim, Andrew», interrompeu uma das irmãs. «Agora compensas, levando conforto a tantos aflitos.»

«Sim, faço o meu melhor», animou-se. «E hoje vou fazer alguns de vós felizes. Há uma senhora à espera de falar com o irmão L. Ainda não está deste lado há muito. Cantem qualquer coisinha, irmãs, para a ajudar.»

Cantámos um verso de hino. Logo se ouviu um sussurro fino, ansioso, ganhando corpo à medida que cantávamos. Em tom doce, uma voz de mulher chamou: «Jan! Jan!»

O meu amigo deu um salto na cadeira. «Mãe! Ó mãe querida! És mesmo tu?»

«Sou, Jan, sou eu, de verdade.»

Seguiu-se um dos instantes mais comoventes da minha vida. Mãe e filho conversaram como se ambos estivessem na carne: falaram do pai que ficara, do filho que precisava de cuidado, da nora (chamada pelo nome certo), do tio que em breve se juntaria a ela, e da sua felicidade presente.

Ainda hoje, ao recordar aquela reunião, sinto o encanto daquela beleza.

Antes de partir, o meu amigo fez uma última pergunta — mais para juntar mais uma prova do que por dúvida.

«Lembras-te, mãe, do segundo nome do B.?»

O pai do meu amigo era de raça norte-europeia; ninguém na sala sabia disso exceto ele. O nome era raro e remetia à origem.

«Sewald, claro», respondeu sem hesitar. Era exato.

Logo depois, entre adeuses sussurrados, a voz desvaneceu-se. Andrew Wallace voltou:

«Era a tua mãe.»

«Não duvido, Andrew. Não há engano possível na voz da minha mãe. Foi maravilhoso falar com ela outra vez.»

«Queremos que todos sejam felizes», disse Andrew. «As pessoas são parvas quando têm medo da morte. Deviam ter medo da vida. A morte não faz mal; a vida é que pode fazer. É como vivem na matéria que conta aqui.»

Fez uma pausa e, falando diante de mim:

«Alguém quer falar contigo, irmão. É um homem alto, muito alto, bem-posto, parece um pastor. Veste uma longa capa preta.»

Mostrei-me encantado.

No instante seguinte, uma voz masculina falou a centímetros do meu rosto.

«Sou Moss. Gerald Moss. Não me conheces, mas sabes de mim. Fui o anterior reitor da tua igreja.»

«De fato! Muito prazer. Lembras-te do lugar onde morreste?»

«Millhaven.»

«Correto. E de quê?»

«Pneumonia.»

«Claro. O nome da minha igreja?»

«Da NOSSA igreja», corrigiu. «St. J.»

«Exato. Posso levar uma mensagem à tua esposa?»

«Nunca tive esposa e tu sabes», respondeu, com laivo de irritação.

Pedi desculpa, explicando o motivo da pergunta.

«Casuística», retrucou, rindo curto.

Pedi então algo que provasse a identidade — de preferência um facto que eu ignorasse e pudesse verificar depois.

«Espera… Já sei. Não sabias que eu fui professor, pois não?»

«Não. Na verdade, sei muito pouco de ti.»

«Pois antes de ser ordenado, fui mestre na M… T School, em Edimburgo. Verifica depois.»

«Vou verificar, prometo.»

«Tens um trabalho duro onde estás», comentou, triste.

«Temo que sim.»

«E não vai ficar mais fácil. Mas eu ajudo-te no que puder.»

«Obrigado.»

«Estarei contigo na igreja e no púlpito. Tens de contar às pessoas esta grande verdade. Eu vivo, como elas viverão. A morte não destrói a alma.»

Semanas depois, vários paroquianos vieram, em momentos diferentes, contar-me a visão de um homem alto e robusto, de longa sotaina preta, de pé atrás de mim no púlpito. A descrição coincidia com Gerald Moss — que eu nunca conhecera, mas que me foi descrito por quem o conhecera. Um dos videntes era um corista de oito anos, que ficou perplexo ao relatar-me o caso.

Após nova garantia de presença, a voz de Moss calou-se. O gramofone recomeçou; travou-se conversa leve. Andrew anunciou nova visita:

«Veio uma senhora falar contigo. Nome de batismo ‘R’. Baixa, robusta, rosto redondo, tez clara, olhos cinzentos, cabelo puxado para trás. Viveu perto do mar, morreu de repente após operação.»

«É parente tua», continuou Andrew. «Está muito aflita por esclarecer um mal-entendido que houve antes de partir.»

«Compreendo, Andrew. Diz-lhe que está tudo resolvido, tudo bem. Ela saberá do que falo. É coisa pessoal.»

«Oh, sim, pessoal. As irmãs sabem», confirmou, virando-se para as médiuns. «O pastor quer acertar as coisas.»

«Quero muito. Ela consegue falar?»

«Vai fazer o possível. Anda, fala no trompete!»

O tubo pousou-me suavemente na cabeça, deslizou pelo rosto e braço direito, afastou-se. Uma voz feminina, apressada, ofegante, esforçava-se por sair.

«Sou eu, R. Que alegria estares aqui! Quero pedir perdão por tudo. Sabes do que falo. Fiquei preocupada com a minha atitude. Perdoa-me, ajuda-me.»

A voz sumiu-se num sussurro.

«Ela está muito triste, irmão», gritou Andrew do outro canto.

«Eu sei. Diz-lhe que está tudo bem; se precisa de perdão, tem-no plena e livremente.»

«Isso fá-la sorrir. Amor e pensamentos bons fazem toda a diferença aqui, como aí. Deus te abençoe.»

Incluí este episódio íntimo — ligado a um triste capítulo terreno de uma parente — porque quero que estes registos sejam o mais fiéis possível. E porque ilustra uma verdade prática: os nossos pensamentos e orações ajudam e curam os que já passaram o véu. Desde então, confirmei-o repetidas vezes.

Ouviu-se depois um sussurro indistinto.

«Quem és? Fala, amigo», insistiu o meu colega.

A voz ganhou corpo, plangente: «Ajuda-me! Ajuda-me!»

«Vamos ajudar! Qual é o teu nome?»

Deu um nome ininteligível — «Madelein» ou «Katherine» —, parecia dirigir-se ao meu amigo. Após tentativas falhadas, calou-se.

«Quem era, Andrew?»

«Alguém que conhecia a tua esposa. Ainda não está há muito deste lado, é a primeira vez que fala assim, custa-lhe. Talvez volte.»

«Oxalá.»

«Voltará melhor da próxima. Mas a força esgota-se. Boa noite, Deus vos abençoe. Peço a um pastor aqui que feche.»

Silêncio. Depois, uma voz culta rezou breves palavras escolhidas.

A sessão, com cerca de hora e quarto, terminou.

No regresso, repassámos tudo. O meu amigo não tinha dúvida: era a voz da mãe. Para ele, reconhecimento pessoal é prova soberana — e ele é homem de negócios, habituado a julgar caráteres com rapidez e acerto. Duvidará alguém que duas raparigas escocesas, que nunca o viram, descobrissem o nome dele, o raro segundo nome do parente, detalhes íntimos da família e imitassem tão perfeitamente a voz materna que o próprio filho se enganasse? Francamente, acho tal explicação impossível.

Sete vozes distintas manifestaram-se, movendo-se pela sala. Três falaram-me diretamente. Uma, a centímetros do meu rosto, revelou facto que só eu sabia — e outro que eu próprio ignorava, mas depois confirmei. A profecia de presença no púlpito cumpriu-se semanas depois por testemunhos independentes.

A voz da parente: descrição exata, morte súbita após operação ocular, remorso pelo episódio terreno que só eu conhecia. Até onde vai o braço da coincidência?

Dizem que nenhum fenómeno mediúnico resiste à simulação. Estas conversas parecem-me resposta cabal.

Já me sugeriram que amarrasse as médiuns com fita cirúrgica. Estive em sessões assim controladas e confesso: não acredito nesse método. Em sessões de voz, a única prova possível é a individualidade revelada no conteúdo das mensagens. Amarrar as médiuns em nada altera a validade.

Tive depois experiências ricas e variadas, mas nenhuma ofusca o esplendor daquela primeira sessão. O seu sopro vivificante reforçou-me a fé na sobrevivência da alma e na comunhão dos santos como nenhum argumento académico o faria. As velhas verdades que ensino ganharam novo fulgor.

«Eu era cego e agora vejo», exclamou o curado do Evangelho, olhos em chamas de descoberta. Algo dessa pura alegria iluminou-me a alma naquela noite.

CAPÍTULO TRÊS

UM curioso epílogo aos acontecimentos do capítulo anterior surgiu no dia seguinte.

Fui à casa do meu amigo ao fim da tarde para voltarmos a conversar sobre a noite anterior. Ele contou-me que a esposa passara a semana no campo e ainda lá estava. Na véspera, só as criadas estavam em casa e tinham-se recolhido antes de ele subir. Depois de apagar a luz e deitar-se, pôs-se a repassar mentalmente a sessão. De súbito, ouviu leves pancadas na parede por trás da cabeceira. Julgou tratar-se de um rato atrás do rodapé e tentou ignorar. De repente, um golpe seco, como martelo no poste da cama. Saltou da cama, acendeu a luz, vasculhou o quarto: nada.

Numa sessão uma semana depois, informaram-no de que vários amigos espirituais tinham aproveitado o «poder de materialização» libertado na noite anterior para tentar chamar-lhe a atenção. Desesperados com a falta de resposta, fizeram mais barulho do que pretendiam. O comunicante pediu desculpa pelo susto e explicou que o meu amigo possuía «poder materializante» — dom de mediunidade física —, o que justificava a forma da manifestação. Provas disso aparecerão mais adiante neste livro.

Há ainda um pormenor curioso: antes da sessão, o meu amigo andava em fraca saúde. Ao terminá-la, sentia-se outro homem — vigoroso, em melhor forma do que nos últimos anos.

Mas agora enfrentemos as perguntas que ele me fez. São as dúvidas clássicas do estudante psíquico, mas como este livro se destina sobretudo ao leitor comum — que talvez nunca tenha tido tempo nem vontade de investigar —, convém incluí-las.

As dificuldades que lhe acudiram são as que surgem sempre que alguém começa a levar o assunto a sério. Compreendo-as perfeitamente; também me assaltaram. Criados um na rigidez presbiteriana, outro na anglicana, como conciliar esta nova luz com a educação antiga? Seria errado? Não condenava o Antigo Testamento tais práticas? Não seriam mensagens de espíritos malignos a imitar os mortos?

Foram estas as três perguntas que me lançou mal nos instalámos nas poltronas.

Comecei por lembrar-lhe que quase todas as grandes descobertas sobre os caminhos de Deus — no mundo físico ou espiritual — começaram por causar embaraço e dúvida. Desarrumam ideias feitas, abalam costumes, obrigam a repensar hábitos mentais. A nós ensinaram-nos que o contacto com os mortos era errado. Aceitámos. Mas alguma vez examinámos os fundamentos dessa proibição?

Diz-se que o Antigo Testamento a condena. Admitamos o facto, sem o tomar como definitivo. Naquele tempo, Israel vivia rodeado de povos pagãos que praticavam ritos supersticiosos, inclusive a necromancia — adivinhação com cadáveres e sangue humano (daí nekros, cadáver, e manteia, adivinhação).

É falsa e injusta a identificação do Espiritualismo moderno com a necromancia. O aviso bíblico visava impedir que a verdadeira vidência se misturasse e degenerasse nos cultos degradantes das fronteiras de Israel.

Lembremo-nos também de que nem toda a legislação do Antigo Testamento vale hoje. No mesmo capítulo de Levítico que condena a feitiçaria proíbe «vestes de dois tecidos».

Quanto a mensagens de demónios a imitar os mortos: terá sentido que o Diabo queira provar o cerne do Cristianismo — a sobrevivência? Se o contacto é errado, sempre o foi. Então as vozes, visões e manifestações do Antigo Testamento também estariam condenadas.

«Os teus argumentos parecem-me sólidos», admitiu o meu amigo. «E sei que compreendes o meu ponto. Foi um choque, sobretudo porque fomos vacinados em pequenos com a seringa do "medo" e "não mexas nisso". Senti-o especialmente no início. Passou quando me habituei ao tom amigo do Andrew Wallace. Fazia-nos sentir à vontade.»

«Era provavelmente parte da missão dele», interrompi.

«Seguro. Ainda assim, ao apagar-se a luz e ficarmos em breu, arrepiava. Porquê a escuridão? Não achas pena? Dá aos céticos matéria para graçola.»

«Conheço o tipo de graçola. Mas não te preocupes: o riso do cético costuma voltar-se contra ele. Riram-se do gás para iluminar Londres,

zombaram do comboio a vinte milhas por hora, satirizaram o avião que atravessaria o Atlântico. Às vezes o cético é engraçado; rimos com ele — sobretudo quando, como aqui, vemos mais piada do que ele. "O meu filho estava morto e reviveu" — se é verdade, vale a pena festejar!»

«Concedido. E a escuridão?»

«Não esqueçamos que os maiores processos da Natureza ocorrem no escuro. A semente germina debaixo da terra. A fotografia precisa de quarto escuro. A astronomia depende da noite. As médiuns explicaram que a luz interrompe o fluxo de energia psíquica dos corpos — dos assistentes e delas. É facto experimental. Se um cientista nos levasse ao laboratório e dissesse "são estas as condições", não acusaríamos fraude por causa da escuridão. Além disso, testemunhas fidedignas ouviram vozes à luz — mais fracas, porque o esforço para contrariar as vibrações luminosas é maior. Acontece.»

«Dizem que os espíritos só falam trivialidades — pancadas, trompetes — tudo ridículo.»

«Quanto às trivialidades — alfinetes de gravata, etc. —, a objeção não pega. Se formos atentos, nada é insignificante. As grandes ciências ergueram-se sobre minudências. "Deus vem-nos nas coisas pequenas." Ele é o Criador que eternamente plasma pensamento em forma; é o Amor que se manifesta em comunhão, beleza, família — até nas palavras e gestos mais humildes. Religiosamente, a trivialidade não é objeção. A vida da maioria é um rio de minudências. Se um parente voltasse do Além a citar Homero ou a falar como Platão, impressionar-te-ia?»

«Temo que não», riu-se o meu amigo.

«Claro que não. Mas quando ouviste mencionar as pequenas coisas íntimas que diziam respeito à tua vida quotidiana — esses tremendos nicos da existência comum —, aí sim, para usar a expressão popular, «sentaste-te direito e prestaste atenção».

Quanto ao modo de comunicação — pancadas e trompete —, é decerto absurdo objetar por ninharias.

As pancadas são apenas o meio de chamar a atenção.

Mineiros soterrados usaram-nas para dizer aos amigos que estavam presos debaixo da terra — sepultados, mas ainda vivos.

Tu e eu já batemos à porta quando não encontrámos a campainha.

Foi simplesmente o método para anunciar a presença.

Numa sessão de voz direta, o trompete funciona aparentemente como uma espécie de amplificador: ajuda o espírito a falar com clareza, concentrando o poder.

Os engenheiros criaram e puseram em funcionamento um serviço telefónico direto entre a Grã-Bretanha e a Austrália.

Pais e filhos separados por 12 000 milhas de espaço — e, num caso, por dezoito anos de tempo — voltaram a falar.

Não creio que nenhum deles se tenha rido por ter de usar um «trompete».

A alegria de ouvir a voz amada a tão grande distância era demasiado esplêndida para alguém discutir por minúcias sobre o meio.

«Não achas que foi ventriloquia hábil?»

«Tenho a certeza que não. O ventríloquo precisa de luz para guiar o olhar com gestos e olhares. Na escuridão perde truques. E a voz carrega personalidade: reconheço amigos só pelo tom, sem os ver. Sete vozes diferentes ontem. Uma era, para ti, inconfundível — a da tua mãe. Conseguiria o melhor ventríloquo do mundo, que nunca a ouvira, enganar-te?»

«Praticamente impossível. E confesso: esta experiência cala-me todas as objeções. Não posso deixar de crer que a voz que me falou era só de uma pessoa — a minha mãe. E o que disse, que mais ninguém sabia, estava em perfeita sintonia com o seu carácter terreno.»

«O mesmo se aplica a mim», respondi. «Recebemos dados seguros que reforçam a fé na vida após a morte.»

CAPÍTULO QUATRO

Passaram-se alguns meses até que eu voltasse a ter oportunidade de participar numa «sessão de voz» com as Senhoritas Moore. Nesse intervalo, fiz inquéritos cuidadosos sobre o clérigo que alegou comunicar comigo na minha primeira sessão. A informação que ele forneceu nessa ocasião, e que é relatada num capítulo anterior, era-me desconhecida na altura e revelou-se correta. Isso estimulou o meu desejo de prosseguir a investigação neste campo particular de fenómenos, e escrevi às médiuns convidando-as a visitar Edimburgo e a realizar uma série de sessões na minha própria casa. Elas aceitaram de boa vontade e, duas vezes por dia durante cerca de três semanas, estive presente em sessões realizadas no meu lar durante a primavera de 1927.

Proponho agora dar uma transcrição fiel de várias destas sessões. Nenhuma delas foi em branco e, com isso, quero dizer sem fenómenos ou pontos de interesse. Algumas, no entanto, continham naturalmente muitos pormenores íntimos e pessoais relativos a assistentes individuais, e que não estou autorizado a tornar públicos. As sessões que selecionei são «médias». São copiadas das minhas notas tomadas na altura e estão aqui registadas exatamente como ocorreram.

Devo mencionar que, durante o inverno de 1926-27, reunira um grupo de cerca de setenta pessoas seriamente interessadas em investigação psíquica. Eram provenientes de todos os estratos da sociedade e reuniam-se semanalmente para palestras e discussões. Deste grupo saíram a maior parte dos assistentes das sessões seguintes. Além do facto de eu estar ciente da sua predileção por este ramo de estudo, mal os conhecia e desconhecia certamente as suas vidas pessoais e ambientes.

Para esta série de sessões, reservei o meu gabinete. Era uma pequena sala no rés-do-chão, com uma porta e uma janela. Uma grande estante envidraçada ocupava um lado da parede adjacente à porta. Uma secretária de enrolar ocupava outro lado da parede. Cadeiras, uma estante mais pequena e quadros constituíam o restante mobiliário. Enquanto decorria uma sessão, as portadas da janela eram fechadas e trancadas, de modo que a sala ficava às escuras. Dois tubos de alumínio, chamados convenientemente «trompetes», estavam disponíveis durante todas as sessões. Um pertencia às médiuns e o outro a mim. Ambos eram

geralmente usados e, com frequência, a voz comunicante falava independentemente deles.

Deve notar-se também que se tomou o maior cuidado para evitar qualquer divulgação de informação às médiuns. Os assistentes vinham de todas as partes da cidade e, ocasionalmente, de fora dela. Os seus nomes nunca eram mencionados e eles não se encontravam com as médiuns até ao momento em que entravam na sala de sessões.

A primeira desta série de sessões que escolhi relatar é interessante porque se liga por correspondência cruzada através de uma médium a mais de 400 milhas de distância, e novamente noutra sessão realizada cerca de dois anos depois em Inglaterra. Teve lugar às 15 horas de 23 de maio de 1927. A única assistente, além das médiuns, da minha esposa e de mim, era a Sra. M. Cadell, de Murrayfield, Edimburgo, que gentilmente me permitiu usar o seu nome e que também me deu as suas notas sobre a parte da sessão que lhe diz respeito e que imprimi abaixo.

A Sra. Cadell estava associada ao grupo mencionado, bem como era membro há muitos anos da Society for Psychical Research. Durante vários anos, estudara tanto prática como teoricamente as diversas fases dos fenómenos psíquicos e contribuíra para a revista da S.P.R., bem como para outras publicações semelhantes. Disto se infere que era uma senhora de modo nenhum inexperiente nos procedimentos da sala de sessões, nem desconhecida dos cânones da prova.

De frente para as duas médiuns, enquanto eu ocupava uma cadeira, estavam a Sra. Cadell e a minha esposa. Eu sentei-me perto da secretária onde colocara um gramofone que me comprometera a operar caso fosse necessária música. Também retirara uma das folhas da secretária para servir de mesa de escrita, de modo que pudesse tomar notas da sessão. Não é fácil escrever no escuro, mas eu praticara isso previamente e, por isso, consegui registar a conversa e anotar quaisquer fenómenos à medida que aconteciam.

Estas notas decifrei após cada sessão, quando escrevi um relato completo dos procedimentos enquanto ainda estava fresco na minha mente. Após a luz elétrica ter sido desligada, a sessão abriu com uma oração, no fim da qual se cantou o Salmo 23. As Senhoritas Moore insistem num ambiente definitivamente religioso nas suas sessões. Sempre as encontrei

ansiosas por fazer tudo ao seu alcance para auxiliar a investigação genuína, mas estão não menos convictas de que o tema deve ser abordado de um ângulo distintamente religioso. Para esse fim, desencorajam a leviandade e fazem todos os esforços pelo uso de hinos e salmos santificados por séculos de devoção, ou empregando apenas discos de gramofone dos mestres da harmonia musical para criar condições de reverência e simpatia.

Segue o relato assinado que a Sra. Cadell me autorizou a imprimir.

Notas sobre a Sessão com as Senhoritas Moore realizada em Edimburgo a 23 de maio de 1927. Presentes o Rev. V. G. e a Sra. Duncan, juntamente com as duas médiuns.

O Sr. Duncan manobrou o gramofone e a Sra. Duncan sentou-se ao meu lado e de frente para as médiuns. A sala estava às escuras. A sessão decorreu das 15 às 16 horas. Rezaram-se orações, cantou-se um salmo e depois tocou-se um hino no gramofone. Muito em breve, «Andrew» manifestou-se.

Falou com sotaque escocês rude pelo trompete e tive alguma dificuldade em compreender o que disse. Mas as Senhoritas Moore interpretaram e conversaram encorajadoramente. Esqueci-me de dizer que, antes de «Andrew» começar a falar, ouvi o trompete (propriedade do próprio o Sr. Duncan) zunir até ao teto (que é alto). Ouvíamo-lo mover-se acima das nossas cabeças. Comentei que soava como um morcego a voar. «Andrew» usou-o para falar. Fui tocada no joelho e para cima e para baixo no braço tão suavemente. Depois na face e uma vez perto da orelha. Sentia-se muito frio. O trompete também me acariciou suavemente a frente da cabeça, completamente de um lado ao outro. A carícia era tão suave no efeito que quase poderia ser descrita como afetuosa. Este toque pelo trompete ocorreu em momentos diferentes.

Depois «Andrew» descreveu um oficial jovem e alto de pé atrás de mim. Era muito direito e com ar de rapaz. (Correto para R.) Pouco depois ouvi uma voz baixa, intensamente comovente, dizer: «Mãe, mãe, amo-te. Estou sempre contigo. A morte não existe. Tenho saudades tuas. Sou ‘Cadell’.» O nome «Cadell» veio bastante claro e distinto. Não consegui perceber bem o que disse exceto estas frases. Também consegui captar uma referência a um parente deste lado a quem a voz chamou «Bill», e falou de algumas dificuldades que ele tinha (correto). Os outros não ouviram a

palavra Cadell. As Senhoritas Moore não sabiam o meu nome. Após a voz ter falado, extinguiu-se em silêncio e depois veio uma voz estrangeira curiosa dizendo um nome que soava como «Koha». Era uma voz grave como a de um jovem, e disse-nos que estava a tentar ajudar a melhorar as condições. Depois ouvimos «Andrew» novamente. Ele continuou a insistir e a aconselhar R. a usar o trompete, mas ele não quis fazê-lo. A voz de R. era uma cheia de sentimento e, embora o tom fosse doce (como o dele era), era uma voz fixa e eu não a teria reconhecido como a do meu filho.

Sempre que as vozes cessavam, ligava-se o gramofone. Isso ajudava as vibrações e as vozes recomeçavam. Perto do fim, o gramofone tocou o hino «Hark, hark, my soul, angelic songs are swelling». Todos se juntaram ao canto e depois, de repente, ouvimos uma nova voz juntar-se. Era uma voz masculina muito grave, muito doce, cantando pelo trompete.

ERA INCONFUNDÍVELMENTE A VOZ DO MEU FILHO. Ia e vinha, deixando as notas altas ao gramofone e juntando-se novamente quando vinham as notas baixas. Cantou durante todo o hino. Foi uma experiência celestial. Após o hino terminar, o trompete caiu perto dos meus pés e a sessão acabou. Os outros presentes comentaram todos a profundidade e a doçura da voz e a habilidade com que o cantor «apanhava as vibrações».

Depois, o Sr. Duncan disse-me que ele e os outros pararam de cantar durante o último verso e todos ouviram a voz do jovem cantar sozinho.

(Assinado) MARY L. CADELL.

Surgindo da sessão acima há algumas correspondências cruzadas interessantes. Nos dias 12 e 13 de março de 1928, a Sra. Cadell participou em duas sessões privadas com a famosa médium de transe, a Sra. Osborne Leonard.

Como a Sra. Cadell admite francamente, possui «a mente de investigação psíquica» e gosta de ter cada pequeno elo num caso de teste perfeitamente ligado. Informou-me que deliberadamente se abstém de mencionar a uma médium que alguma vez participou noutras sessões. Na sessão Leonard de 12 de março, Feda (o controlo) disse: «A voz dele (de R.) vem como na sessão de trompete.» Novamente a 13 de março, Feda

disse: «Ele (R.) canta e bastante bem. Algo há pouco tempo te lembrou disso. Tentou fazer-te ouvi-lo cantar. Cantou algo que tinha palavras com uma promessa.» Isso é verdade quanto ao hino «Hark, hark, my soul».

A 3 de outubro de 1929, as Senhoritas Moore vieram para uma sessão na minha reitoria de Hampshire, no decurso da qual este mesmo oficial jovem se manifestou. Deu o seu nome como «Dick». «Sou Dick», disse. Comentei: «Dick, Dick, receio não te situar.»

«Oh», respondeu, «já nos encontrámos antes em Edimburgo.»

«Mas», disse eu, «não podes dar-me mais pormenores? Qual é o teu nome completo?» Então respondeu: «Richard Cadell.»

Continuou a explicar que fora soldado profissional, tendo sido nomeado em 1916. Que estudara em Inglaterra num lugar que soava como «Charterhouse». Terminou dizendo-me que estava interessado nestas notas das sessões que eu estava a fazer e que certamente me ajudaria a pô-las em forma de livro.

Alguns dias depois, escrevi a Sra. Cadell para indagar se a informação alegadamente de Richard Cadell era correta, pois nada sabia deste jovem além do nome. Na sua resposta, a Sra. Cadell escreve:

Querido Sr. Duncan, Muito obrigada pela sua carta. Tudo o que o meu filho lhe disse era correto. Foi soldado profissional, tendo entrado na classe do exército aos 15 anos e sido nomeado em agosto de 1916. Esteve cinco anos na Charterhouse School; um quarto da sua curta vida. Numa sessão com a Sra. Osborne Leonard a 10 de outubro, veio algo que pensei só poder aplicar-se a si, por isso, sem dizer a Sra. Leonard a razão, perguntei-lhe se o conhecia — se sabia onde estava. Ela nunca o conhecera, mas ouvira dizer que encontrara amigos congeniais e sabia que estava em Alresford. Cito as palavras que só podem aludir a si num outro pedaço de papel.

Aqui segue o anexo: Transcrição de uma parte da sessão com a Sra. Osborne Leonard a 10 de outubro de 1929. Feda a falar: R. (o meu filho) foi a uma sessão de trompete porque esperava passar uma mensagem. Disse que foi com pessoas com quem tens uma ligação — um pastor. Conhece-lo (depois foi dita uma palavra que nem eu nem Feda conseguimos captar) ele era o que conhecíamos em Edimburgo. Ele e a esposa criam boas condições psíquicas. Podes escrever ao pastor e pedir-lhe que fique atento por mim.

Estou particularmente ansioso. Ele vai ter mais sessões. Vou tentar obter a voz sem médium. Sei que já (palavras de voz direta em itálico) fiz algo. Esteve com uma médium de trompete. Tentei passar. (Aqui Feda disse que ele ia depressa de mais.) Não sou rápido. Diz-lhe que estou a trabalhar com Rachel. Ele saberá quem quero dizer e há outros. Vamos trabalhar todos juntos. Podes ser convidada para lá. Tenho um motivo ulterior… Ele espera que tudo resulte em algo interessante. Algumas palavras na voz são melhores do que (aqui não consegui anotar depressa o suficiente o que foi dito)…

(Assinado) MARY L. CADELL

A Sra. Cadell acrescenta então: Se não pensa incluir esta correspondência cruzada no seu livro — acho que devo enviá-la à S.P.R., de que sou membro —, pois há pontos que nenhum conhecimento subconsciente poderia explicar, mas pode encaixar com matéria probatória de trompete.

(1) Não o via nem lhe escrevia desde que saiu de Edimburgo, e «Alresford» certamente não era o seu endereço.

(2) A Sra. Osborne Leonard só ouvira falar de si indiretamente. Disse que o seu endereço era «Alresford»; o que estava errado.

(3) O meu filho mandou-me escrever-lhe a pedir que me dissesse se ele passara a mensagem na sua sessão de trompete. Mas não deu o seu nome. Dizer que a esposa do «pastor» era psíquica fez-me ter a certeza de quem se tratava e foi um bom toque probatório… Com saudações amáveis a si e à sua esposa, Muito sinceramente sua, MARY L. CADELL

Agora houve um epílogo interessante à sessão «Leonard» acima, mas primeiro permita-me corroborar a declaração da Sra. Osborne Leonard de que nunca nos encontrámos nem correspondemos.

Na noite de sábado, 26 de outubro de 1929, realizou-se uma sessão de voz direta no gabinete da minha reitoria de Hampshire, em que as Senhoritas Moore foram as médiuns, e estavam presentes o Rev. Lionel Corbett, M.A., J.P., e a sua esposa, de Hockley House, Alresford; a minha esposa e eu.

Nesta sessão manifestou-se uma voz feminina agradável dando o nome «Rachel». Foi reconhecida pelo Rev. L. Corbett e pela sua esposa como a filha deles que «partira» alguns anos antes.

Abaixo está o testemunho assinado do Rev. L. Corbett sobre este incidente.

Na noite de sábado, 26 de outubro de 1929, participei numa sessão na Reitoria de West Tisted — com as Miss Moores. Estavam presentes a minha esposa, e o Rev. V. e Sr.s. Duncan. A minha filha Rachel veio e falou-nos na voz direta — sendo claramente ouvida por todos —, enquanto mais tarde na noite ouvi uma voz de espírito que deu o nome Dick Cadell a conversar livremente com Sr.. e a Sra. Duncan. Gostaria, de passagem, de prestar uma humilde homenagem à mediunidade destas duas senhoras escocesas.

Desde março de 1925, tenho tido o privilégio de me sentar com elas várias vezes, e posso testemunhar os seus poderes notáveis, enquanto para todos os que as conhecem a sua integridade e honestidade de propósito estão acima de qualquer dúvida. Quando as condições são boas e reina a harmonia, obtêm-se resultados verdadeiramente maravilhosos, as «vozes» vindo claras e distintas e geralmente trazendo provas de identidade; tal mediunidade é de facto rara e valiosa e alguém reza devotamente para que sejam poupadas por muito tempo para continuar o seu trabalho nobre e abnegado, dando, como eu sei verdadeiramente, conforto e convicção de sobrevivência a muitas almas tristes e enlutadas.

Mais tarde nesta mesma sessão, «Dick Cadell» veio e, após mencionar a mãe, pediu-me que lhe transmitisse uma mensagem curta, e travámos uma conversa geral.

A ligação com a sessão «Leonard» de 10 de outubro é evidente. Tem aqui um exemplo de correspondência cruzada. As mesmas personalidades a aparecer em sessões diferentes com médiuns diferentes a muitas milhas de distância. Deve também ter-se em mente que a Sra. Cadell não divulgou a Sra. Osborne Leonard qualquer informação que fosse. Foi só após a sessão que o meu nome foi mencionado.

Na noite do mesmo dia, tive uma sessão com as Senhoritas Moore no meu gabinete, sendo a minha esposa e filha as únicas outras pessoas presentes. Nesta sessão, à minha filha foi temporariamente concedido o

dom da clarividência, pois, embora a sala estivesse às escuras, ela conseguia «ver» o trompete a mover-se pela sala no ar e era capaz de nos dizer a posição exata que ocupava em momentos particulares. «Andrew» parecia divertir-se com este teste e falava pelo trompete no lugar que ela indicava. Por exemplo, a minha filha exclamava: «Agora o trompete está por cima da janela perto do canto junto à secretária», e imediatamente «Andrew» respondia a rir: «Sim, certo, irmã joy. Mas já não está aí», e num instante tinha voado para outro lugar no gabinete.

Nesta ocasião, tivemos duas vozes distintas a falar ao mesmo tempo. «Andrew Wallace» mantinha uma conversa animada com a minha filha num lado da sala, enquanto um amigo cavalheiro da minha família, que fora cantor profissional e morrera há mais de dez anos, falava comigo na voz independente no outro lado da sala. Foi também nesta sessão que Richard Cadell se manifestou novamente e falou sem usar o trompete.

Disse que a mãe dele faria uma viagem para sul mais tarde. Ela não viajaria de comboio, mas de carro. Faria um esforço para me ver, mas ele não achava que teria sucesso. A parte de negócios do programa impediria isso. Insistiu novamente para que eu incorporasse estas notas das sessões num livro, afirmando que seria útil para muitos que estavam enlutados, e prometeu novamente ser de serviço na sua produção.

Esta comunicação não me era muito clara na altura; por exemplo, não conseguia entender o que ele queria dizer quando afirmou que a mãe dele combinaria «uma viagem de negócios e prazer para sul». Parecia-me que devia haver alguma confusão e, por isso, não a transmiti a Sra. Cadell.

No entanto, a 10 de março, recebi uma carta da Sra. Cadell (datada de 8 de março de 1930), na qual me perguntava se eu estaria «provavelmente em casa algures entre 22 e 30 de março, pois nesse caso pode haver alguma possibilidade de o ver».

Explicou que planeava uma viagem de automóvel com o marido e outro filho a partir do dia 14 do mês. Não ia ser inteiramente uma viagem de prazer, pois o filho estudava arquitetura e fazia gravuras de edifícios antigos. Por isso, iam «dar a volta a lugares onde ele obterá bom material». Propunham ficar primeiro em Thame, em Oxfordshire, prosseguindo daí para a própria Oxford e depois para Winchester. Era enquanto estivessem em Winchester que a Sra. Cadell achava que nos poderíamos encontrar, e

perguntou-me se eu tentaria encontrar-lhes um hotel adequado nas proximidades de Winchester.

No último momento, os planos dela foram alterados, por isso o encontro contemplado não teve lugar. Tudo isto estava de acordo com a comunicação do filho Richard dada vários meses antes. O tempo não lhes permitiu ir mais para sul do que Oxfordshire.

Neste capítulo, temos vários exemplos de testemunhos independentes que tocam várias pessoas e ocorrem em lugares diferentes e espalhados por um período de tempo. Estes exemplos, além disso, contêm itens de informação dos quais era impossível às médiuns terem qualquer conhecimento. É informação deste tipo e que se revela depois verdadeira que fornece algumas das melhores provas na investigação psíquica.

CAPÍTULO CINCO

No dia seguinte, terça-feira, 24 de maio, a sessão estava marcada para começar exatamente às 15 horas. Observaram-se rigorosamente as mesmas condições e precauções do dia anterior. Apenas uma assistente além de mim e das médiuns: a esposa do diretor de um dos maiores bancos escoceses. Não recebi autorização para publicar o seu nome, por isso refiro-me a ela como a Sra. X. Além de ser membro do meu círculo de estudos, eu não sabia absolutamente nada sobre ela, mas tomei cuidado para que o seu nome não chegasse às médiuns.

Pontualmente às 15 horas, sentámo-nos os quatro, de frente uns para os outros, no meu gabinete. A porta foi trancada, a luz apagada. Rezou-se a oração, cantou-se o Salmo 23 e tocou-se um disco no gramofone. Em poucos momentos, a voz alegre de «Andrew Wallace» fez-se ouvir lá no alto, acima das nossas cabeças. Declarou as condições excelentes, mas disse que ia chamar «Koha» para garantir. Pouco depois, o inglês quebrado de Koha soou pela sala. Parecia andar de um lado para o outro: ora à esquerda, ora à direita, ora perto do teto.

«Eu preparar sala para visitas», explicou.

Imaginei-o como um cavalheiro com um pano do pó, limpando cadeiras.

Como se visse o meu pensamento, interrompeu:

«Não, irmão, eu não usar vassoura, eu forrar parede.»

Só mais tarde soube que o trabalho de Koha era construir uma espécie de câmara etérica isolante, onde o poder psíquico se concentrava, como se «forrasse as paredes».

O facto de o meu gabinete estar reservado só a sessões, sempre fechado, facilitava a preparação prévia pelos espíritos.

Terminada a tarefa, Koha despediu-se, satisfeito.

Novo disco.

No meio da música, Andrew parecia falar com alguém do lado dele.

Depois, diante de Sr.s. X, travou-se o seguinte diálogo:

ANDREW WALLACE: «Há um senhor idoso aqui que quer falar contigo.»

A Sra. X.: «Muito bem, Andrew. Fico feliz, sobretudo se for alguém que eu conheça.»

ANDREW WALLACE: «Conheces, sim. Vejo um laço entre vós.»

A Sra. X.: «Que significa isso, Andrew?»

ANDREW WALLACE: «Geralmente laço de sangue, mas às vezes afinidade de gostos, o que chamais afinidade de interesses.»

A Sra. X.: «Compreendo, mas achas que o meu visitante de hoje é parente?»

ANDREW WALLACE: «Ele diz que sim. O que foi? (parecendo falar com alguém que os nossos sentidos não captam. É difícil reproduzir ou explicar o efeito extraordinário da voz que comunica virar-se de repente para o lado e falar com alguém que não está na nossa dimensão.) Ele diz-me que é teu tio.»

A Sra. X.: «Parece interessante. Qual será o nome dele?»

ANDREW WALLACE: (vira-se: «Qual é o teu nome, amigo?») «Ah, sim, diz que é Grif… Grif… Griffen… não… Griffith. Sorri. Griffith. Conheces?»

A Sra. X.: «Tive um tio Griffith. Conhecia-me muito bem quando eu era rapariga.»

ANDREW WALLACE: «Lá no País de Gales, diz ele. És galesa?»

A Sra. X. (ri): «Sim, vivi lá na infância.»

ANDREW WALLACE: «Ele ia contigo cantar nas aldeias. Tinhas voz bonita. Já não cantas.»

A Sra. X.: «Acertaste, Andrew. Os meus dias de canto acabaram.»

ANDREW WALLACE: «O teu tio Griffith diz que a garganta te anda a dar problemas.»

A Sra. X.: «Perfeitamente verdade. E estou preocupada.»

ANDREW WALLACE: «Ele sabe. Não te preocupes. Vai melhorar. Continua a gargarejar e ele arranja um médico do espírito para tratar disso enquanto dormes.»

A Sra. X.: «Que alívio. Pode ajudar-me assim?»

ANDREW WALLACE: «Claro, faz-se muitas vezes. A alma é mais acessível no sono profundo, percebes?»

A Sra. X.: «Parece muito interessante. Gostaria de saber mais.»

ANDREW WALLACE: «Sim, é muito interessante. Quando dormes profundamente, a alma sai do corpo. Os médicos do espírito podem trabalhar na cura da alma e do corpo. Dão nova força à alma. O que vós chamais reju-reju…»

A Sra.X.: «Rejuvenescer, queres dizer, Andrew.»

ANDREW WALLACE: «Isso mesmo, rejuvenescer; quando volta ao corpo traz essa vitalidade nova e tudo ajuda na cura.»

A Sra. X.: «Pois, soa um pouco misterioso, Andrew, mas devo dizer que é muito razoável. Achas que os médicos do espírito me podem devolver a força à garganta? Ficar-lhes-ia muito grata.»

ANDREW WALLACE: «Sem dúvida, podem fazer isso e muito mais. Mas aqui está o bom homem que quer falar contigo.»

A Sra. X.: «O meu tio.»

ANDREW WALLACE: «Sim, mas não te excites. Lembra-te: é a primeira vez que ele fala assim. Agora, irmão (vira-se), pega no trompete.»

Ouviu-se então uma voz sussurrante, fraca, a tentar falar. Parecia um murmúrio confuso, vindo da zona onde a Sra. X estava sentada.

As duas médiuns animaram o recém-chegado: «Força! Tenta outra vez! Se insistires, consegues!»

Houve mais tentativas, mas o sussurro só enfraqueceu até se extinguir.

«Dá-nos um bocadinho de música, irmão», trovejou Andrew Wallace.

Apalpei o gramofone no escuro; após alguns arranhões dolorosos, o hino encheu a sala.

Enquanto tocava, ouvimos Andrew explicar o método:

«Desces aqui ao lago de poder, percebes? Agarras o trompete. Quando a senhora falar, apanhas depressa as vibrações dela. Não te afobes, toma o teu tempo.»

Parecia um professor terreno a ensinar um aluno a usar uma ferramenta nova.

O disco acabou; a lição não. Andrew pediu um verso cantado «para o amigo ganhar mais força».

Cantámos.

De repente, perto da Sra. X, uma voz masculina, grave, sotaque gales, inconfundível:

«Sou o tio Griffith. O teu velho tio. Que alegria encontrar-te esta tarde! Ouves-me?» «Sim, perfeitamente», respondeu a Sra. X. «Que felicidade. Esperei este dia.»

A Sra. X, admirada: «Quem te avisou?» Riso suave: «Tu. Sabias que vinhas hoje e pensaste tanto nisso que o teu pensamento chegou cá. Chamaram-me e eu vim.»

A Sra. X.: «É muito difícil falar-me assim?» «Primeiro sim. Tive de aprender a abrandar as vibrações; depois o trompete era terrivelmente desajeitado.»

A Sra. X.: «De que maneira?» «Só consigo explicar assim: lembras-te de ir ao dentista, máscara de gás para respirar? Usei um aparelho assim: matéria etérica, metade vossa, metade nossa. Transformador com dois fins:

abranda as minhas vibrações para te encontrar e cria cordas vocais temporárias.»

A Sra. X.: «E a música ajuda?»

VOZ: «Imenso. Liberta poder. Com muito poder, a máscara cola-se melhor à cara; ouves-me mais claro e eu exprimo-me com facilidade.»

A Sra. X.: «Não percebi bem o último.»

VOZ: «Contacto mais íntimo: a máscara envolve garganta, boca, língua, cordas vocais movem-se livres. Não penso na mecânica, só no que quero dizer. É difícil explicar.»

A Sra. X.: «Pergunta pessoal.»

VOZ: «Claro, um teste.»

A Sra. X.: «Se és o meu tio Griffith, diz-me o nome com que me chamavas em pequena.»

VOZ: «Vou tentar.»

A Sra. X.: «Mas tu sabias bem!»

VOZ: «Nomes são sempre difíceis.» SR.S. X. (apressada): «Diz lá! Tenho a certeza que te lembras!»

(Aqui a mais velha das Miss Moore interrompeu.)

MISS MOORE: «Por favor, a Sra. X, dê-lhe tempo. Insistir só o aflige. Ele responde se puder.» VOZ: «Sim, respondo. Deixa um momento; faço o meu melhor.»

MISS MOORE: «Tenho a certeza que dirá antes de irmos. A Sra. X, continue a conversa ou talvez mais música primeiro.»

ANDREW WALLACE (súbito, ao meu ouvido, do lado oposto às médiuns — ângulo quase impossível para elas): «Sim, irmão. Mais um bocadinho de música. O poder não está forte.»

EU: «É pena, Andrew. Sempre que perguntamos, o poder enfraquece. Porquê?»

ANDREW WALLACE: «Nem sempre, irmão, mas muitas vezes. Nomes são o mais difícil. Tu próprio os achas difíceis, irmão.»

Ri-me, lembrando-me: dias antes, visita pastoral a novos paroquianos; toquei a campainha, esqueci o nome, pedi à criada «a senhora da casa». Dezenas de pessoas me contaram o mesmo.

Pus disco novo.

A meio, Andrew falou; desliguei.

ANDREW WALLACE: «Falando em perguntas, irmão: não são as perguntas que nos incomodam (claro que não somos infalíveis); é o ambiente que elas criam. Algumas são armadilhas; atrás de perguntas inocentes esconde-se espírito mau e zombeteiro.»

A Sra. X.: «Mas não neste caso, Andrew.»

ANDREW WALLACE: «Não, senhora. Aqui foi a quebra súbita da conversa e a pressa. Incomodou o teu parente. Lembra-te: primeira tentativa dele.»

A Sra. X.: «Compreendo, Andrew. Desculpa se o magoei. Queria tanto ouvir aquele nome; ele chamava-me assim, seria prova tão forte.»

ANDREW WALLACE: «Não te preocupes. Ele tenta agora, mas o poder está fraco.»

A voz masculina voltou, sussurro débil que cresceu:

«Ouviram-me?»

A Sra. X.: «Não, receio que não.»

VOZ: «Julguei que falava alto. Perdi a vossa vibração. Era o teu nome… Judy, Judy, minha querida.»

A Sra. X.: «Esplêndido! Era mesmo. Ninguém adivinharia. Estou radiante.»

A VOZ: «Dizes às raparigas?»

A Sra. X.: «Talvez diga. Sim, acho que sim.»

A VOZ: «Dá-lhes o meu amor.»

A Sra. X.: «Oh, dou com certeza. Obrigada. Sinto-me tão feliz por te ouvir dizer o meu nome outra vez.»

A VOZ: «Adeus e que Deus te abençoe.»

ANDREW WALLACE: «Ele está a sorrir-te, senhora. Está muito contente por te ter dado essa pequena prova.»

A Sra. X.: «Estou encantada, Andrew.»

ANDREW WALLACE: «Dá-nos o teu amor e simpatia, irmã, e nós fazemos a nossa parte. Agora temos de ir. Boa noite, irmãs, e a ti, irmão. Deus vos abençoe a todos.»

O trompete caiu com um leve tilintar no chão, como se tivesse sido largado a curta distância. De facto, a última voz parecia falar quase ao nível do solo.

As Senhoritas Moore pediram-nos que cantássemos juntas um verso do hino «O dia que nos deste, Senhor, terminou», após o qual ficámos quietos um momento antes de a sala ser novamente iluminada.

CAPÍTULO SEIS

Uma sessão de interesse bastante invulgar teve lugar na noite seguinte à registada no capítulo anterior. Estavam presentes a minha esposa, a Sra. Anderson de Leith, Sr.. James Wilson, diretor da Eastern Cemetery Co., Easter Road, Edimburgo, um Sr.. P. J., também membro conhecido da Royal Academy, as médiuns e eu.

As condições receberam novamente a aprovação entusiástica de Koha, que falou quase logo que o canto preliminar começou. A sua voz estrangeira suave moveu-se em círculo, parando junto a cada assistente e saudando-o com uma pequena palavra de boas-vindas. Pouco depois, os tons altos e claros de Andrew Wallace ressoaram pela sala, parecendo vir de perto do teto. O som audível do tique-taque do trompete ouvia-se a flutuar pela sala bem acima das cabeças dos assistentes. A minha esposa indicou que repousava suavemente na sua cabeça e que sentia os cabelos formigarem nas raízes. As médiuns explicaram que os operadores invisíveis estavam a extrair poder dela.

«Estou a receber o nome Margaret. É para ti, irmã», anunciou Andrew Wallace. «Obrigada», chamou a Sra. Anderson. «Sim, compreendo e sinto-te a tocar-me com o trompete.»

«Sim, ele está a fazer o possível, irmã. Não acho que tenha força para falar. É um homem um pouco acima da meia-idade, não muito alto, mas bem-posto, cara redonda, cabelo grisalho nas têmporas. Tinha a ver com jornais, diz-me.

O quê, irmão?» (a voz saltou para o outro lado da sala e parecia haver uma breve conversa entre dois indivíduos que não estavam no nosso plano de existência.)

«Jornais, percebes, irmã?» continuou Andrew.

«Oh, sim, percebo que és parente dele. Diz que lamenta que estejas tão só hoje em dia. Mas deves consolar-te e, quando pensares nele, ele estará perto. Sim, irmão, ela compreende (e a voz falou como se se dirigisse a alguém invisível). Ele dá-te todo o seu amor, irmã, e pede-te que sejas corajosa por amor aos velhos tempos.»

Uma nova voz sussurrou o nome «Jimmy». O tom tornou-se mais robusto.

«É contigo, Jimmy Wilson. Sou o teu pai.» «Oh, já suspeitava quando me chamaste», riu o Sr. Wilson, explicando-nos que não era a primeira vez que o pai falava através de uma médium. «Disseram-me que virias esta noite.»

«Queres dizer sobre a noite de domingo?» arriscou a nova voz, com sotaque escocês largo.

«Exato», concordou o Sr. Wilson, explicando que na noite de domingo anterior tivera uma sessão em casa com um pequeno círculo privado em que o sobrinho era o médium de transe, e que o pai prometera fazer o possível para se manifestar na presente ocasião.

Aparentemente conseguira, para completa satisfação do Sr. Wilson, pois mantiveram uma conversa íntima durante algum tempo sobre assuntos familiares. Indicou que algo de natureza íntima e privada ocorreria na vida do filho, afirmando que, fosse o que fosse, tinha o pleno acordo da falecida esposa do Sr. Wilson.

Esta alusão algo enigmática, perfeitamente compreensível para o Sr. Wilson mas intencionalmente velada (soube-se depois) para o resto da companhia, foi, segundo o Sr. Wilson, cumprida exatamente.

Operou-se agora o gramofone para induzir as vibrações necessárias, e a voz de Andrew Wallace ouviu-se novamente.

ANDREW WALLACE: «Era o teu pai, irmão Wilson. Está contente por teres podido vir esta noite. Pensaste que não conseguirias.»

O SR. WILSON: «Verdade, Andrew, mas lá me arranjei.»

Outra voz dirigiu-se ao R.A. num tom algo fraco, que de repente se transformou na voz plena e viril de um jovem.

«Sou o George, teu filho», disse, e depois a voz pareceu virar-se para nós: «Fui apagado na guerra.» (Era verdade, soubemos depois pelo pai.)

«Qual é o meu primeiro nome?», perguntou o R.A. ao comunicante invisível. «Robert», veio a resposta imediata, «mas sempre te chamei 'Tallyrand'.» (Era um segundo nome invulgar e forneceu duas provas decisivas: (a) a raridade do nome e da forma de tratamento; (b) a exatidão.)

«Exato», admitiu o R.A., que nos disse que era assim que o filho sempre o tratara em vida, e acrescentou: «Agora tenta dizer-me o que fazias antes de entrares no exército. Qual era o teu trabalho?»

«O mesmo que o teu», veio a resposta sem hesitação. Aqui também, soubemos, a resposta fora correta, pois o filho do R.A. também fora artista antes de ser morto. «E o que fazes agora?» foi a pergunta seguinte.

«Continuo onde parei. Temos artistas deste lado; na verdade, é uma profissão mais popular aqui do que aí. Há maior amplitude para exprimir a beleza.»

«Então pintas quadros?», perguntou o R.A. «Usas pincel como nós?»

«Podemos, se quisermos», respondeu. «Mas a maior parte do nosso trabalho, pelo menos por quem domina a técnica, faz-se pelo poder da imaginação, misturando mente e vontade. Produzimos efeitos magníficos com tons que desconheceis.»

«Soa muito bem», comentou o R.A.

«É magnífico», argumentou a voz, «mas agora, Tallyrand, vou tocar-te.»

O trompete aproximou-se do R.A. e bateu-lhe levemente na cabeça. Aparentemente, porém, a ação foi demasiado súbita ou inesperada, pois ele

ergueu involuntariamente a mão e acertou no trompete. Imediatamente o trompete voou pelo ar e deu um golpe forte na cabeça da minha esposa. Depois disparou pela sala, lá no alto, como um pássaro assustado. As médiuns pediram-nos que ficássemos quietos enquanto a mais velha falava calmamente com ele. Em poucos momentos acalmou e foi até à minha esposa, acariciando-lhe suavemente a cabeça, flutuando depois até ao ombro e encostando-se de leve ao seu rosto.

As médiuns explicaram que os espíritos queriam mostrar-lhe que lamentavam qualquer incómodo. Tinham extraído poder da zona das raízes do cabelo dela, e a interrupção súbita das condições fizera o trompete voar de volta à fonte de grande parte do poder. Pediram-me que religasse o gramofone para ajudar a restabelecer condições favoráveis. Havia uma certa morte no ar que todos sentíamos. Ouvimos o disco até ao fim, mas sem som de voz. Então a Miss Moore mais nova pediu que cantássemos um verso de «Lead kindly light», o que fizemos. Pouco depois ouvimos Andrew Wallace falar num tom algo tenso.

«Lamento muito, irmãs, não poderemos fazer mais esta noite. O poder está muito fraco» (dirigindo-se à minha esposa) «Lamentamos muito, irmã May. Foi um acidente e não queríamos magoar-te.»

MINHA ESPOSA: «Oh, tenho a certeza disso, Andrew. Foi só o choque do momento que me perturbou. Já estou bem.»

ANDREW WALLACE: «Fico contente, irmã, mas acho que temos de fechar agora; as condições estão muito más. Vou pedir a alguém que venha fechar a sessão. Boa noite a todos e que Deus vos abençoe.»

Gritámos «boa noite» e um momento depois uma voz suave e culta pronunciou algumas palavras de bênção.

As Senhoritas Moore pediram-nos que ficássemos sentados um pouco, até os Guias se retirarem. O Sr. Wilson perguntou se ainda havia espíritos presentes, e a Miss Moore mais nova, que é clarividente, respondeu que sim. Sabendo disto, o Sr. Wilson pediu que tentássemos mais fenómenos. As médiuns recusaram, lembrando que após a bênção os Guias se vão e seria imprudente tentar o que fosse. Sentiam que o círculo ficaria desprotegido e aberto a influências indesejáveis. Tinham sido fortemente aconselhadas noutras ocasiões a não continuar após a bênção. Nesse

momento a Miss Moore mais nova disse que alguém tentava construir-se do lado oposto, contra a minha esposa.

Era uma tentativa de materialização. Nesse ponto a minha esposa exclamou que uma massa gelatinosa lhe envolvia as mãos, que repousavam viradas para cima no colo. As médiuns indicaram que havia poder de materialização presente e que o que a minha esposa sentia era ectoplasma. Insistiram em fechar a sessão. Isso correspondeu ao desejo da maioria. As médiuns falaram pois calma mas firmemente a quem quer que estivesse presente, ordenando-lhes que se fossem e nos deixassem até nova ocasião em que os seus Guias estivessem presentes.

Aparentemente o pedido foi atendido, pois a intrusão ectoplásmica inesperada desapareceu e pouco depois acendemos a luz elétrica.

CAPÍTULO SETE

Durante algum tempo antes da visita das Senhoritas Moore à minha casa em Comely Bank, eu participara num pequeno círculo doméstico na casa de um conhecido homem de negócios, o Sr. A. Macdonald, de Inverleith Row, Edimburgo. Éramos cinco no círculo: o Sr. e Sr.s. Macdonald, Sr.s. Gillespie, a minha esposa e eu. Todos amadores, reuníamo-nos todas as quintas-feiras à noite com o único desejo de investigar, com atitude simpática, as alegações do Espiritualismo.

O Sr. Macdonald pôs gentilmente uma sala de sessões à nossa disposição, que só era entrada pela sua esposa, além das reuniões do círculo. Semana após semana, reuníamo-nos com um só propósito nesta sala de cima; começávamos os procedimentos com uma oração e terminávamos com a bênção; sentávamo-nos na escuridão total e concedíamos a quaisquer fenómenos que aparecessem uma receção amigável mas crítica.

Ocorreu-me convidar, com o consentimento dos Macdonald, as Senhoritas Moore para uma sessão privada do nosso círculo na quinta-feira à noite, 27 de maio, na pequena sala que reserváramos em Inverleith Row. Enquanto estavam na cidade, parecia uma oportunidade de ouro para obtermos conselhos práticos sobre as linhas que devíamos adotar para desenvolvimento futuro. As médiuns aceitaram de boa vontade a minha

sugestão, e nessa noite, pontualmente às 19h30, os cinco de nós, com a adição das duas médiuns, começámos a sessão.

Observaram-se exatamente as mesmas formalidades usadas na nossa sessão semanal. Repetimos juntos o Pai-Nosso, cantou-se um hino e o Sr. Macdonald operou o gramofone.

Quase logo que ouvimos as melodias do gramofone, veio o inglês suave e quebrado de Koha, falando rapidamente e com alegria. Foi junto a cada um de nós — a voz saindo do ar aparentemente a um ou dois centímetros da cara. Disse-nos que as condições eram excelentes e prometeu ajudar-nos o melhor que pudesse. Agradecemos-lhe os seus amáveis serviços e elogiámo-lo pelo seu domínio da nossa língua. «Eu falar melhor e melhor quanto mais falar», observou um tanto orgulhoso.

«Há aqui pessoas que não conheceste antes», interpolou a Miss Moore mais velha.

Koha concordou e pareceu dar a volta ao círculo junto a cada um, perscrutando os rostos, dizendo uma palavra a todos por turno. «Eu ir agora», anunciou, «eu abrir caminho para Andrew.»

Um momento depois, os tons claros e ricos de Andrew Wallace chamaram a nossa atenção. Saudou todos pelo nome, acrescentando a promessa de que nos ajudaria na nossa busca o melhor que pudesse.

ANDREW WALLACE: «Há um homem alto e moreno de pé ao teu lado, irmã May. Usa um lenço branco torcido à volta da cabeça. Quer falar contigo.»

Ouviu-se então uma voz estrangeira fluente, usando alguma língua desconhecida. As palavras pareciam tropeçar umas nas outras numa torrente de eloquência.

«O que raio está ele a dizer, Andrew?», perguntou a médium mais nova. «Não percebemos uma palavra.»

ANDREW WALLACE: «Não posso dizer-te, irmã. É um jovem de pele escura.» (A voz pareceu saltar para o lado como se se dirigisse ao estrangeiro: «Vem cá, homem, eles não percebem uma palavra do que dizes.»)

MINHA ESPOSA: «Por que está ele aqui, Andrew; há algo que queira dizer-nos?»

ANDREW WALLACE: «Oh, sim, irmã, quer dizer-te muita coisa, mas não se consegue fazer entender. É um jovem de pele escura, percebes. Viveu num lugar onde havia milhas e milhas de areia, nada senão areia e o sol brilhava fortíssimo.»

MINHA ESPOSA: «Acho que é um árabe, Andrew?»

ANDREW WALLACE: «Sim, é isso — um árabe e é o teu casaco que o trouxe. Gostou da cor. Não o compraste do outro lado do mar?»

(A minha esposa usava um casaco vermelho vivo como uma caixa de correio, guarnecido com trança preta, que comprara em França. Este último facto era desconhecido das médiuns.)

«E há outro jovem de pele escura ao teu lado, irmã Gillespie», continuou Andrew Wallace, e a voz mudou para a direção onde a Sra. Gillespie estava sentada.

SR.S. GILLESPIE: «Como é ele, Andrew?»

ANDREW WALLACE: «É um homem grande — alto — com penas espetadas à volta da cabeça. O quê?» (Novamente a voz saltou para o lado como se falasse com alguém invisível.) «Diz-me que o nome dele é Red Feather. É um índio e o teu Guia.»

SR.S. GILLESPIE: «Já me disseram antes que o meu Guia era um índio norte-americano chamado Red Feather. Gostava de o ver. Não pode falar comigo, Andrew?»

ANDREW WALLACE: «Sim, vai tentar, irmã, e talvez se mostre.»

SR.S. GILLESPIE: «Obrigada, Andrew», e acrescentou apressadamente, «Oh, fui tocada agora; algo está pousado no meu ombro. Parece uma mão.»

A Miss Moore mais nova disse que via, de forma clarividente, um índio alto com um magnífico adorno de penas na cabeça, as da frente vermelhas. Estava de pé atrás da cadeira da Sra. Gillespie com o braço pousado no ombro dela.

A Sra. Gillespie indicou que se sentia controlada e entraria facilmente em estado de transe. As Senhoritas Moore dissuadiram-na vivamente de o fazer, e salientaram que possivelmente teria um efeito perturbador nas condições, consumindo o poder de que precisávamos para a voz direta.

ANDREW WALLACE (dirigindo-se a Sra. Gillespie): «Não entres em transe agora, irmã. O homem grande diz-me que te controlou muitas vezes. É um grande curador e ajudar-te-á com a tua psicometria. Diz-me que te sentiste muito triste, uma espécie de deprimida. É mau para ti e para todos em casa. Red Feather vai tentar levantar o fardo e mostrar-te um novo caminho e o lado luminoso. Havia uma nuvem escura, mas na nuvem estava um número oito dourado e através da fenda do número o sol brilhava.»

Tudo isto aparentemente tinha significado para a Sra. Gillespie, pois disse-nos depois que continha uma mensagem particular para ela. Era uma comunicação muito pessoal e provavelmente por essa razão foi propositadamente tornada obscura para os outros assistentes. Neste ponto, uma voz infantil curiosa mas fascinante, clara como um sino, interveio.

«É a Dodo», explicou a Miss Moore mais velha. É uma menininha de cor que vem muitas vezes às nossas sessões. É uma clarividente pequena e esperta (dirigindo-se à entidade). «Não és, querida?»

Dodo não respondeu a esta última observação; em vez disso, parecia ter-se aninhado perto do Sr. Macdonald, pois ele disse-nos que ela falava bem perto do seu ouvido do lado oposto às médiuns.

«Gosta de Dodo?», perguntou ela numa voz aguda lastimável. O Sr. Macdonald afirmou galantemente que nutria o maior afeto pela maioria das menininhas. «Mas gosta de Dodo? O que é isso?» Esta última pergunta dirigia-se ao gramofone, do qual o Sr. Macdonald estava encarregado. Explicámos-lhe as funções de um gramofone e fomos recompensados com o pedido de uma melodia, ao qual o Sr. Macdonald acedeu.

Durante a execução do disco, Dodo deu uma volta pela sala, parando para uma palavra com cada assistente. Também procedeu a uma demonstração do seu dom clarividente mencionado pelas médiuns. «Vai fazer longa viagem», disse parando diante da Sra. Macdonald. «Sim, vai fazer longa, longa viagem pelo mar, terra onde vivem menininhas pretas.»

«Sim, pensámos em fazer tal viagem», concordou a Sra. Macdonald, «chegaremos lá em segurança e passaremos bem?» (Devo mencionar aqui que nada disto era conhecido das médiuns).

«Vai ter tempo lindo, sem machucados, ver muita gente. Encontrar rela-rela-relações.» (Isto foi pronunciado com dificuldade como uma criança normal a lutar com uma palavra difícil.) «Vai em navio grande, grande e viagem longa de comboio. Vai fazer bem à senhora. Ela não andou bem. Melhor depois de voltar.» Isto era bastante verdade; a Sra. Macdonald andara um tanto debilitada de saúde. Mais tarde, fizeram uma viagem de férias à África do Sul, onde encontraram o irmão do Sr. Macdonald e a sua família, que se tinham estabelecido na África.

Em seguida, Dodo veio até mim. «Vai receber carta em breve de rela-rela-relações», disse, novamente a lutar desesperadamente com a palavra difícil.

«Não recebo muitas vezes cartas de parentes», comentei para ela.

«Nesta vejo bonita imagem», retorquiu, e acrescentou, «uma bonita imagem de senhora com o negrinho.»

Ora, eu recebo uma correspondência postal bastante grande e, no entanto, quase nunca recebo cartas de parentes. No entanto, dentro de três dias desta previsão específica, recebi uma carta de uma parente próxima contendo uma fotografia dela própria e do seu filho de dezoito meses.

Dodo virou-se em seguida para o Sr. Macdonald e dirigiu-se-lhe novamente na sua voz fina e aguda.

«Dodo traz rela-rela-relação para ti», prometeu.

«Quem será?», perguntou o Sr. Macdonald.

«Aqui está ela», anunciou Dodo, e ouvimos uma voz feminina fraca falar bastante claramente, mas apressadamente, como se restasse pouco tempo e cada momento fosse precioso.

«Sim, querida, ouvimos-te», interrompeu a Sra. Macdonald, «não te perturbes, está tudo bem.»

«Quem és?», indagou o Sr. Macdonald.

«Tia-Tia -», lutou a voz.

«Sim, Tia quem?», perguntou o Sr. Macdonald.

«Tia Tina-Christina», respondeu a voz.

«Esplêndido», chamou o Sr. Macdonald. «É a Tia Tina. Estou tão contente por teres podido vir.»

«Isto é maravilhoso, Alick», continuou a voz. «É uma oportunidade. Esperei e esperei por isto, e nunca antes consegui passar para ti.»

«Estou tão contente por teres conseguido, embora eu espere que estejas muitas vezes connosco, mesmo que não te vejamos.»

«Sim, muitas vezes», respondeu a voz, «e vejo também as crianças. Ambas estão a crescer — a mais nova não tão depressa como o irmão. Terás de vigiar esse rapaz, Alick.»

«Qual deles?», perguntou o Sr. Macdonald.

«David», veio a resposta. «Não está muito forte no momento. Vou arranjar ajuda deste lado para ele.»

«Podes fazer isso?»

«Oh, sim», respondeu a voz.

«Gostava que me curasses agora», sugeriu o Sr. Macdonald. «O meu braço dói tanto que mal o consigo dobrar.»

«Verei o que se pode fazer», prometeu a voz. «Um momento enquanto vou buscar um médico do nosso lado.» Houve alguns minutos de silêncio e depois ouvimos uma exclamação aguda do Sr. Macdonald.

«Meu Deus», exclamou. «Senti algo passar pelo braço como uma descarga elétrica e, mais ainda, está melhor. Não é extraordinário?»

Concordámos de coração com ele e felicitámo-lo pela rapidez da cura.

Para elevar as vibrações, cantou-se um verso de hino, e depois ouviram-se novamente os tons caseiros de Andrew Wallace. «Há muitos amigos e parentes aqui esta noite, irmão e irmã Macdonald», disse, e acrescentou «Que multidão de tias tens, homem.»

Fizeram-se alguns comentários de natureza pessoal para eles, e depois seguiu-se uma longa conversa sobre o progresso feito no desenvolvimento

psíquico e o método que o círculo devia seguir para obter os melhores resultados.

Uma nova voz, clara e bem caracterizada, dando o nome de um famoso ministro escocês de outrora, fechou a sessão com algumas palavras bem escolhidas de oração.

CAPÍTULO OITO

Na tarde seguinte à nossa sessão em Inverleith Row, arranjou-se uma sessão especial na casa de um conhecido K.C. de Edimburgo. Não tenho autorização para usar o seu nome, por isso refiro-me a ele como o Sr. Sidney Charters.

O homem de negócios que me acompanhou na minha primeira sessão de voz fora convidado, e combinara passar às 14h30 com o carro para levar a minha esposa e a mim à sessão.

À sua chegada à nossa casa em Comely Bank, notámos que mancava bastante e perguntámos a razão. Disse-nos que fora jogar golfe no dia anterior e torcera bastante a cartilagem do joelho. Causara-lhe grande dor durante a noite e só com o maior esforço conseguira vir naquela tarde. «Se não fosse pelo facto de ir a esta sessão, e que seria uma desilusão tão grande para mim, não teria vindo», disse, e acrescentou «Não acho que mais nada me tivesse arrastado para fora.» Pediu-nos que não mencionássemos o seu acidente a ninguém, pois poderia ser um pequeno teste, e disse que tentaria disfarçar o mancar para não ser notado.

O apartamento para onde íamos ficava dois lanços de escadas acima, e enquanto o meu amigo se arrastava por elas acima senti que teria dificuldade em esconder a sua deficiência. No entanto, a senhora da casa com as médiuns aguardava a nossa chegada, e só tivemos uma breve conversa geral antes de entrar na sala de sessões — o meu amigo ficando bem atrás enquanto entrávamos e assim encobrindo a coxeadura.

A nossa anfitriã explicou que o marido não podia juntar-se ao círculo naquele dia pois estava indisposto. (Isso tornava o nosso grupo mais pequeno.) Estavam presentes: a Sra. Sidney Charters, a minha esposa, o Sr. L. (o meu amigo coxo), as médiuns e eu. Sentámo-nos às escuras. Os

procedimentos preliminares foram realizados exatamente como descrito anteriormente. Cantou-se o salmo habitual e repetiu-se o Pai-Nosso, seguido de um disco tocado no gramofone.

«O trompete está no ar», anunciou a Miss Moore mais velha, e ouvimos o som característico de tique-taque que parecia vir de perto do teto. Devo mencionar que nesta sala particular onde estávamos (que era bastante grande) o teto era excecionalmente alto. Koha, o Guia índio, ouviu-se falar com as médiuns. Informou-as de que as condições não eram tão boas como esperara, mas faria tudo o que pudesse para tornar a nossa sessão um sucesso.

Veio junto a todos nós — pelo menos assim parecia, pois a voz dizia uma palavra pessoal de frente para cada assistente. Deixou-nos com uma admoestação final de que nos sentássemos direitos e déssemos toda a nossa simpatia aos amigos do Espírito e eles por seu turno fariam o melhor que pudessem por nós. Houve uma pausa de alguns momentos e depois a voz caseira escocesa de Andrew Wallace gritou uma saudação. «Vou ajudar-vos todos hoje», prometeu, «e ireis para casa felizes.» Agradecemos-lhe calorosamente, e ele continuou a dizer que estava a receber o nome «John».

ANDREW WALLACE: «Está ligado contigo, irmã Charters. Conheces um John? Tens de recuar até aos dias em que eras jovem. Diz-me que gostava de desenhar.» A Sra. Charters admitiu que conseguia situar a pessoa nomeada.

ANDREW WALLACE: «Bem, diz-me que a mãe dele vai ser posta em contacto contigo, percebes, e que ela te dará um dos desenhos dele.»

SR.S. CHARTERS: «Oh, ela nunca faria isso, Andrew, valoriza tudo dele de mais para se desfazer de alguma coisa.»

ANDREW WALLACE: «Não te preocupes com isso. Digo-te que a mãe dele te dará um dos desenhos dele e será de uma cena que ambos conheceis bem. Agora lembra-te do que Andrew te disse quando o receberes.»

SR.S. CHARTERS: «Oh, não me esquecerei, não temas.»

A Sra. Charters informou-me desde então que esta previsão se cumpriu à letra. Foi posta em contacto com a mãe de «John» e esta senhora algum tempo depois e, para espanto da Sra. Charters, ofereceu-lhe um dos

desenhos do filho. É uma bela paisagem nevada, que ela reconheceu como previsto. Eu próprio vi e admirei o desenho agora na sua posse.

Andrew dirigiu-se em seguida a mim.

ANDREW WALLACE: «Vejo nuvens escuras a acumular-se à tua frente, irmão. Estão a tornar-se cada vez mais escuras, mas deves manter-te firme. No próximo ano os céus estarão negros para ti, mas tem coragem, irmão, os povos do Espírito estão todos atrás de ti. Confia neles e nunca te deixarão cair.»

Esta foi a primeira indicação que tive de uma tempestade a formar-se, que no ano seguinte ameaçou engolir-me. O facto de os meus sermões, pregados na Igreja de St. Andrew, Edimburgo, sobre Investigação Psíquica, serem publicados semana a semana no Edinburgh Evening Dispatch, um dos jornais mais lidos da Escócia, levantou uma tempestade de protesto. A minha saca de correio refletia não só numerosas cartas encantadoras e graciosas de agradecimento, mas também muitos ataques ameaçadores e venenosos.

Essa saca de correio foi uma revelação para mim — mostrou-me quão difundido era o profundo desejo de bons membros da Igreja, bem como de outros fora das nossas fronteiras, por provas tangíveis de que os seus mortos sobreviviam. Mostrou-me também que entre grandes números este desejo saudoso se tornara uma exigência urgente.

Que homens e mulheres estejam tão profundamente comovidos e, no entanto, tão claramente insatisfeitos pode ser em si uma indicação de que a prova que tanto desejam existe de facto. O psicólogo cristão já alega que este desejo inerente contém em si um elemento de prova válida. Mas na melhor das hipóteses é um argumento tentativo e de modo nenhum indiscutível.

Para o homem comum, no entanto, a necessidade dos tempos é por provas mais diretas e objetivas da existência dos seus amigos que passaram para além do véu. Está admiravelmente resumido pelo Professor Malinowski no Listener de 29 de outubro de 1930. Falando «não como especialista, mas simplesmente como homem pensante e sensível», diz: «Pessoalmente, sou agnóstico. Não sou capaz, isto é, de negar a existência de Deus; nem estaria inclinado a fazê-lo, ainda menos a afirmar que tal crença não é necessária. Também espero fervorosamente que haja

sobrevivência após a morte, e desejo profundamente obter alguma certeza sobre o assunto.»

Aqui está um pedido sincero por prova que as igrejas serão cada vez mais compelidas a enfrentar. Na minha opinião, a investigação psíquica fornece os melhores e possivelmente os únicos materiais para uma resposta. É a *raison d'être* deste livro. Para voltar à nossa sessão da tarde, Andrew Wallace falou em seguida ao meu amigo da primeira sessão de voz.

ANDREW WALLACE: «Não estás muito bem, irmão. Sei que andaste a jogar com as bolinhas.»

«Verdade», riu o meu amigo R. «E desta vez pregaram-me uma partida.»

ANDREW WALLACE: «Sei disso. É o teu joelho que te incomoda?»

«Acertaste outra vez, Andrew», respondeu o meu amigo. «Tem sido bastante doloroso. O que posso fazer?»

ANDREW WALLACE: «Vou ver. Espera um minuto e tento arranjar-te um médico do Espírito.»

Pouco depois ouvimos uma conversa espantosa entre duas vozes independentes, com Andrew Wallace a intervir ocasionalmente. Era aparentemente uma discussão sobre a vida futura, travada por duas pessoas noutra esfera. Por fim, Andrew explicou este fenómeno intrigante. Dissera que pedira a dois médicos do Espírito para vir à sessão e examinar o joelho do meu amigo. Um deles fora ateu enquanto vivera num corpo terreno e ainda não percebera que passara para um modo de existência diferente. O outro médico fazia o possível para o esclarecer e alistar a sua ajuda no caso do meu amigo. Tínhamos estado a ouvir a discussão deles.

ANDREW WALLACE: «O médico vai poder ajudar-te, irmão.»

«Obrigado Andrew, espero que sim», respondeu o meu amigo, e depois deu um grito agudo de dor.

«O que se passa?», exclamámos todos.

«Meu Deus», gritou, «sentiu-se como uma sonda a perfurar entre as articulações do meu joelho; foi uma picada aguda. Espero que não haja mais, Andrew?»

ANDREW WALLACE: «Não te preocupes, irmão. O médico sorri-te e diz-me que agora estará tudo bem.»

«Fico contente», observou o meu amigo, «e estou muito grato pela vossa ajuda.»

Seria bom salientar aqui que, a partir desse momento, o meu amigo nunca mais sentiu uma pontada de dor no joelho. Desceu as escadas sem sinal de coxeadura e não teve mais problemas com a perna desde aquela tarde. No final deste estranho ato de cura, sentimos uma brisa fria soprar pela sala e a Miss Moore mais velha disse que os povos do Espírito estavam a criar uma condição vibratória para algum propósito especial. Observara isso muitas vezes noutras sessões. Todos notámos particularmente quão frio o ambiente parecera tornar-se. Fenómenos semelhantes foram verificados cientificamente por investigação cuidadosa.

Sir William Crookes observa-os no seu livro «The Phenomena of Spiritualism», p. 86, e foram especialmente estudados pelo Sr. Harry Price em várias sessões com a médium Stella C., uma rapariga inglesa de 22 anos. O Sr. Price usou um termómetro registador e descobriu que a redução máxima de temperatura atingiu 20,5 graus Fahrenheit. A maior queda ocorreu quando os fenómenos eram mais intensos. No fim de uma sessão, a temperatura era novamente normal, o ligeiro aumento devendo-se ao calor gerado pelos assistentes.

Andrew Wallace informou-nos agora que a Sra. Charters ia receber uma flor. Foi para esse fim que a força tinha sido aumentada. Pediu à Sra. Charters que escolhesse a cor da flor que preferia, e ela pediu cor-de-rosa. Sentámo-nos expectantes durante algum tempo em silêncio. Depois ouvimos um som de restolho vindo da direção da lareira. Os médiuns perguntaram-nos se tínhamos notado. Assegurámos-lhes que sim.

De novo veio o restolho da lareira e o som de uma flor a ser retirada de uma jarra, e no momento seguinte uma exclamação da Sra. Charters e ela disse-nos que uma flor tinha sido colocada nas suas mãos enquanto estas repousavam com as palmas para cima no seu colo. O cravo, pois foi isso que se revelou ser quando as luzes foram acesas, revelou-se ser cor-de-rosa.

Após esta pequena demonstração de telecinesia, Andrew indicou que Dodo estava presente e gostaria de falar connosco. Foi atraída primeiro para a minha mulher.

DODO: "O' gosta de meninas pequenas."

A minha mulher concordou e teve lugar uma curta conversa geral entre elas, para ser interrompida por Dodo comentando excitadamente sobre um bonito broche pertencente à minha mulher.

MINHA MULHER: "Que broche queres dizer, querida?"

DODO: "O bonito que a senhora está a usar."

MINHA MULHER: "Consegues ver isso, Dodo?"

Esta pergunta foi motivada pelo facto de todos termos mantido os casacos vestidos em vista da possibilidade de uma descida da temperatura na sala da sessão. O facto de a minha mulher estar a usar um broche no vestido por baixo de dois casacos era conhecido apenas por ela própria. Que tal ornamento seria naturalmente usado por uma senhora, claro, poderia facilmente ter sido inferido, e por isso perguntou a Dodo por uma descrição.

MINHA MULHER: "Pergunto-me, Dodo, se me poderias dizer algo sobre o meu bonito broche. Gostas da sua forma ou cor?"

DODO: "Sim, o broche da senhora tem uma cor bonita — castanho-esverdeado."

MINHA MULHER: "E quanto à forma, Dodo?"

DODO: "Como mosca... o que chamam... borbo... borbo leta."

MINHA MULHER: "Esplêndido, Dodo. Que menina esperta és. Achas que me poderias dizer mais alguma coisa sobre ele?"

DODO: "Sim. Senhora comprou bonito broche muito, muito longe daqui, do outro lado do mar noutro país."

MINHA MULHER: "Isso é perfeitamente verdade, Dodo. Estou tão contente por teres conseguido descobrir isso."

O broche em questão era uma borboleta de cor castanho-esverdeada e feito de uma espécie de chifre. A minha mulher trouxe-o "do outro lado do

mar noutro país", ou seja, enquanto estava de férias em Blankenberghe, na Bélgica.

"Dodo encontrou o' antes," comentou a curiosa voz infantil transferindo a sua atenção para o meu amigo, o Sr. R.

"Sim, já nos encontramos antes."

"Uma vez," insistiu Dodo.

"Sim, só uma vez."

"Senhora veio aqui pelo o'," disse Dodo.

"Isso é ótimo, Dodo. Ela vai poder falar comigo?"

"Não hoje, a força quase acabada agora," respondeu Dodo.

"Oh, lamento tanto isso."

DODO: "O' tem algo aqui pertencente à senhora, ela diz-me. O' trouxe algo especial para teste. Não, não é a fotografia dela."

"Não, não é isso, Dodo. Agora vou tirá-lo do meu bolso e segurá-lo na mão, e quero que vejas se me podes dizer o que é."

DODO: "Sim, eu tento."

O meu amigo tirou algo do bolso e segurou-o na mão, no escuro — nenhuma pessoa na sala exceto ele próprio sabia o que era e senti pela nota de excitação na sua voz quando falou a seguir que o considerava como um teste crucial.

MEU AMIGO: "Ficaria encantado, Dodo, se me pudesses dizer o que é isto? Tenta com força, Dodo."

DODO: "É preto."

MEU AMIGO: "Sim, isso está certo, Dodo, isso está certo. Agora o que é?"

Houve uma pausa como se Dodo o estivesse a estudar intensamente.

DODO: "É algo que ela usava."

MEU AMIGO: "Oh, és ótima, Dodo. Sim, é algo que ela usava e é preto."

DODO: "Algo que ela punha — sim, puxava."

MEU AMIGO: "Exato. Só mais uma palavra, Dodo, e não te incomodo mais. O que era?"

DODO: "Luva."

"Certo," rugiu o meu amigo, "absolutamente certo. És uma menina esperta, Dodo."

DODO: "Dodo adora ajudar as pessoas na terra."

Houve silêncio por alguns momentos, e depois ouviu-se a voz robusta de Andrew Wallace falando perto do chão.

ANDREW WALLACE: "A força está a ficar muito fraca. Tenho de vos dizer, Irmã Charters, que o vosso marido vai ouvir algumas notícias dentro de quatro. Percebeis isso."

A SRA. CHARTERS: "Vou dizer-lhe o que dizeis, Andrew."

ANDREW WALLACE: "Sim, há uma conversa terrível sobre ele em alguma reunião que conheceis. Não está resolvido. Há algum contratempo sobre isso. Mas vai correr tudo bem no fim, dizei-lhe."

A SRA. CHARTERS: "Estou contente por pensardes que tudo está satisfatório."

ANDREW WALLACE: "Oh, sim, é satisfatório, percebeis, mas não será tão cedo como ele espera. Mas vai conseguir o lugar e vai muito para sul. Vejo-o numa cidade, uma cidade muito grande."

Estes comentários algo nebulosos foram expandidos com maior detalhe numa sessão privada na minha própria casa quando o próprio K.C. esteve presente. Refere-se a uma predição que lhe foi feita então, de que ele abandonaria a sua carreira na advocacia por um cargo em Inglaterra. Tudo isto foi desde então verificado.

Andrew indicou novamente que a força estava esgotada, mas antes de ir descreveu a mãe do meu amigo a ele, e indicou que ela lamentava não poder falar-lhe naquela tarde.

"Ela envia o seu amor a ti e aos teus dois irmãos," disse ele, e com um adeus final a todos nós, a sessão foi terminada.

CAPÍTULO NOVE

No sábado à noite (28 de maio), os participantes eram o Dr. Barker de Carlton Terrace, Edimburgo, um proeminente médico da cidade com uma grande clientela; o Sr. White, de Balcarres Street, Edimburgo; a Srta. L. F. com uma parente senhora; a minha mulher, os médiuns e eu próprio. A sessão foi realizada na minha casa em Comely Bank. As condições eram evidentemente boas, pois Koha foi ouvido a falar quase assim que o canto preliminar começou. No devido tempo, os tons característicos de Andrew Wallace foram ouvidos bem acima das cabeças dos participantes. Ele chamou o nome de «Fergus» ou «Ferguson» e disse que era para as duas senhoras.

«Quer dizer as Senhoritas Moore?», perguntei.

«Não, não, irmão, quero dizer as duas estranhas. Há alguém a perguntar por elas. É o pai de uma de vós.»

Uma breve descrição da forma espiritual de um homem de pé ao lado de uma das senhoras indicadas foi dada por Andrew, e foi rapidamente reconhecida.

«Ele pode falar connosco?», perguntou a Srta. L. F.

«Vai tentar, irmã», respondeu Andrew, e depois, aparentemente falando com alguém invisível, disse encorajadoramente: «Vem lá, irmão, e pega no trompete.» Houve um curto intervalo e depois ouviu-se uma voz a sussurrar um nome que soava como «Lily», ou «Lilian» para a senhora participante que tinha falado anteriormente. «Sim, querido, tenta falar um pouco mais alto.»

«Vou fazer o meu melhor», sussurrou a voz e houve um aumento percetível no volume. «Tens andado preocupada com aqueles malditos papéis», continuou, «e isso está a afetar a tua saúde.»

«Sim, eu sei.»

«Bem, não deves preocupar-te. Tudo vai ser esclarecido num tempo muito curto, e vais partir.»

«Partir», ecoou a Srta. L. F.

«Sim.»

«Quando é que isso vai acontecer?», perguntou a Srta. L. F., incrédula.

«No fim do ano», veio a resposta da voz.

«E para onde vou?», perguntou a Srta. L. F.

«Ceilão», foi a resposta em tom inequívoco.

Devo interpolar que desde então soube que a predição acima foi cumprida e a Srta. L. F. partiu para o Ceilão como registado.

A voz foi então ouvida a falar aparentemente em frente da Srta. L. F. e a conversa dizia respeito a alguns parentes de Perthshire que tinham passado para o outro lado. Para que a identidade pudesse ser estabelecida, o comunicador deu uma descrição de uma fotografia a ser encontrada num velho álbum numa mala preta depositada num sótão.

Uma nova voz anunciou então o nome de «William» e o Sr. White disse que sentia que era para ele. Disse que estava a ser tocado por trás e ao perguntar quem era, «Andrew Wallace» interrompeu declarando que era a mãe dele.

ANDREW WALLACE: «Não trouxeste algo contigo? Ela diz-me que trouxeste algo que lhe pertencia.»

SR. WHITE: «Exato, Andrew, e ninguém sabia disso exceto eu próprio.»

ANDREW WALLACE: «Nem mesmo a tua irmã.»

SR. WHITE: «Oh, então sabes que tenho uma irmã?»

ANDREW WALLACE: «Oh, eu sei tudo sobre ti. Não pensaste em trazer nada a princípio e depois lembraste-te depois.»

SR. WHITE: «Isso é bem verdade. Eu estava mesmo a sair de casa, e então lembrei-me e corri de volta para casa por este artigo pertencente à minha mãe. Podes dizer-me o que é, Andrew?»

ANDREW WALLACE: «Tens de me dar tempo. A tua mãe diz-me que era algo que ela usava.»

SR. WHITE: «Certo outra vez — era um broche ou um medalhão?»

ANDREW WALLACE: «Não, não, não tentes apanhar-me.»

SR. WHITE: «Não faria isso, Andrew.»

ANDREW WALLACE: «A tua mãe diz-me que era a corrente dela e estás a usá-la.»

SR. WHITE: «Isso está bem certo e ninguém mais sabia disso.»

ANDREW WALLACE: «Exceto a tua mãe. Estás a usá-la como corrente de relógio. E ela diz-me isto sobre o tempo do aniversário dela.»

SR. WHITE: «Sim, Andrew, que aniversário — pode ela dizer-me?»

ANDREW WALLACE: «Alguns diriam que era um 'dia de morte', mas ela chama-lhe o dia de nascimento dela, o dia de ressurreição para uma nova vida.»

SR. WHITE: «Eu compreendo perfeitamente, Andrew, e isso deixou-me muito feliz.»

ANDREW WALLACE: «Ela vai tentar falar contigo.» (A voz passou para mim.) «Irmão, dá-nos um pouco mais de música.» Pus um disco e enquanto a música tocava sentámo-nos a escutar expectantes. Ouviu-se uma voz feminina, falava fracamente e indistintamente, sendo reconhecível a palavra «mãe» seguida da declaração de que «mãe» ajudaria o participante. A voz tornou-se mais forte e mais definida, dirigiu-se ao Sr. White chamando-lhe «Bill». «Tens de cuidar do pai e da Nell», disse a voz que pretendia ser a da mãe do Sr. White, «Estou tão contente por poder falar contigo.»

SR. WHITE: «Estou impressionado, mãe; é quase além da crença. Sabes como duvidei.»

A VOZ (tristemente): «Sim, mas agora está tudo bem. Diz à Nell e ao pai que eles devem saber. Gostava de poder falar com eles.»

SR. WHITE: «A Nell vem para aqui. Tens de tentar comunicar.»

A VOZ: «Vou, mas há muitos que querem falar.»

SR. WHITE: «E estás feliz?»

A VOZ: «É lindo e vai ser ainda mais lindo quando estivermos todos juntos.»

SR. WHITE: «Vou dizer-lhes; vão ficar tão contentes.»

A VOZ: «Não posso ficar mais tempo. Dá o meu amor a todos em casa.»

SR. WHITE: «Obrigado, mãe.»

Houve uns momentos de silêncio após este delicado encontro entre mãe e filho. A fria impressão não pode reproduzir a emocionante beleza daqueles poucos minutos tensos. O próprio ar parecia elétrico com uma maravilhosa alegria recém-descoberta.

Andrew chamou em seguida o nome «Duncan».

«Sim», respondi. «O que queres dizer-me, Andrew?»

ANDREW WALLACE: «Não é a ti que quero, irmão, é a outro Duncan.»

«Oh, mas sou o único Duncan aqui, Andrew, a menos que te refiras à minha mulher», disse eu.

ANDREW WALLACE: «Não é ela também — é outro Duncan.»

DR. BARKER: «Pergunto-me se é a mim que queres, Andrew?»

ANDREW WALLACE: «Sim, é a ti que quero e não és um médico?»

DR. BARKER: «Sim, sou médico e o meu nome é Duncan.»

(Isto foi uma surpresa para mim, pois não sabia que este era um dos nomes cristãos do Dr. Barker).

ANDREW WALLACE: «Há uma senhora aqui que quer falar contigo.»

DR. BARKER: «Realmente, ficarei muito satisfeito em ouvi-la.»

ANDREW WALLACE: «Ela era uma das tuas pacientes e diz-me que falou contigo sobre este assunto antes de passar para o outro lado.»

DR. BARKER: «É assim?»

ANDREW WALLACE: «Sim e ela está muito grata a ti por lhe teres trazido isto. Foste o meio de fazer isso, diz-me ela. Não lhe emprestaste alguns livros?»

DR. BARKER: «Pode ser que sim.»

ANDREW WALLACE: «Ela diz-me que tentou mostrar-se a ti a outra manhã no teu quarto.»

DR. BARKER (rapidamente): «O quê?»

ANDREW WALLACE: «Ela tentou mostrar-se a ti — na parede do teu quarto. Ela pensou que a viste. Viste?»

DR. BARKER: «Agora isso é bastante notável. Certamente vi uma visão. Pensei que era uma das minhas pacientes que passou recentemente para o outro lado, na parede do meu quarto. Não mencionei isso a ninguém, caso pensassem que eu estava a sofrer de alucinações.»

ANDREW WALLACE: «Ela está a sorrir. Está muito contente por a teres visto. Ela saiu passando pela parede do teu quarto.»

DR. BARKER: «Qual é o nome dela, Andrew, podes obter isso?»

ANDREW WALLACE: «Ela está a mostrar-me um grande S. Está a chamar 'Sally, Sally'.»

DR. BARKER: «Eu compreendo, Andrew. Esse é o nome dela. Gostava que ela pudesse falar, pede-lhe para tentar, Andrew.»

ANDREW WALLACE: «Ela não está aqui há muito tempo. Mas vai fazer o melhor que puder. Vem lá, irmã.»

Uma nova voz de mulher, bastante alta e clara, foi audível para todos os participantes. Dirigiu-se ao Doutor, chamando-lhe «Duncan».

DR. BARKER: «Oh, Sally querida, és mesmo tu?»

Sally (falando rapidamente): «Sim, Duncan, pretendia comunicar se pudesse, disse que o faria.»

DR. BARKER: «Sim, disseste que o farias e fizeste-o. Estou encantado.»

SALLY: «Viste-me?»

DR. BARKER: «Sim, vi-te na parede, mas mal podia acreditar nos meus olhos. Pensei que era apenas um truque dos sentidos.»

SALLY: «Nada disso; era eu mesmo.»

DR. BARKER: «Era tudo o que esperavas, Sally?»

SALLY: «Melhor do que esperava. Estou terrivelmente feliz. Não posso ficar mais tempo... a força está a acabar... adeus.»

DR. BARKER: «Adeus, Sally. Deus te abençoe.»

O Dr. Barker explicou-nos que esta era uma peça de evidência particularmente boa. «Sally» era uma das suas pacientes que tinha sofrido de uma doença da qual quase certamente nunca recuperaria. Nas circunstâncias, ele tinha-lhe emprestado livros sobre Investigação Psíquica e tinha feito o melhor que pôde para preparar a mente dela para o inevitável. Tinham entrado num pacto de que, se fosse possível para ela, «Sally» voltaria e faria a sua presença conhecida dele. Ninguém exceto eles próprios sabia da existência deste pacto que agora era tão maravilhosamente cumprido.

Andrew Wallace, que falou mais livremente do que o habitual nesta sessão, disse ao Dr. Barker que sabia que ele era um homem de medicina pela sua aura. Ao ser perguntado se todas as auras dos médicos eram iguais, respondeu negativamente. Insistiu que, além da sua profissão escolhida, o doutor era um curador natural.

Perguntou-lhe se ele próprio não tinha observado nuvens roxas em várias ocasiões quando estava ocupado com o seu trabalho. O doutor reconheceu que isso era um facto e que muitas vezes se perguntara o que significava — se seria alguma ilusão ótica ou se os seus olhos precisavam de atenção profissional. Nesta sessão, a pequena menina de cor conhecida como Dodo também veio, e deu-me alguma informação divertida e importante.

Ela disse-me que eu passaria umas férias muito agradáveis no Sul. Seria perto do mar. Isso foi correto, pois fiquei para as minhas férias de verão em Westgate-on-Sea, na costa de Kent. Ela disse definitivamente que eu deixaria a Escócia. Quando eu, em tom de brincadeira, sugeri que ela estava a confundir as minhas férias com outras coisas, repudiou a ideia. Não, seria uma partida permanente do Norte para o Sul.

Eu ficaria, afirmou ela, numa cidade grande, grande por um curto tempo e depois atravessaria um rio para um lugar encantador onde crescem muitas, muitas flores. Informou-me que a igreja ficava numa colina. Todos estes itens interessantes literalmente se concretizaram. Dodo é, sem dúvida, uma clarividente muito fiável.

A sessão foi terminada com uma bênção pronunciada numa voz nova, clara e culta, afirmada ser a de um clérigo.

CAPÍTULO DEZ

Domingo seguiu os eventos registados no capítulo anterior. Neste dia, tive dois serviços pela manhã e a oração da noite à noite, enquanto estava livre à tarde. A minha mulher e eu decidimos que às 15 horas iríamos juntos para a sala da sessão e ver se podíamos obter alguns resultados nós próprios. Sentámo-nos de frente um para o outro com o trompete entre nós na escuridão completa.

Abrimos a nossa sessão com o procedimento familiar habitual, oração e música, e sentámo-nos por algum tempo considerável sem o menor sinal de qualquer fenómeno. Vários discos foram tocados, e por fim ouvimos batidas fracas mas inconfundíveis no trompete, mas nenhum som de voz. Foi fornecida mais música enquanto tentávamos coaxar quem quer que pudesse estar presente a falar connosco, ou pelo menos indicar de alguma forma apreensível a sua proximidade. Por fim, apareceu uma luz no topo do trompete. Era de grande brilho.

Observámo-la subir do trompete e flutuar pela sala para uma posição que julgámos ser no topo da minha secretária. Ali permaneceu, mudando de forma de modo a assumir a forma de um holofote em miniatura apontando da secretária para o trompete. Nada mais aconteceu nesta tarde de domingo, de modo que, embora a sessão deva ser pronunciada em grande parte negativa, no entanto, uma sequela a este acontecimento será encontrada na sessão que foi realizada na tarde seguinte.

Às 15 horas nesta segunda-feira em particular, estavam presentes a Sra. Stewart de Grinan, Brompton Terrace, Perth e uma Sra. A., que vivia numa casa rodeada por belos terrenos a alguns quilómetros de Edimburgo, a minha mulher, os médiuns e eu próprio. As duas senhoras eram ambas completas estranhas para mim, assim como para a minha mulher e os médiuns.

Além disso, nunca se tinham encontrado antes de se verem na minha casa naquela tarde e nem mesmo então foram apresentadas até depois de a sessão ter terminado. Koha, o guia indiano, manifestou-se numa fase inicial

dos procedimentos, e anunciou que teríamos uma sessão invulgarmente interessante. Disse à Sra. Stewart que ela acabara de vir do Sul e parecia saber que ela tinha tido uma viagem agradável. Esta era informação precisa, pois esta senhora tinha chegado de Surrey dois dias antes da sessão. Também a informou corretamente de que ela tinha estado com parentes, mas que a sua casa era mais a norte.

Virando a sua atenção para a Sra. A., comentou o seu belo jardim. Mostrou um conhecimento detalhado destes arredores ao comentar o riacho que corria pelos terrenos, ao dar uma descrição verdadeira da casa, e ao mencionar os seus animais de estimação, particularmente um papagaio. Não me recordo de Koha falar tão longa e fluentemente como fez nesta ocasião.

Andrew Wallace interrompeu com um grito alto e algo surpreendente perguntando: «Como vos estais a sair?» Ele também parecia especialmente feliz esta tarde, e anunciou que queria que todos nós fôssemos embora satisfeitos. Continuou a descrever a figura de um homem ao lado da Sra. Stewart, que reconheceu a descrição e perguntou a Andrew se ele poderia fornecer-lhe o nome do cavalheiro.

ANDREW WALLACE: «Oh, sim, vou tentar obtê-lo para ti. O quê?» (Houve uma pausa como se estivesse a escutar). «Ele diz-me que o nome dele é 'Jim', 'Jim'.»

SRA. STEWART: «Oh, isso está certo, Andrew. Agora pergunto-me se podes fazê-lo falar comigo.»

ANDREW WALLACE: «Vai fazer o melhor que puder. Não era ele um professor? Eu recebo muita música com ele como se ele tivesse algo a ver com um órgão.»

SRA. STEWART: «Exato, Andrew. Mas não direi mais sobre ele agora, compreenderás.»

ANDREW WALLACE: «Sim, eu sei que queres isso para evidência. Vou dar-te a evidência se me deres a tua simpatia. Não é assim, irmão?» (Este último comentário foi dirigido a mim e devo chamar a atenção para a forma surpreendente como a voz de Andrew passou de um lado da sala para mim e falou bem perto do meu ouvido do lado afastado dos médiuns.)

Ouviu-se uma voz agradável e bem definida a falar com a Sra. Stewart. Afirmava ser a do pai dela. Deu o seu nome. Falou de coisas íntimas conhecidas apenas por eles próprios. Falou de uma pessoa cuja existência era desconhecida para qualquer outra pessoa na sala. Durante esse curto tempo, uma quantidade considerável de informação foi fornecida. No final desta conversa, a voz que pretendia ser a do pai da Sra. Stewart despediu-se dela. Depois de a sessão ter terminado e de nos termos retirado para a sala de estar, a Sra. Stewart assegurou-me que estava absolutamente convencida de que a voz era a do seu pai, mesmo que não tivesse sido apoiada como foi pelos detalhes probatórios.

Andrew, que estava bastante falador esta tarde, disse que estava a receber uma condição de uma terra banhada por um sol brilhante. Era do outro lado do mar e perguntou à Sra. A. se ela conseguia localizá-la. Ela concordou que conseguia e perguntou se ele podia fornecer mais informações.

ANDREW WALLACE: «Eu vejo-te a viver lá. Não era ele um médico?»

SRA. A.: «Sim.»

ANDREW WALLACE: «Mas é um lugar triste para ti. Vejo uma estação de comboio e um comboio está prestes a sair da estação.»

SRA. A.: «Sim.»

ANDREW WALLACE: «E tu estás no comboio debruçada à janela. Um homem vem a correr ao longo da plataforma. É demasiado tarde. Há uma separação triste, triste. Percebes o que quero dizer?»

SRA. A.: «Exatamente, e aconteceu tal como descreveste. É maravilhoso.»

ANDREW WALLACE: «O homem está no espírito. Ele está aqui. Gostaria de falar contigo. Quer pedir-te um favor.»

A voz de Andrew interrompeu-se e ouvimos uma conversa sussurrada a decorrer entre a Sra. A. e uma voz fraca de homem. Era sobre um assunto profundamente pessoal.

De seguida, sentimos um vento frio a soprar pela sala. Estas «brisas» psíquicas são frequentemente uma característica nas sessões das Senhoritas

Moore. Geralmente precedem alguma manifestação de uma ordem diferente. Foi assim neste caso, pois de repente observei a luz que tinha visto na tarde anterior enquanto estava sentado com a minha mulher. Estava, tanto quanto pude julgar, exatamente na mesma posição em que a tinha visto na tarde de domingo, e tinha assumido a mesma forma de holofote. Chamei a atenção dos outros participantes para o fenómeno, e disse-lhes que a minha mulher e eu tínhamos visto esta luz antes.

«Oh, sim, irmão, eu sei disso», exclamou de repente a voz de Andrew Wallace, falando bem perto do meu lado direito — afastado dos médiuns e numa posição que teria sido FISICAMENTE IMPOSSÍVEL para eles alcançarem, pois a minha secretária preenchia todo o espaço intermédio do meu lado direito e encaixava perfeitamente em ambas as paredes.

«Oh, sabes disso, não é, Andrew?», ri-me eu. «Mas ouve, há algum ruído a acontecer perto da luz.»

Todos escutámos atentamente um som fraco de flutter que vinha da direção do brilho na secretária. Tornou-se mais alto, e os médiuns juntaram as suas vozes às nossas na discussão geral sobre a natureza do ruído. A princípio, pareceu-me como o bater das asas de um pássaro selvagem contra uma gaiola. Mas tornou-se mais alto até se tornar um rugido, que só se podia comparar a uma motocicleta na sala. Foi um acontecimento mais surpreendente. Então a luz começou a mover-se da secretária e flutuou rapidamente para cima em direção ao teto e circulou pela sala, fazendo um ruído como um motor. De repente parou e caiu com estrondo no chão.

«O que raio era aquilo, Andrew?», perguntou a minha mulher. «Vimo-lo ontem, mas não fez nenhum ruído.»

ANDREW WALLACE: «Era um daqueles aeroplanos. O pobre homem estava a voar do outro lado do mar e caiu.»

MINHA MULHER: «Podes dizer-nos quem é, Andrew?»

ANDREW WALLACE: «Vou tentar. Sim, era N___.

MINHA MULHER: «Como aconteceu?»

ANDREW WALLACE: «Havia algo errado com uma das asas.»

MINHA MULHER: «Suponho que o que acabámos de ouvir foi uma representação desta tragédia feita pelas pessoas do teu lado.»

ANDREW WALLACE: «Sim, é isso. O pobre homem ainda não sabe que está connosco. Dai-lhe todas as vossas orações e simpatia, irmão e irmãs.»

Posso atestar o facto de que não havia nenhum engenho mecânico na minha sala que pudesse ter causado esta manifestação extraordinária.

Após um curto intervalo, a voz de Andrew Wallace foi novamente ouvida a falar com a Sra. A.

ANDREW WALLACE: «Há um estranho que veio ao círculo. É um homem grande que viveu lá no norte.»

SENHORITA MOORE: «É um estrangeiro, Andrew?»

ANDREW WALLACE: «Não, não, ele conhece esta senhora (Sra. A.). Conheceu-a quando ela era jovem, meio que a criou. Ele dá-me o nome 'John'. Conhece-lo, irmã?»

SRA. A.: «Oh, sim, muito bem mesmo, Andrew. Gostava que ele falasse comigo. Tenta fazê-lo falar, Andrew.»

ANDREW WALLACE: «Vai tentar, irmã. Ele diz-me que conhece Aberdeenshire.»

SRA. A.: «Verdade, Andrew, ele conhecia Aberdeenshire muito bem.»

ANDREW WALLACE: «Oh, sim, eu sei disso, irmã, e agora ele diz-me que costumava desenhar muito, meio que o que chamariam um artista. Não é assim, irmã?»

SRA. A.: «Sim, ele era um artista. Pode ele falar? Gostava mesmo que ele fosse capaz de falar comigo.»

ANDREW WALLACE (dirigindo-se a mim): «Dá-nos um pouco mais de música, irmão, e ele fará o melhor para falar contigo.»

Houve outro intervalo enquanto preparava o gramofone e iniciava o disco a rodar. Ouviram-se os tons de uma voz de homem a falar de uma forma bastante agitada.

VOZ (ofegante): «Ajuda-me. Eu quero... Ajuda-me.»

ANDREW WALLACE (suavemente): «Sim, vamos todos ajudar-te, irmão. Vem lá, irmã, continua a falar com ele.»

SRA. A.: «És tu, John?»

VOZ: «Sim, ainda estou vivo.»

SRA. A.: «Ficaste muito desapontado com...»

VOZ (interrompendo): «África. Eu sabia disso. Fiquei perturbado... não importa... tudo ficará bem.»

SRA. A.: «Consegues ver-nos aqui?»

VOZ: «Às vezes, e quando nos queres muito e as condições são favoráveis.»

SRA. A.: «Nem sempre?»

VOZ: «Oh, não.»

SRA. A.: «As nossas afeições continuam no vosso mundo?»

VOZ: «Sim, e geralmente com uma intensidade mais profunda, nada de bom se perde.»

SRA. A.: «Podemos ajudar o progresso de um espírito do nosso lado?»

VOZ: «Sim, pelos vossos pensamentos simpáticos e orações. Concentrai-vos em despertar aspirações. Muito pode ser feito.»

A voz tinha estado a tornar-se cada vez mais fraca, e agora arrastou-se para um sussurro fraco, terminando numa frase fragmentária que soava como «Deus te abençoe».

Agora ocorreu um incidente curioso. Andrew informou-nos que o último orador estava a enviar um buquê do mundo espiritual. Seguindo de perto esta intimação, cada participante foi convidado a cheirar o buquê, cujo delicioso aroma parecia possuir a estranha propriedade de estar confinado a uma zona fixa; cada participante apenas por sua vez sendo capaz de perceber a fragrância. Finalmente, toda a sala ficou preenchida com o perfume esquisito.

«Isso foi delicioso, Andrew», exclamou a Sra. Stewart. «Não creio que alguma vez tenha cheirado um perfume tão adorável antes.»

ANDREW WALLACE: «É um pequeno gosto do que vos espera. Mas o que é isto? (o último comentário aparentemente dirigido a alguém do seu lado). Não tens um cão aqui e ele pertencia-te. O nome dele é Rex.»

SRA. STEWART: «Esplêndido, Andrew. Ele está mesmo na sala?»

ANDREW WALLACE: «Ele está aqui agora.»

SRA. STEWART: «Podes dizer-me como ele é, Andrew?»

ANDREW WALLACE: «É um cãozinho branco com um pelo liso. Não lhes chamam fox-terriers?»

SRA. STEWART: «Sim. Rex era um fox-terrier.»

ANDREW WALLACE: «Sim, e há um gatinho que te pertencia aqui também. Percebes isso?»

SRA. STEWART: «Sim. Perdi um gato querido que era um grande animal de estimação.»

ANDREW WALLACE: «É isso; tiveste-o por muito tempo.»

SRA. STEWART: «Oh, sim, por dezassete anos, e muitas vezes me perguntei se os nossos cães e gatos sobrevivem à morte.»

ANDREW WALLACE: «Sim, vivem enquanto o vosso amor por eles durar. Depois disso vão para o seu próprio lugar.»

SRA. STEWART: «Bem, não há dúvida de que estão vivos agora. É maravilhoso.»

ANDREW WALLACE: «Eles foram-se agora.»

Então aconteceu uma coisa mais estranha. Ouvimos o ladrar fantasmagórico e o miar de um gato que os médiuns tentaram coaxar para eles pelo nome enquanto corriam pelo círculo. Sentimo-los roçar contra as nossas pernas de uma forma inconfundível de animal e o gato tentou subir para o colo da Sra. Stewart.

Houve uma pausa de alguns minutos após esta manifestação. Um dos incidentes mais interessantes da sessão ocorreu então. A campainha da porta da frente tocou de repente.

ANDREW WALLACE: «O que é isso?»

EU PRÓPRIO: «Oh, está tudo bem, Andrew. É só a campainha da porta da frente. Não há mais ninguém em casa e temos de os deixar tocar até irem embora.»

ANDREW WALLACE: «Muito bem, irmão. É muito dis...»

A campainha tocou bruscamente de novo e ouvimos a voz de Andrew a oscilar para cima e para baixo, em diferentes gamas de notas. Ele estava evidentemente muito angustiado com isso e implorou aos médiuns que continuassem a falar e assim mantivessem as vibrações. Todos falámos o mais que pudemos sobre qualquer coisa que nos viesse à mente enquanto os médiuns tentavam acalmar a sua agitação. Então a campainha tocou uma terceira vez e o trompete caiu com estrondo no chão, trazendo a sessão a uma conclusão abrupta.

CAPÍTULO ONZE

A minha demissão do cargo de reitor da Igreja Episcopal de St. Andrew, Edimburgo, entrou em vigor em dezembro de 1927. Tinha discutido este assunto da minha demissão muito plenamente em várias ocasiões em sessões privadas com as Senhoritas Moore, quando vozes que pretendiam ser as de clérigos bem conhecidos tinham aconselhado vivamente este curso. Indicaram que se este passo fosse tomado eles veriam que um cargo me seria oferecido em Inglaterra. Era um problema muito difícil de resolver. Sabia que se abandonasse o meu cargo escocês e fosse para sul seria desconhecido e inteiramente sem influência. No final decidi demitir-me, armazenei os meus móveis, e com a minha mulher aceitei a oferta de hospitalidade amável na casa do amigo legal mencionado num capítulo anterior.

Tínhamos estado lá menos de três dias quando recebi uma carta de uma nobre (que nunca tinha conhecido, mas a quem tinham sido enviadas algumas cópias do jornal que imprimira os meus sermões), na qual perguntava se eu poderia assumir o cargo da paróquia em que ela vivia, por três meses, pois o seu Vigário ia para o estrangeiro por motivos de saúde. Sentei-me imediatamente e aceitei. No decurso dos dias seguintes recebi uma carta do Vigário oferecendo-me o locum-tenens *(substituto temporário),* e arranjei definitivamente assumir residência no seu presbitério a 1 de fevereiro de 1918.

Havia agora a questão das semanas intervenientes a considerar. Chegou uma carta de alguns generosos amigos de Londres oferecendo-nos o seu apartamento mobilado enquanto estavam no Egito. Aceitámos com gratidão e dissemos adeus a Auld Reekie.

Mas antes de deixar Edimburgo estava a percorrer as colunas do Church Times, e vi entre os anúncios clericais um que parecia fazer um apelo particular a mim. Era para ajuda numa igreja suburbana de Londres, e senti-me fortemente impelido a responder ao anúncio. Fi-lo e fui convidado para uma entrevista com o Vigário, que imediatamente me ofereceu o cargo até partir para o meu locum-tenens pré-arranjado de três meses.

Tive um tempo muito feliz nesta igreja, mas a minha razão para a mencionar é por causa de uma coisa bastante singular que aconteceu enquanto eu estava lá, e que levou eventualmente à minha ida para Hampshire. Um cavalheiro que tinha estado entre a minha congregação de Londres veio ter comigo um dia e perguntou-me se eu estaria disposto a aceitar um benefício.

A princípio pensei que ele estava apenas a brincar, mas como parecia sério sobre isso, disse que ficaria satisfeito em considerar qualquer coisa que me fosse oferecida. Não tinha a mais remota ideia de que ele pudesse fazer o que sugerira. Mas em poucos dias veio ter comigo com uma lista curta de vários cargos vagos, perguntando-me qual preferia. Olhei para a lista e indiquei a minha escolha de Hampshire.

No entanto, parecia bastante desesperançado, pois este cargo particular estava no dom de um colégio com o qual eu não tinha ligação, e simplesmente pus o assunto completamente fora da minha mente.

A 1 de fevereiro, a minha mulher e eu entrámos em residência no presbitério rural de que eu concordara assumir o cargo por três meses. Foi uma mudança deliciosa dos meus anteriores sete anos de trabalho extenuante numa paróquia citadina escocesa.

As pessoas eram recetivas e encontrámos bondade por todos os lados. À medida que as semanas passavam, no entanto, comecei a perguntar-me o que faria quando o meu locum-tenens chegasse ao fim.

Foi em meados de março que recebi notícias das Senhoritas Moore dizendo-me que se tinham instalado em Londres, e escrevi convidando-as

para o vicariato por um fim de semana. Vieram ter connosco na sexta-feira à tarde, e no dia seguinte deram uma sessão privada na casa da nobre, na qual fui depois informado de que o marido e o pai desta senhora se manifestaram. No domingo à noite, após a oração da noite, decidimos realizar uma sessão na sala de estar do Presbitério. Estavam presentes apenas a minha mulher e eu próprio e os dois médiuns. Pregámos as cortinas das janelas o melhor que pudemos para excluir a luz, apagámos o fogo e apagámos a lâmpada. A luz do fogo não era de modo nenhum tão fraca como esperávamos, e iluminava a sala com um brilho avermelhado.

Para contrariar isso em certa medida, improvisámos um ecrã de costas de cadeiras e tapeçarias, mas nunca ficou completamente escuro. Como havia uma governanta e uma empregada noutra parte da casa e não queríamos perturbá-las, decidimos tentar dispensar um hino, e contentarmo-nos com a abertura da nossa sessão com a recitação do Pai Nosso.

Esperámos algum tempo para que a governanta e a empregada se retirassem antes de realizar a nossa sessão. Mas não havia sinal delas irem para os seus quartos. Ouviam-se então batidas em vários lugares na sala de estar e nas paredes e na lareira e até nos quadros. Estas batidas, informaram-nos os médiuns, eram evidência de que as pessoas do Espírito estavam presentes e ansiosas para que começássemos.

Decidimos, portanto, não esperar mais. Devo mencionar que os médiuns tinham trazido um trompete com eles e os quatro sentámo-nos de frente uns para os outros com o trompete de pé no chão entre nós. Koha manifestou-se quase imediatamente quando começámos a oração. As quatro vozes eram claramente discerníveis com a adição dos tons suaves guturais de Koha. «Eu encontro condições boas», disse Koha. «Vós tendes boa conversa com Andrew. Ele aqui agora.»

«Sim, vou ajudar-vos», veio a voz escocesa amigável de Andrew Wallace.

«Muito obrigado», respondeu a minha mulher, «precisamos da ajuda de todos vós.»

ANDREW WALLACE: «Dai-nos a vossa simpatia, irmã, e faremos a nossa parte.»

SENHORITA MOORE: «Andrew, não quero que fales tão alto esta noite. Há duas outras pessoas na casa e não queremos perturbá-las.»

ANDREW WALLACE: «Oh sim, eu sei disso bem. Uma delas estava agora mesmo a andar pelo corredor fora da porta.»

Mesmo assim, após o lembrete da Senhorita Moore, a voz de Andrew Wallace tornou-se muito mais subjugada. Era ainda a mesma voz plena e bem caracterizada, mas a metade do volume. Isto, em si, foi um incidente bastante curioso.

SENHORITA MOORE: «Andrew, queremos que nos ajudes esta noite se puderes sobre os planos do Sr. Duncan. Estamos um pouco preocupados com as coisas.»

ANDREW WALLACE (numa voz muito tranquilizadora): «Não vos preocupeis, irmã. Tudo correrá bem.»

SENHORITA MOORE: «Eu ouso dizer, Andrew, mas somos apenas humanos, sabes, e não podemos deixar de nos preocupar.»

Pensou por 12s

ANDREW WALLACE: «Irmão Duncan seguiu o nosso conselho à letra.»

SENHORITA MOORE (persistentemente): «Sim, à letra, Andrew, e agora ele está a perguntar-se sobre o futuro.»

ANDREW WALLACE: «Não disse eu que nunca o deixaríamos ficar mal.»

SENHORITA MOORE: «Sim, isso mesmo.»

ANDREW WALLACE: «Bem, ficou ele desapontado?»

EU PRÓPRIO: «Certamente que não. Ora, não tive um único domingo livre desde que saí da Escócia. Até ao presente, tudo parece ter conspirado para me ajudar.»

ANDREW WALLACE: «Então não te preocupes, irmão. Estamos todos a ajudar-te.»

SENHORITA MOORE (intervindo): «Isso é tudo muito bem, Andrew. Não nos podes dar algo mais tangível em que nos basearmos? Agora tenta.»

ANDREW WALLACE: «Ah bem, irmã, vou tentar o meu melhor.»

Houve uns momentos de silêncio e a Senhorita Moore mais nova indicou que conseguia ver por via clarividente Andrew a consultar com alguém mais. Esta última personagem era um homem alto, de pele escura e usando um turbante branco e uma túnica fluida de cor açafrão. Durante este interlúdio, enquanto esperávamos pela voz, a Senhorita Moore mais velha pediu-nos para nos juntarmos numa conversa geral de modo a que pudéssemos criar vibrações, pois éramos incapazes de usar música para esse fim.

Andrew, intervindo novamente, disse que dentro de um três, eu receberia uma carta contendo uma oferta de um benefício.

SENHORITA MOORE: «Estamos bastante ansiosos, Andrew, para obter o máximo de detalhes possível. Disseste dentro de um três. O que achas que isso significa?»

ANDREW WALLACE: «Vejo três luas douradas. É o que chamais um símbolo. Usamos símbolos em grande quantidade deste lado. As três luas douradas representam três semanas.»

EU PRÓPRIO: «Então achas que vou obter um cargo em três semanas, Andrew?»

ANDREW WALLACE: «Sim, irmão. Vejo um envelope longo contendo algo para ti com a oferta. Tem uma longa página impressa para ti e há um selo no topo.»

EU PRÓPRIO: «Isso soa a algum documento oficial, Andrew, um pouco desagradavelmente como um formulário de Imposto de Rendimento.»

ANDREW (rindo): «Não, não, irmão, não é um papel do governo. É uma oferta para ti.»

EU PRÓPRIO: «Parece muito interessante; podes dizer-me onde fica o lugar e como é?»

ANDREW WALLACE: «É uma igrejinha, e fica no topo de uma colina no campo.»

EU PRÓPRIO: «Suponho que não me possas dizer o nome dela?»

ANDREW WALLACE: «Vou tentar, irmão. É... Mary... St. Mary Magdalene.»

EU PRÓPRIO: «Vou fazer uma nota extra especial disso, Andrew. É uma igreja bonita?»

ANDREW WALLACE: «Oh sim. Quero que prestes atenção ao púlpito. Tem ouro e verde nele e coisas coloridas como pratos coloridos.»

EU PRÓPRIO: «Isso é invulgar, Andrew. Não me esquecerei disso.»

ANDREW: «Não, não, e quero que notes a janela. Tem uma imagem nela e quando fores ver a igrejinha verás uns lindos lírios em frente dela. Não te esqueças.»

EU PRÓPRIO: «Certamente que não.»

MINHA MULHER: «E quanto à casa, Andrew.»

ANDREW WALLACE: «Eu conheço as senhoras, elas querem saber sobre a casa. Bem, é uma casinha bonita construída de pedra e tijolo vermelho. Encontrarás muitos cruzes pequenas trabalhadas nela.»

MINHA MULHER: «Vamos procurar por isso, Andrew, e há um jardim bonito?»

ANDREW WALLACE: «Sim, ao entrares nele, pelo portão da frente, verás uma árvore de forma estranha e há uns canteiros bonitos de flores perto dela.»

MINHA MULHER: «Há mais alguma coisa que possamos notar, quando formos lá?»

ANDREW WALLACE: «Sim, encontrarás um homem à porta. Ele é um ministro e é alto e muito magro, com um rosto comprido barbeado e cabelo branco. Notarás as suas mãos compridas e dedos compridos.»

EU PRÓPRIO: «Fica a norte de onde estamos agora, Andrew?»

ANDREW WALLACE: «Não, não irmão, fica um bom bocado mais a sul.»

SENHORITA MOORE: «Então podemos assumir, Andrew, que o Sr. Duncan terá algumas notícias definitivas em breve?»

ANDREW WALLACE: «Sem dúvida, irmã. Ele confiou em nós e não o deixaremos ficar mal. Não posso ficar mais tempo. Boa noite, irmãs, boa noite, irmão, e Deus vos abençoe a todos.»

Nesta sessão, o trompete não foi tocado de todo.

A voz de Andrew veio do ar livre. Falou rapidamente e distintamente, mas muito mais baixinho do que o habitual. Foi uma das sessões mais surpreendentes, bem como das mais probatórias, a que alguma vez assisti. Todas as predições que me foram feitas naquela noite de domingo se cumpriram. Dentro de três semanas, tive o meu envelope longo contendo a oferta impressa e datilografada.

Trazia o selo do colégio e parecia mesmo um documento oficial. A igreja chama-se St. Mary Magdalene e não se pode chegar a ela sem subir uma colina. O púlpito é pintado de verde e é realçado com ouro. Em três lados dele há Brasões de Armas em escudos coloridos — os pratos coloridos da visão. A reitoria é de tijolo vermelho e sílex e há uns cruzes pitorescas padronizadas nas paredes exteriores.

Foi bastante estranho sobre a imagem na janela com os lírios em frente dela. Quando fomos ver o lugar, sentimos que esta predição dificilmente se poderia cumprir, pois era a estação da Quaresma, e ficaríamos surpreendidos em encontrar decorações florais na igreja. Mas lá estava, com certeza, na janela lateral, a imagem da Madonna e o Menino e em frente dela uma jarra de lírios brancos.

Todas as outras flores tinham sido removidas da igreja de acordo com o costume habitual. Mas esta jarra, soubemos depois, era sempre mantida cheia de flores. Fomos recebidos à porta da reitoria pelo meu predecessor, um homem alto, magro, barbeado com cabelo branco. Curiosamente, não notei as suas mãos. Mas a minha mulher comentou posteriormente que não pôde deixar de notar os seus dedos compridos. Há uma árvore de forma invulgarmente estranha perto do portão da frente e canteiros de flores bordejam a entrada da alameda e perto da árvore.

Não creio que qualquer pessoa de mente aberta possa ler este capítulo sem chegar à conclusão de que a investigação psíquica merece

consideração e respeito. Contém material abundante apontando para conhecimento supernormal. Forneceu-me uma demonstração palpável de que num mundo invisível havia camaradas e colegas que podiam provar uma fonte infalível de ajuda num tempo de dificuldade.

CAPÍTULO DOZE

Para o fim de setembro de 1919, recebi um convite do Sr. Hamilton Emmons, de The Copse, Hamble, Southampton, para almoçar com ele. Na sua nota, disse-me que as Senhoritas Moore estavam hospedadas na sua casa e que algumas sessões de voz bem-sucedidas tinham tido lugar na sua presença. Aceitei o convite e após o almoço o Sr. Emmons sugeriu que eu pudesse querer aproveitar a oportunidade de uma sessão privada com os médiuns.

Aceitei com prazer esta amável proposta e às duas e meia entrei no belo pequeno oratório que ele tinha reservado para fins de sessões. Teve lugar a abertura habitual. Então a Senhorita Moore mais velha premiu um interruptor elétrico que estava ligado a um grande gramofone equipado com um dispositivo mecânico, de modo que uns vinte discos pudessem ser tocados sem necessidade de atenção pessoal.

Escutámos durante alguns minutos a música e depois ouvimos o som claramente audível de batidas no trompete, aparentemente mesmo por cima das nossas cabeças. Moveu-se de um lado da sala para o outro e ouvimos acima das melodias do gramofone, a voz de Koha, o Guia Indiano, dando a sua saudação familiar. A Senhorita Moore parou o gramofone e um momento depois ouvimos a voz bem conhecida de Andrew Wallace a falar com força e nos seus tons inconfundíveis. Prosseguiu com o seu dever habitual de anunciar os nomes de pessoas que estavam à espera para falar, ou interpretando as suas mensagens por elas.

Chamou os nomes David e Dan. Disse que não conseguia recordar-me de ninguém em particular em relação a eles.

Em relação a David, a única pessoa que me ocorria em ligação com este nome era a de um homem que eu conhecia em Edimburgo. Disse que este era o homem referido e que havia uma mensagem a respeito dele. Havia alguma dificuldade sobre um Testamento em ligação com este

homem e muita conversa sobre isso. Havia uma confusão de papéis. Isto era tudo bastante sem sentido para mim na altura, pois o David particular que eu tinha em mente seria a última pessoa que eu associaria a um Testamento.

Vivia num bairro muito pobre da cidade, em dois quartos, cuidando de si próprio. Mas era um frequentador regular da minha igreja e eu visitava-o sistematicamente em Cross-Causeway-Side, e tinha muitas discussões com ele sobre assuntos psíquicos, bem como sobre a história de Edimburgo, sobre a qual ele era extremamente bem informado. Pode-se portanto julgar do meu profundo espanto quando soube posteriormente que ele morreu muito subitamente no Edinburgh Infirmary e que deixou alguns milhares de libras mas nenhum Testamento. Creio que dois primos foram eventualmente encontrados que herdaram esta inesperada fortuna.

O outro nome Dan, que Andrew me deu, também não foi reconhecido por mim. Só o podia ligar a um parente remoto que tinha falecido nas colónias antes de eu nascer.

Isto não satisfez Andrew.

«Não, não», disse ele, «não é esse Dan. Este é um homem que conheces muito bem em Edimburgo.»

EU PRÓPRIO: «Lamento, Andrew, mas realmente não consigo localizá-lo. Tenho de o pôr de lado e talvez me venha à memória mais tarde.»

ANDREW WALLACE: «É uma pena, irmão. Ele está muito ansioso por comunicar. Diz que o conheces muito bem. Encontrava-te muito frequentemente, irmão.»

EU PRÓPRIO: «Lamento verdadeiramente, Andrew, mas não consigo pensar quem é.»

ANDREW WALLACE: «Conheces a mulher e o filho dele. Viviam perto de ti.»

EU PRÓPRIO: «Não adianta, Andrew, mas lembrar-me-ei mais tarde.»

Houve um desfecho interessante para este pequeno incidente. Um amigo de Edimburgo, que ainda frequentava a minha velha igreja, tinha o

hábito de me enviar a cada poucos meses um número de revistas paroquiais de St. Andrew. Um lote delas chegou-me em dezembro de 1929, e ao folheá-las vi uma página dedicada a notícias gerais da Igreja e um parágrafo nela registando a morte de um velho amigo, o Sr. William Dann, falecido caixa no escritório do Representative Church Council. Tinha falecido no sábado, 14 de setembro de 1929.

A minha sessão teve lugar em Hamble quinze dias depois. Não fazia ideia de que ele tivesse estado doente. Quase a cada quinze dias, e geralmente aos sábados à noite, encontrava-o e falava de assuntos psíquicos, dos quais ele tinha tido conhecimento prático bem como teórico. Nada poderia ser mais certo do que se uma oportunidade se apresentasse para demonstrar a sobrevivência, ele teria aproveitado. Tenho a certeza de que o fez naquela tarde em Hamble. Mas a minha mente estava cheia com a ideia de que «Dan» pretendia ser um nome cristão, e além disso não sonhava que o meu amigo «Dan» tivesse partido.

Desde então ele voltou e gracejou comigo pelo meu reconhecimento tardio.

Isto, juntamente com o exemplo que se segue, são exemplos da forma como se pode muito facilmente falhar em identificar uma pessoa, por muito bem conhecida anteriormente.

Houve um curto intervalo e o gramofone foi ligado novamente para ajudar as vibrações.

A Senhorita Moore começou em seguida a descrever, via clarividente, um homem que tinha entrado na sala. Era alto e de ombros largos e usava algum tipo de uniforme. Perguntei como era e ela disse que era algo como uma túnica de soldado, mas que não era caqui. Era azul e tinha uma banda vermelha à volta do chapéu. Não estava há muito tempo do outro lado, mas estava muito ansioso por enviar uma mensagem a alguém deste lado. Perguntei ao médium se me podia dar mais detalhes, e ela disse que o rosto dele era bastante cheio com olhos acinzentados. Tinha um bigode castanho e sobrancelhas espessas. Andrew interveio agora e disse que este espírito tentaria falar ele próprio.

Uma nova voz falou então comigo. Era fraca e indistinta e difícil de perceber, mas conseguíamos captar as palavras: «Muriel. Diz a Muriel.» Revirei o meu cérebro. Quem era «Muriel»? Não fazia a mais vaga ideia. A

única «Muriel» que me ocorria era a filha de um homem que eu conhecia bastante bem anos antes. Lembrei-me de que este era o nome dela porque tinha ouvido falar de um tratamento especial com rádio que ela tinha sofrido num hospital de Londres. Então a nova voz chamou novamente um pouco mais forte: «Daisy,» «Daisy.»

«Sim,» disse eu, «conheço Daisy.» Expliquei então aos médiuns que Daisy era tia de Muriel e vivia na Austrália. Era interessante, mas não particularmente, pois tinha perdido completamente o contacto com esta família.

ANDREW WALLACE (intervindo novamente): «Ele diz que não é essa Daisy de todo. É Daisy Garland que ele quer. Ele não pode falar mais pois não está há muito tempo do outro lado. Mas diz-me 'Diz-lhe para pedir a Muriel para contactar Daisy Garland.' Ela devia ajudá-la.»

O nome Daisy «Garland» é fictício, pois não tive permissão para imprimir o nome real. Este não é o caso da Sra. Morgan, que amavelmente permitiu.

EU PRÓPRIO: «Mas, Andrew, não conheço Muriel e nunca ouvi falar, tanto quanto sei, de nenhuma Daisy 'Garland'.»

ANDREW WALLACE: «Ele diz que conhecerás, irmão.»

EU PRÓPRIO: «De qualquer modo, quem está a falar, Andrew?»

ANDREW WALLACE: «Não consigo obter o nome dele claro, soa como 'Goo' ou 'Goff'. Ele está a ir-se embora agora mas pede-te para não esqueceres de dizer a Muriel e dar-lhe e às crianças o seu amor.»

O pleno significado deste episódio não me ocorreu até ao domingo seguinte. Tinha terminado o meu serviço da manhã em West Tisted e estava a deixar a igreja quando a mulher do meu antigo Tesoureiro da Igreja veio com a mãe dela ter comigo e perguntou se eu assinaria um papel oficial em referência ao seu falecido marido. Caminhámos alguns metros até à reitoria enquanto a mãe dela seguia com a minha mulher. No meu gabinete, enquanto assinava o papel, olhei para o nome dela e vi que era «Muriel». Não tinha a mais pequena noção disto antes de o ver naquela manhã.

«O teu nome é Muriel?», perguntei.

«Sim,» respondeu ela, «mas porque perguntas?»

O pleno significado daquela descrição clarividente surgiu-me. Num instante visualizei o homem alto de ombros largos com olhos cinzentos e bigode castanho, como o tinha visto no nosso serviço anual do Armistício, uniforme azul e chapéu com debrum vermelho como major dos Fuzileiros. Foi um momento bastante emocionante.

«Diz-me, Sra. Morgan,» perguntei, «conheces Daisy 'Garland'?»

Ela olhou para mim rapidamente.

«Sim, mas o que sabes de Daisy 'Garland'?»

«Não muito,» respondi, «mas fico contente por reconheceres o nome.»

«Diz-me mais,» disse ela. Prometi contar-lhe tudo o que sabia.

Na quinta-feira seguinte, a minha mulher convidou-a para vir com a mãe tomar chá connosco. Nesta ocasião relatei os detalhes completos da minha sessão. Ela concordou que era uma coisa mais surpreendente, especialmente porque o marido dela só tinha falecido a 12 de setembro, poucas semanas antes da sessão. Disse-me que sempre o chamava «Goff». Havia um ou dois outros pontos probatórios, que são de natureza privada e só poderiam ser apreciados pela Sra. Morgan. Devo mencionar que os Morgans tinham dois filhos pequenos.

Tenho a certeza absoluta de que os médiuns nada sabiam sobre a família acima. Quando pensei sobre esta sessão, simplesmente não conseguia entender como tinha falhado em reconhecer o comunicador. Só posso supor que devo ter sido confundido e posto fora da pista pelos nomes «Muriel» e «Daisy» que certamente tinham uma relação, mas que me deram uma pista errada e assim impediram o reconhecimento.

Houve pouco mais nesta sessão de valor probatório. Uma voz que pretendia ser a do falecido Bispo de Edimburgo, manteve uma curta conversa sussurrada comigo. Deu o seu nome e expressou algum pesar por certas opiniões mantidas na vida terrena. Não havia nada, no entanto, que eu sentisse estar fora do conhecimento comum.

Outra voz sussurrou algumas frases fracas, afirmando ser um homem que eu tinha ajudado quando servi como Capelão da Prisão. Parecia bastante angustiado e implorou pelas nossas orações.

Andrew trouxe agora a sessão a um fim com uma pequena exortação, «Vou-me embora agora,» disse ele, «pois tenho muito que fazer. Tens de ajudar no trabalho, irmão. Tens de dizer às pessoas — isso é o meu trabalho e o teu trabalho — dizer às pessoas e espalhar as boas novas. Não há morte. As pessoas do espírito ajudar-vos-ão o mais que puderem. Deus te abençoe.»

CAPÍTULO TREZE

É de importância primordial, se um registo como este for fiel e verdadeiro, que todos os factos sejam incluídos, quer se encaixem uniformemente no argumento ou mostrem confusão e irrelevância.

O relato seguinte de uma sessão realizada na quinta-feira, 2 de junho de 1932, é um exemplo de um certo grau de desarticulação que por vezes é observável com novos participantes. Ao mesmo tempo, uma análise cuidadosa da sessão revelará um resíduo de factos probatórios que colocaria qualquer sugestão de «palpite por parte dos médiuns» no reino do absurdo.

A sessão teve lugar no apartamento londrino do médium às 12:50, e o único outro participante presente além de mim próprio e das Senhoritas Moore era o Rev. A. F. Webling, Reitor de Risby, Bury St. Edmunds, Suffolk.

Os médiuns nunca tinham conhecido o Sr. Webling antes e tive cuidado em não o apresentar pelo nome.

O Sr. Webling, que é o autor de «Something Beyond», tinha-se interessado há algum tempo pelo estudo da investigação psi, mas principalmente com médiuns de transe. Esta era a sua primeira experiência da voz direta. Fez notas o melhor que pôde, e durante a sessão discutimos os pontos com bastante detalhe logo depois e assim os imprimimos nas nossas mentes. O seu relatório, que ele amavelmente me enviou e permitiu que eu usasse, é impresso mais adiante.

Koha, o Guia Indiano, não se manifestou tão rapidamente como era habitual, mas deu ao Sr. Webling e também a mim próprio alguns pedaços de evidência reveladores. O Sr. Webling incorporou os pontos referentes a si próprio no seu relatório. No meu próprio caso, Koha curiosamente

lembrou-me de uma viagem de automóvel que eu tinha feito em janeiro. Disse que eu tinha viajado com um chefe muito grande.

Quando lhe pedi para descrever o chefe, insistiu que ele não era um homem grande, «não maior do que tu, Irmão», mas era um grande homem. Tinha sido soldado, informou-me, e agora era o Chefe de uma grande, grande tribo de rapazes e raparigas. Havia pouca dúvida na minha mente sobre quem se referia, mas como que para confirmar o assunto, Koha disse-me que na viagem o condutor cometeu um pequeno erro no caminho de regresso e teve de voltar atrás. Foi apenas um pequeno erro, mas Koha apontou-o para refrescar a minha memória.

De facto, no início de janeiro tomei parte oficial nos ritos fúnebres da tia de Lord Baden Powell em Buckinghamshire, e regressei de automóvel com o Chief Scout e Lady Baden Powell no carro deles. Nesta viagem de regresso, o chauffeur, um condutor excelente, cometeu um ligeiro erro numa das viragens e tivemos de refazer o caminho por algumas dezenas de metros.

Tenho a certeza absoluta de que nem o Sr. Webling, nem os médiuns, sabiam algo sobre um incidente tão trivial, mas não menos convincente, de conhecimento sobrenatural.

Outro ponto interessante que gostaria de mencionar aqui é a forma como as observações introdutórias de Koha foram ligadas ao que transpirou mais tarde na sessão. Foi assim no caso do Sr. Webling, bem como no meu próprio. O pai do Sr. Webling é descrito e anunciado pelo seu nome cristão por Koha e depois a sua presença é indicada por Andrew Wallace, que transmite uma mensagem dele. Um exemplo semelhante ocorreu comigo. Lord Baden Powell e a associação com ele foram recordados por Koha, enquanto mais tarde a sua tia, cujo funeral eu assisti, pretendia comunicar e falar comigo.

Entre as vozes que se manifestaram nesta sessão, duas forneceram-me evidência satisfatória. A primeira foi a voz de Lady Constance Smyth, a tia de Lord Baden Powell, que falou claramente, dando-me em resposta ao meu pedido o nome do seu falecido marido na íntegra, ou seja, General Sir Henry Augustus Smyth, K.C.M.G. Contou onde tinha passado da vida terrena — Criccieth em Caernarvonshire. Lembrou-me do tempo em que fui hóspede na sua casa e falou do seu velho pónei, Betty. Enviou uma

mensagem afetuosa à minha mulher. Cinco respostas e cada uma verdadeira e ao ponto.

A segunda voz pretendia ser a de uma senhora que eu nunca tinha conhecido mas cujos dois filhos e noras me eram bem conhecidos. Falou numa voz bastante sem tom mas com uma curiosa precisão. Não teve dificuldade em falar-me do seu filho e da mulher dele, dos arredores deles e dos nomes, mas não conseguiu comunicar o nome do seu outro filho. Só me pôde dizer que ele tinha sido oficial no exército, e não vivia perto de mim. Perguntei-me se o facto de eu ter estado em contacto próximo com o primeiro filho enquanto praticamente não tive contacto com o segundo filho pode ter ajudado e impedido respetivamente o comunicador.

Andrew Wallace anunciou que o falecido Bispo de Edimburgo estava presente, mas não houve nada de significativo relatado neste caso. O nome «Adam» foi chamado mas embora eu conhecesse dois homens a quem poderia aplicar-se, nada mais foi adiantado. Em seguida, os nomes «Tom» e «William» foram chamados, mas não transmitiram qualquer significado particular nem ao Sr. Webling nem a mim próprio.

Um espírito comunicou dando o nome «Rachel» e afirmava ser a filha de um amigo mútuo. Mostrou conhecimento dos arredores dos seus pais. Na altura, como afirmou, o seu pai sofria de uma constipação grave e estava confinado à cama. Falou do seu irmão que tinha estado, completamente desconhecido para mim, num cruzeiro de saúde para a África do Sul. Parecia preocupada com a saúde dele e soube depois do pai dele que o filho ainda estava longe de estar bem. Tinha chamado um especialista de Londres que lhe ordenara submeter-se a um novo tratamento. Estavam todos muito preocupados com a saúde dele. Uma voz ministerial culta trouxe a sessão a um fim com a bênção.

Os seguintes comentários sobre a sessão são do Rev. A. F. Webling, A.K.C.:

Uma Sessão para Voz Direta, com as Senhoritas Moore, no apartamento delas em Londres. Participantes, Rev. Victor Duncan, Reitor de W. Tisted, Hants., e A. F. W., 2 de junho de 1932. Começando cerca das 12:50, e durando cerca de uma hora.

(N.B. — Este relato não faz justiça à sessão, pois, como era a minha primeira experiência da Voz Direta, era novo no procedimento e não

contribui com toda a ajuda que poderia ter dado. Além disso, não estou habituado a tomar notas na escuridão completa, e por isso não pude tomar as minhas notas habituais praticamente verbatim.)

Os dois participantes sentaram-se de frente para os médiuns, com um trompete colocado no chão no meio. Dissemos juntos o «Pai Nosso» e cantámos um verso de um hino. Penso que foi para o fim do canto que notei as correntes de ar frio, às quais o meu vizinho também chamou a atenção, e ouvi uma voz que me disseram ser a de Koha, um guia índio americano.

«Bom dia. Eu amo-vos a todos», disse ele em inglês rudimentar. Disseram-me: «Há um cavalheiro ao teu lado.1 Ele é alto. O nome dele é Charles. É um parente teu. Vou tentar ajudar-te com ele. É o teu pai. Ele falará se conseguir a força.»

Outra voz, falando com sotaque escocês, disse: «Estou mesmo a vir agora.» Disseram-me que este era o guia principal, Andrew Wallace.

«Tom está a pedir por William.»2

«Um cavalheiro alto está de pé. Ele é como tu. É idoso. Charlie.»3

«Robert é um parente de Charles.»4

«Eu posso ajudar-te.»

«Um irmão de Charles.»

«O teu Tio Robert. Como estás?» Isto foi dito num sussurro bastante claro pelo próprio espírito.

«Tio Robert Webling.» O apelido foi obtido após um pouco de hesitação, começando com «Wembley

1 Estes pormenores, e os posteriores na sessão, referentes ao meu pai são todos corretos. O seu segundo nome, Frederic, também foi dado, lembro-me, mas não o anotei.

2 Não consigo rastrear isto. Pode ter sido para o Sr. Duncan.

3 Andrew assim corrobora Koha, e adiciona o detalhe correto, «idoso».

4 O irmão do meu pai, corretamente nomeado. Penso que o vi quando era criança. Pai de Peggy Webling.

«O teu pai está contigo. Charlie. Estás a escrever algo agora e ele quer ajudar-te.»

«O teu pai diz que te está a ajudar a escrever um livro. Wembley ou Webling. Estás a escrever um livro e o teu pai está terrivelmente ansioso para que tenhas sucesso.»

Perguntei sobre uma luz azul pálida que vi na parede na forma de uma cruz, se era uma luz espiritual. Disseram-me que era apenas uma cruz coberta com alguma substância fosforescente. Andrew disse então: «Vou trazer-te uma pequena luz.» Mas a força enfraqueceu temporariamente. Ligou-se um gramofone. E o assunto pareceu ser esquecido. Notei o mesmo esquecimento após uma falha temporária de força duas ou três vezes depois.

O nome «Gregory»1 foi chamado. «O espírito Gregory tem uma mensagem para uma senhora. Uma parente. Para a mãe dele. Ele diz à mãe dele» (continuou Andrew) «para ter fé que o seu rapaz está sempre a ajudá-la, e para não se entristecer por ele, porque o seu espírito está muitas vezes à volta dela. Ela não deve ficar deprimida. Ele está a chamar a irmã dele. Margaret Agnes. Margaret ou Agnes.» «Daniel.2 Quem diz Daniel?»

Andrew disse então: «Há muitos ministros aqui.» O Arcediago Colley3 estava presente. Um sussurro claro disse: «Estou muito satisfeito em ver-vos a ambos. Não há nada como a voz direta. Webling. O teu pai disse-me o teu nome.

1 Um amigo com este apelido chamou-me no dia anterior, não tendo vindo há um ano ou mais, penso. Perdeu um filho no estrangeiro há alguns anos. Nada poderia ter sido mais inesperado por mim do que este incidente. Infelizmente, o nome da irmã é «Doris Olive» e não como dado. (Doris soa um pouco como Agnes.)

Eu devia ter pegado nisso, pois é o apelido da minha família.

3 O Arcediago era um grande protagonista do espiritismo.

Como estás?» «Pode ele dar o meu nome cristão?», disse eu. «Vou tentar obtê-lo.» Mas não o fez. Falou sobre comunhão espiritual, mas não o anotei. «Arthur. Uma mensagem para Arthur. Arthur está preocupado. Diz-

lhe para não se preocupar com uma responsabilidade assumida, porque ele vai superá-la.»

«Pearce. Dr. Pearce. Passou subitamente.» (Bispo de Worcester, perguntámos. «Mas,» disse o Sr. Duncan, «ele não aprovaria este assunto.» «Eles pensam de forma diferente aqui,» replicou Andrew. O Dr. Walpole, Bispo de Edimburgo, que o Sr. Duncan conhecia, também foi dito estar presente.)

«O teu pai diz que tens algo que lhe pertence.» Neguei isto, até me lembrar de que estava a usar o relógio que ele deu à minha mãe. «Ele diz-te isso, para mostrar que é realmente ele próprio,» comentou Andrew.

«Um irmão está ao lado do teu pai. Frank,1 o irmão, envia o seu amor. Ele está sempre a ajudar-te, e quando estás na atitude (?) de oração ele fica perto, inspirando-te. «Walter.2 Frank conhecia Walter. Frank, pai e outro irmão estão a falar sobre Walter.»

«Haines3 teve um luto ultimamente? Há uma senhora doente nos arredores dele?»

«Rachel,4 diz que o irmão dela quer ir para o estrangeiro.

1 O nome de um irmão que morreu na infância antes de eu nascer. A sua mensagem seria apropriada a um espírito muito pouco afetado pela sua vida terrena.

2 Walter é o irmão mais velho dele, e meu, ainda vivo.

3 O Sr. F. Haines escreve que o filho dele (não filha) estava, e está, muito doente.

4 Rachel é uma filha de um amigo que pretendia estar na sessão mas foi impedido por um arrepio. Nenhum dos presentes sabia que o irmão desejava ir novamente para o estrangeiro, o que, após inquérito, se verificou ser verdade. O Sr. Duncan escreve que a sua impressão do que Rachel disse é que ela «esperava que os pais dele não se preocupassem demasiado». Isto difere das minhas notas, e mostra a importância de notas tomadas no local.

Mas ele não deve preocupar o pai dele. O pai deve ter muito cuidado com o peito, e ficar no quarto por mais alguns dias.»

(Aqui Lady Smythe deu uma mensagem probatória ao Sr. Duncan.)

«Nome de John.1 John. Conheces Isabella? Ela diz que ele a está a ajudar.»

«Reginald.2 Ele está no mundo material. Vê-lo muitas vezes? Ele vive perto de ti? Ele vai para uma igreja. Lápides à volta.»

(Foi mesmo antes do acima, penso, que o guia infantil índio americano, Dodo, comunicou. Foi descrita como uma clarividente esperta, e falou de mim como indo por um longo caminho de gravilha e entrando por uma porta pequena e saindo por uma porta grande, «para dar uma aula ou algo assim».)

«Um cavalheiro idoso passou para o outro lado. Enterrado nesse cemitério. Ainda não ergueram a lápide. Este cavalheiro não muito alto. Ele curvava-se e era velho. Nome de George.»3 Herbert? George conhecia-o, penso.»

«Gracie,4 do teu lado. George. Ela tem um rapaz aqui também.»

1 John é o nome de um tio materno. Isabella o segundo nome de uma das minhas irmãs.

2 Há um cavalheiro cujo nome cristão é Reginald, que vive perto de mim e frequenta a minha igreja. Há muitas lápides no cemitério. Isto pode ter sido dado para exibir a alegada clarividência de Dodo. Além disso, muitas vezes vou pelo caminho de gravilha do meu jardim e daí entro pela porta «pequena» da sacristia da minha igreja, frequentemente saindo pela porta «grande» sul. Às vezes vou por este caminho aos domingos, para dar a minha aula da Escola Dominical.

3 Isto poderia aplicar-se a George Edwards, um velho trabalhador que foi enterrado no cemitério há dois ou três anos. Ainda não há lápide — nem é provável que haja! Mas George é um nome comum. Não consigo localizar «Herbert».

4 O nome pelo qual conheço uma sobrinha.

«Toby.1 É uma senhora que diz, Toby.»

Perguntei: «Quem é Toby?» Ele respondeu: «Um cão. Ele está tão contente em ver-te. Ele está ao teu lado.»

«Deste lado?», disse eu, erguendo a mão (na escuridão completa) ou do outro?» «Do outro,» foi a resposta.

Baixei a mão como se para o acariciar e senti algo bater contra a minha perna. Falei disso. «É o cão,» disse o controlo. «Ele está a saltar e a lamber a tua mão.» Ao mesmo tempo, todos ouvimos três ou quatro latidos fracos mas distintos.

Omiti as comunicações feitas ao Sr. Duncan, pois não as anotei. As notas acima são, creio, precisas. A maior parte do que está registado é exatamente como o anotei na altura e o resto é o mais próximo que consigo lembrar. Mas não registei nada além de matéria da qual tenho a certeza absoluta, ou razoavelmente certo de que a minha memória dela está correta.

1 Esta é a quarta instância do meu cão «comunicando», e a primeira em que o nome dele foi dado corretamente. Havia fortes correntes de ar frio no meu lado esquerdo enquanto ele estava «lá». No dia seguinte tive uma sessão com a Sra. Vaughan, quando o controlo dela, falando do meu alegado «dom de cura», disse: «Estiveste a 'tocar' num cão. Havia uma condição psíquica num cão.»

CAPÍTULO CATORZE

No sábado, 4 de junho de 1932, recebi uma mensagem telefónica do Rev. Lionel Corbett, de Hockley House, Alresford, perguntando-me se eu poderia possivelmente chamar e vê-lo nesse dia. Fui de automóvel até à casa dele e ele explicou-me que tinha marcado uma sessão para si próprio e um amigo com as Senhoritas Moore para segunda-feira, 13 de junho. Agora achava impossível estar presente e pediu-me para tomar o lugar dele. O amigo dele estava muito ansioso por obter algumas evidências de sobrevivência e seria uma grande desilusão para ele se este compromisso tivesse de ser cancelado.

Nas circunstâncias, consenti em tomar o lugar dele e combinei encontrar o amigo dele no fim de Sloane Square de Sloane Street, Londres, S.W., às duas e dez da tarde de segunda-feira. Devo mencionar que nada sabia sobre este cavalheiro, nem mesmo o nome dele e ele foi simplesmente apresentado por mim às Senhoritas Moore como «o amigo do Sr. Corbett».

Encontrámo-nos sem dificuldade e chegámos ao apartamento do Médium alguns minutos antes da meia hora. Pontualmente às 14:30

entrámos na sala da sessão, e muito em breve houve indicações de que as «condições» eram invulgarmente propícias.

Ouviu-se a voz de Koha dando as suas saudações habituais, falando rapidamente e aparentemente sem qualquer dificuldade. Seguiu-se a voz característica de Andrew Wallace cuja voz e saudações amigáveis podiam sempre ser reconhecidas em qualquer lugar. Ele saudou o novo visitante e depois dirigiu-se a mim. Anexei o relato da sessão enviado para mim pelo Rev. amigo de Corbett, Coronel H. C. Osborne, Secretário-Geral da Imperial War Graves Commission.

No testemunho do Coronel Osborne, que ele amavelmente colocou à minha disposição, indicou os pontos probatórios na medida em que o afetavam. Portanto, não invadirei esse terreno. No que me diz respeito pessoalmente, foi-me dada a seguinte evidência

(1) Manifestou-se a voz do falecido Major Morgan, R.M., mencionado num capítulo anterior. Mostrou um verdadeiro conhecimento dos arredores da mulher dele — estando ciente de que ela tinha ido viver à beira-mar. Falou da educação do filho dele e mencionou explicitamente o rapaz pelo nome «Stephen». Falou da filha dele «Faith» e partiu com uma mensagem afetuosa para a mulher dele «Muriel».

Aqui são dados seis itens probatórios, todos eles estritamente verdadeiros.

(2) Uma velha governanta que tinha sido morta subitamente num acidente comunicou. Falou da casa dela no País de Gales; da passagem inesperadamente rápida dela; e enviou uma mensagem para dois amigos terrestres que nomeou corretamente.

Cinco itens significativos relatados com precisão.

Os onze pontos acima de valor probatório representam o essencial do que recebi naquela tarde. Houve uma ou duas outras vozes que reclamaram a minha atenção, mas eram demasiado inaudíveis para eu captar o que diziam e estas comunicações não se desenvolveram.

O Coronel H. C. Osborne, escrevendo do transatlântico da Canadian Pacific, Duchess of Atholl, dá as suas impressões da sessão como segue:

Duquesa de Atholl, 19 de junho de 1932

CARO DUNCAN,

Nos poucos dias intervenientes desde a sessão no dia 13, com as Senhoritas Moore, em Londres, não houve oportunidade para tentar pôr por escrito um relato, por breve que fosse. É só agora, a bordo do navio, que tenho a oportunidade. Você e eu éramos os únicos participantes; a hora era 14:30. Imediatamente depois, fiz algumas notas apressadas. Com estas para ajudar a minha memória, posso registar os pontos principais, na medida em que me afetaram pessoalmente. Embora me lembre bem de coisas impressionantes que foram muito probatórias para si, como por exemplo a referência a Muriel e Stephen, não há razão para eu escrever sobre elas. Do meu ponto de vista, a sessão foi notável. Não posso tentar repetir na sequência apropriada o que foi dito pelas três vozes que ouvimos.

Um relato geral será, no entanto, suficientemente impressionante. Que eu, um absoluto estranho, ouvisse, prontamente e claramente dado, o meu apelido, o meu nome cristão, o nome da minha falecida mulher, o nome da minha falecida irmã e os nomes dos meus dois enteados, é em si assombroso. A referência a mim próprio foi embelezada pela declaração de que eu parecia ser visto rodeado por um grande número de «cruzes» e «túmulos»; e houve uma referência adicional ao meu «ter a ver com soldados».

A importância destas declarações aparece quando digo que ocupo o cargo de Secretário-Geral da Agência Canadiana da Imperial War Graves Commission. Milhares de túmulos de guerra no Canadá, nos Estados Unidos e na Sibéria estão sob a minha administração direta. Além disso, tenho um interesse prático definido nos Cemitérios Britânicos da Grande Guerra (dos quais há mais de 1.000 em França e na Bélgica — contendo de 300-10.000 túmulos cada um), bem como na política geral da Comissão e no seu trabalho em todo o mundo.

Visito muitos dos cemitérios na Europa todos os anos; e falo frequentemente em público sobre o assunto. A «voz espiritual» acrescentou que o trabalho em que eu estava empenhado era um muito nobre. Não houve nada definitivamente probatório na referência à minha mulher. Foi dito que ela estava orgulhosa do que eu estava a realizar. Mais tarde, veio até mim um sussurro direto «Harry, Harry, estou tão feliz por conseguir comunicar contigo.» O sussurro direto não continuou, aparentemente por falta de força. Houve, no entanto, dois pontos probatórios impressionantes na referência aos meus enteados, ou seja, os filhos da minha mulher que eu criei e considero como meus. A voz de «Andrew» falando da minha mulher, perguntou de repente «Quem é Charley?»

Respondi: «o meu enteado, o filho da minha mulher.» Andrew disse então: «Ela quer enviar o seu amor a Charley.» Subsequentemente, Andrew perguntou se a minha mulher tinha uma irmã na terra e acrescentou que a minha mulher desejava «enviar uma mensagem à irmã», e que eu devia vigiá-la. Isto, para mim, foi extraordinariamente probatório, porque a filha da minha mulher, a quem ela era especialmente próxima, sempre foi conhecida pelo apelido «Sister».

De facto, nunca lhe chamam outra coisa. Não tenho dúvida alguma de que a mensagem era para ela, e considero que, nas circunstâncias, veio de uma forma muito convincente. A referência à minha própria irmã «Margaret» (nome dado claramente) foi ampliada pela declaração de que ela estava feliz, e «ocupada com cores». Esta irmã era inválida e artista. Teve as suas miniaturas expostas na Academia e uma pintura aceite e exposta em Liverpool. Levei para a sessão, no bolso do meu colete, o anel de casamento da minha mulher. No bolso interior do casaco tinha uma fotografia da minha mulher. A voz espiritual referiu-se a esta fotografia e depois disse: «E quanto ao anel? Tens o anel no dedo» (estritamente verdadeiro, pois, na escuridão, tirei o anel do bolso e pu-lo no dedo mindinho esquerdo).

Respondi imediatamente: «Sim, tenho um anel. E quanto a ele? É um anel importante.» A isto a voz disse: «É o anel que une: que liga dois corações juntos.» Numa fase posterior, uma «voz» disse-me que eu tinha devolvido este anel ao bolso — o que era surpreendentemente correto. Veio então uma referência notável a uma caneta, que foi descrita como tendo

sido tirada de uma gaveta no quarto da minha mulher e como sendo de uma cor azul-verde brilhante.

Tínhamos comprado tal caneta-tinteiro na Ilha de Trinidad e a minha mulher, que era escritora e poetisa, usava-a constantemente. Foi-me dito que eu próprio devia usar esta caneta e receberia uma mensagem. De facto, nunca usei esta caneta desde a morte da minha mulher. Foi feita uma referência impressionante à fotografia da minha mulher e flores no quarto dela. Também me foi perguntado se eu não tinha tentado obter uma fotografia psíquica e foi feita a declaração de que a minha mulher tinha «tentado entrar nela». Tinha feito tal tentativa e desde a sessão recebi a impressão. Há um rosto «extra» na placa, mas é de uma mulher velha ou idosa.

Até agora, não consegui identificá-lo. Fui então dito que ia atravessar a água numa data próxima. Estou agora em processo de o fazer. Sobre que hipótese se pode explicar tal sucessão de pontos probatórios — outra que não a espírita? Lembrar-me-ei por muito tempo e pensarei profundamente sobre os acontecimentos que descrevi; e lembrar-me-ei também o quanto devo à sua bondade. Sempre seu sinceramente,

H. C. OSBORNE.

CAPÍTULO QUINZE

SERIA fácil multiplicar as numerosas experiências que os meus amigos e conhecidos tiveram com a voz direta, mas isso estenderia o meu livro para além dos limites de um único volume. Ao mesmo tempo, sinto que seria de valor incluir um ou dois casos que selecionei de um número de relatórios de sessões na minha posse. São todos testemunhos assinados e posso atestar a sua boa-fé. O primeiro é um registo enviado para mim pelo Sr. e Sra. Buchan de 38 Brighton Place, Portobello, Edimburgo. O Sr. Buchan e a mulher dele eram ambos membros do meu círculo de estudo de investigação psíquica em Edimburgo.

Fizeram uma curta visita a Londres em junho de 1931, e escreveram pedindo-me se eu poderia apresentá-los às Senhoritas Moore e, se possível, arranjar uma sessão para eles enquanto estavam em Londres. Fiz como pediram e foram-lhes oferecida e aceitaram uma sessão a realizar no

apartamento das Senhoritas Moore. Deve notar-se que apresentei estes participantes aos médiuns anonimamente. Na carta dela para mim após a sessão, a Sra. Buchan disse: «O meu filho comunicou e falou connosco de forma muito distinta, também a minha mãe bem como o irmão do Sr. Buchan e um tio, o que foi claro adorável para nós.

Tivemos uma sessão esplêndida. Como evidência também, ficámos muito impressionados por um antigo ministro de Portobello comunicar, não da nossa própria igreja, mas da Igreja Paroquial, um Dr. Jamieson, e também a mãe da mulher do nosso peixeiro que deu uma mensagem para a filha dela. Ficámos mais do que encantados com os resultados. As Senhoritas Moore são tão dotadas e tão bondosas e amigáveis. Desfrutámos cada minuto da nossa visita.»

Seguem-se as notas da sessão assinadas pela Sra. Buchan: Após o Pai Nosso e o verso de um Salmo, a música foi ligada e em um minuto ou pouco mais, o Controlo, Andrew Wallace, comunicou.

A Senhorita Moore apresentou-nos como visitantes em Londres e mencionou que Andrew Wallace era escocês para o qual Andrew respondeu: «Sim, sou escocês, um Fifer, percebeis, consegueis entender-me?»

SR. BUCHAN: «Ótimo, de que parte vens?»

ANDREW WALLACE: «Dunfermline. Mesmo do outro lado da água de Portobello. Sim, há uma mulher de pé ao lado do cavalheiro. Ela diz que o nome dela é Williamson. Lembrais-vos dela?»

O Sr. Buchan teve de pensar por um pouco de tempo e depois disse que se recordava de alguém com esse nome.

ANDREW WALLACE: «Sim, ela diz que é a mãe da mulher do vosso peixeiro e vivia em Portobello. Diz que a filha dela tem uma perna má, reumatismo nela, e ela está a tentar ajudá-la.» Outra voz falou então. Era o nosso filho Leslie.

LESLIE: «Mãe, mãe querida! Pai, pai, fala comigo, pai!»

SR. BUCHAN: «És mesmo tu, Leslie?» LESLIE: «Sim, pai.»

SR. BUCHAN: «Como estás, Leslie?»

LESLIE: «Bem, e muito, muito feliz. Pai, tens de descansar mais.»

SR. BUCHAN: «Estou bem, mas o meu braço incomoda-me.»

LESLIE: «Tens de o fazer massajar.»

SR. BUCHAN: «Nos banhos?»

LESLIE: «Sim, e quando voltares eu ajudo-te.»

SRA. BUCHAN: «A Muriel está contigo?» (Senhorita Foster.)

LESLIE: «Sim, ela também está aqui.»

SRA. BUCHAN: «O que está ela a fazer?»

LESLIE: «Ela tem uma turma de crianças. Sabes como ela era afeiçoada a elas. E às vezes ajudo-a com os rapazes.»

SRA. BUCHAN: «O que achas do nosso jardim?»

LESLIE: «Não estava adorável este ano? As rosas estavam lindas e as ervilhas-de-cheiro também. Estou muitas vezes no jardim, mais vezes do que pensas.»

ANDREW WALLACE: «Há um George aqui que quer falar. Conheceis um George?»

SR. BUCHAN: «Sim, vários.»

NOVA VOZ: «É o Tio George... Samuel, Samuel.» (Este é o único tio que alguma vez chamou o meu marido Samuel, na íntegra.)

SR. BUCHAN: «Estou tão contente por falar contigo novamente. Vês o pai e o nosso outro tio?»

TIO GEORGE: «Sim, muitas vezes, e estou tão contente por poder falar contigo. É como nos velhos tempos.»

ANDREW WALLACE: «Há uma senhora idosa aqui. Tem cabelo branco. Está repartido ao meio. Tem um aspeto muito antiquado. Diz que sois a filha dela. Está a chamar-vos Rosa, Rosa... Não, é Rose, diz ela.»

(Eu reconheci imediatamente a minha mãe.)

SRA. BUCHAN: «És tu, mãe?»

MÃE: «Sim, querida, como estás tu e o Sam?»

SRA. BUCHAN: «Muito bem, como está o pai?»

MÃE: «O pai está muito feliz agora e eu também. (Deu-nos então alguns conselhos privados sobre o nosso negócio.)

ANDREW WALLACE: «Há um ministro de pé ao lado do cavalheiro. Diz que o nome dele é Jamieson, Dr. Jamieson de Portobello. Conhece-lo?»

SR. BUCHAN: «Bastante. Costumava ser o ministro da Igreja Paroquial. Havia uma senhora idosa que dizia que a voz do Dr. Jamieson era como os sinos de Sião, lembras-te disso, doutor?»

O Dr. Jamieson tentou com esforço várias vezes falar mas não teve sucesso.

ANDREW WALLACE: «Ele não pode falar mas está a sorrir.»

A Senhorita Moore disse então que via, de forma clarividente, uma senhora perto de mim, era uma parente. Eu disse: «Sim, tenho uma irmã, Jessie.» Mas a Senhorita Moore disse: «Não. Não era a minha irmã. Era uma tia.»

SRA. BUCHAN: «Oh, sim, tenho uma Tia Jessie.»

Neste ponto, a força começou a enfraquecer novamente e tivemos de ligar mais música.

ANDREW WALLACE: «Há um Matthew aqui. Ele está ansioso por dizer uma palavra convosco.»

VOZ: «Sou o Mat. Tio Mat. Quero dizer-te, Sam, que vais ter uma oferta.»

SR. BUCHAN: «Oferta, Tio Mat. Que tipo de oferta?»

A força baixou novamente e não houve resposta. Ligámos mais música.

SRA. BUCHAN: «O que achas da Peggy?» (a mulher dele.)

MAT: «Ela melhorou e ficou mais forte. Mas diz-lhe para não se mexer.»

VOZ DE LESLIE: «Quero ser o teu Guia, mãe. Pai, escreve às 8 horas e dar-te-ei uma mensagem para a mãe.»

SRA. BUCHAN: «Tens uma mensagem para o Eric?»

LESLIE: «Sim, dá-lhe o meu amor e diz-lhe que o estou a ajudar no negócio dele. Tenho de ir agora. Adeus.»

ANDREW WALLACE: «O Sr. Buchan tem bastante força. Mas a força está a acabar agora e temos de parar.»

TODOS NÓS: «Tens de ir?»

ANDREW WALLACE: «Sim.»

SENHORITA MOORE: «Andrew, há alguém para encerrar a nossa reunião?»

ANDREW WALLACE: «Vou arranjar alguém. Adeus.» Uma voz soando fraca e muito distante pronunciou uma bênção.

Desde que regressámos a casa, o Sr. Buchan recebeu uma oferta de negócio. Foi uma oferta completamente inesperada e veio do Canadá.

O dia da nossa sessão foi um dia muito chuvoso e as Senhoritas Moore pensaram que possivelmente isso era a explicação para a força enfraquecer várias vezes. Não pus isso tantas vezes quantas ocorreu durante as sessões.

Naturalmente, teríamos gostado de ter uma conversa mais longa com o nosso filho, mas havia tantos à espera para falar. Duas outras vozes falaram, uma Mary Millar e um soldado chamado Rennie, mas nenhum destes conhecíamos e só estou a relatar as palavras das nossas próprias pessoas.

(Assinado,) ROSE A. BUCHAN.

Os dois relatos curtos seguintes foram escolhidos de um número enviado para mim por Hamilton Emmons, Esq., de The Copse, Hamble, Southampton.

O Sr. Emmons fez uma exploração muito ampla de fenómenos psíquicos. Estes são dois dos muitos registos que me enviou e são interessantes por mostrarem um esforço bem-sucedido para obter «As Vozes» ao ar livre.

SESSÃO REALIZADA EM THE COPSE, HAMBLE, SOUTHAMPTON
10 de abril de 1932.

Cerca das 21 horas, fomos para o barracão da madeira para ver que resultados poderiam ser obtidos ao ar livre. Uma lua, três quartos cheia, entrava por um lado, mas ao colocar as Senhoritas Moore no canto mais escuro, e sentando-nos perto, conseguimos fazer alguma semelhança de escuridão, embora estivesse bastante claro o suficiente para nos vermos uns aos outros, especialmente as mãos, os rostos e o trompete de metal. O rádio portátil fornecia música.

Em breve conseguimos discernir o movimento no trompete — que em várias ocasiões caiu para os nossos colos, e duas ou três vezes subiu cerca de uma ou duas polegadas do chão. Os outros conseguiam ouvir sussurros inteligíveis e os nomes de Andrew Wallace, Andrew o irmão das Moore, Marion Aimee, William (o tio da Senhorita De M), e Gemmell foram reconhecidos, por todos exceto eu próprio. Infelizmente, só conseguia ouvir um sussurro fraco ocasionalmente, mas os movimentos do trompete foram muito facilmente discerníveis por mais de vinte minutos.

17 de abril de 1932 O perfume, chamado Rose of the Valley, que Marion nos tinha dado no dia anterior, parecia perseguir-me de vez em quando todo o dia exceto durante a sessão. Após o almoço, tornou-se tão forte na minha mão esquerda, que os outros incluindo a Sra. Bovill, conseguiam cheirá-lo bastante distintamente. O mesmo fenómeno repetiu-se novamente durante a noite.

Sentámo-nos por um quarto de hora após o jantar, a luz do fogo sendo mais eficientemente ecrã que anteriormente. E os resultados justificaram amplamente. Pela primeira vez conseguia ouvir os sussurros Espirituais bastante distintamente, e conseguia até perceber a maioria das palavras que Marion falou, como por exemplo, um pedido para que eu me sentasse sempre numa certa cadeira, na qual ela podia mais facilmente dar-me o perfume. Não havia trompete na sala e a voz de Marion soava para mim como se subisse do chão, dando um efeito muito estranho.

Os outros sussurros — como os de Andrew, Dodo, e o Tio William da Senhorita De M soavam cerca de dezoito polegadas acima do chão.

(Sinado), HAMILTON EMMONS.

Os registos que se seguem foram contribuídos por um advogado de Liverpool. Ele, como o pai dele antes dele, era um agnóstico até entrar em contacto com fenómenos psíquicos e ficar convencido da sua verdade. É

particularmente probatório, contendo como contém informação sobre Maçonaria que o crítico de mente mais acrobática achará difícil explicar.

No ano de 1926, a minha atenção foi dirigida para um livro que tinha sido escrito por um Sr. Bradley sob o título «Towards the Stars». Após ler o livro, pensei que o assunto merecia investigação adicional, e quando a minha mulher mencionou que tinha uma oportunidade de assistir a uma sessão a ser conduzida pelas Senhoritas Moore em Manchester, sugeri que ela aproveitasse a oportunidade.

Assim o fez, e após examinar as notas dela da entrevista, pedi-lhe para arranjar uma sessão para mim próprio. Uma sessão foi finalmente arranjada em Glasgow a 13 de março de 1926. Viajei de Londres na noite de 12 de março e encontrei a minha mulher no St. Enoch's Hotel, Glasgow, na manhã do dia 13. Quase imediatamente após encontrá-la, perguntou-me qual era o nome completo de um amigo meu que tinha morrido recentemente.

Perguntei-lhe a razão, e ela disse-me que o amigo tinha pretendido comunicar numa sessão a que ela tinha assistido na noite anterior, e tinha dado o nome de «Albert Higginson H__». Perguntou-me se o segundo nome era o nome dele e eu disse-lhe que sim. Explicou que não tinha conhecido este nome anteriormente, pois o meu amigo sempre se apresentava com o nome de «Bert».

Tanto quanto sei, este nome nunca tinha sido mencionado anteriormente na presença da minha mulher. À noite, acompanhado pela minha mulher, visitei as Senhoritas Moore no apartamento delas em Glasgow, onde fui apresentado a elas. Dirigimo-nos a um bloco de habitações para trabalhadores noutra parte da cidade, onde fomos conduzidos para uma sala parcialmente mobilada.

Perguntei às Senhoritas Moore porque não realizavam a sessão no apartamento delas próprias, e informaram-me de que as vozes dos Guias eram tão altas que pensavam que havia a possibilidade de os outros inquilinos no edifício objetarem. A mobília na sala parcialmente mobilada consistia em três cadeiras, um sofá, suporte de gás, estore na janela e um pequeno tapete diante da porta. Havia também um megafone ou trompete no centro do chão.

Examinei o megafone, que consistia, tanto quanto pude observar, numa tira ou mais de alumínio ou outro metal leve. Foi-me perguntado pelas Senhoritas Moore se eu trataria a sessão como uma cerimónia religiosa. Sentar-me numa certa posição que era ereta com as mãos nos joelhos, palmas para cima.

Abster-me de acender uma luz e dar tal assistência sem dar informação às vozes que comunicassem. Concordei com isso, perguntando-lhes a razão para a estipulação em relação a acender uma luz. Informaram-me de que acreditavam que seria perigoso para elas próprias e para as outras pessoas presentes em vista da retirada súbita do que chamavam as vozes espirituais, que acreditavam que ocorreria. Sentámo-nos.

A minha mulher sentou-se ao meu lado numa cadeira. Eu sentei-me no sofá, enquanto uma das Senhoritas Moore se sentou no fundo da sala, a outra ao lado dela mas em frente a mim, o trompete estando no centro. A porta foi trancada e pus a chave no bolso. A Senhorita G. Moore repetiu o Pai Nosso e cantou um hino. Envolvemo-nos então em conversa geral, as Senhoritas Moore pedindo-nos para mantermos uma conversa tanto quanto pudéssemos.

Após um curto tempo, houve uma sensação distinta de frio na sala (mencionaria que não havia fogo). A sensação de frio não era sobre todo o corpo, mas simplesmente à volta das pernas até aos joelhos. Podia ouvir um ruído como se o trompete estivesse a passar pelo ar de forma algo rápida. Depois veio uma voz, tanto quanto pude perceber, saudando as pessoas presentes. Esta voz as Senhoritas Moore descreveram como um Guia Indiano, conhecido como Koha.

Não conseguia perceber o que ele estava a dizer pois falava em inglês rudimentar. Após um minuto ou pouco mais, a voz cessou. Retomámos a nossa conversa e cantámos vários hinos. Após um intervalo, outra voz comunicou em escocês amplo e saudou-nos a todos juntos. Esta voz as Senhoritas Moore saudaram como Andrew e falaram com ele como se fosse um velho amigo. Andrew, dirigindo-se a mim próprio, comentou que eu não tinha estado presente numa sessão antes. Com isto concordei. Disse então que havia um jovem que queria falar comigo. Perguntei-lhe porque pensava que o jovem queria falar comigo. Disse-me então que o jovem me descrevia como um homem que estava sempre rodeado de papéis, o que pensei ser uma boa descrição do meu escritório.

Pedi-lhe para comunicar a voz, tratando-a da mesma forma que trataria uma mensagem telefónica, ao que uma voz fraca me dirigiu através do trompete, que estava perto do meu ouvido, aparentemente suspenso no ar, mas como a sala estava na escuridão, sou incapaz de dar qualquer descrição da sua suspensão, exceto que passei a mão levemente sobre ele e não consegui sentir qualquer método de suspensão nem acima nem abaixo.

A voz dirigiu-se a mim pelo meu nome «Sr. N.». Respondi «Sim» e perguntei quem era, ao que recebi a resposta «R_» «R_» dando o apelido completo, e a voz perguntou se eu o conhecia. Para obter mais informação, disse que pensava que sim, mas qual era o nome cristão dele. A voz tentou então pronunciar o nome «Thomas» mas foi muito indistinto. Para ajudar, no entanto, pedi-lhe para o soletrar, e obtive claramente as duas letras «T» e «H» quando parei a voz e sugeri que estava a cometer um erro.

Ele repetiu que não estava. Sugeri novamente que estava a cometer um erro, mas ele ainda manteve que não, e como a voz parecia estar em dificuldades, deixei o assunto e perguntei que mensagem tinha para dar. Tanto quanto me lembro, a voz disse então: «Lembras-te de mim — passei muito subitamente há algum tempo.»

A minha resposta foi: «Penso que sim. Como estás?» Muito fracamente foi-me dito: «Estou muito mais confortável do que estava do teu lado, e bastante feliz e estou vivo.» Perguntei-lhe se tinha alguma mensagem para dar e disse:

«Sim, diz ao meu pai que penso que ele está em consideráveis problemas e estou a esforçar-me para lhe dar toda a assistência que possivelmente posso.»

A voz esmoreceu então e duas ou três outras vozes comunicaram, mas não houve nada probatório na informação que forneceram, pois vozes semelhantes tinham comunicado na sessão da minha mulher. A informação dada era perfeitamente correta.

O nome completo era Thomas Henry R_. Tinha morrido subitamente cerca de três meses antes. Na minha ligeira excitação, pensei que a voz estava a tentar dar-me o segundo nome. A informação quanto ao pai também era correta. Mais tarde, Andrew disse-me que havia um homem velho que queria falar comigo. Perguntei-lhe quem era e disse que era o meu pai. Disse-lhe para me comunicar e ouvi então uma voz muito fraca,

não através do trompete mas perto do meu ouvido, dando o meu nome cristão com uma pronúncia quase exclusiva do meu pai.

Perguntei-lhe o nome dele, ao que recebi uma resposta numa voz muito impaciente: «Sabes o meu nome tão bem como eu. Qual é a utilidade de perguntar o meu nome?» (Posso dizer que o meu pai era de uma disposição algo irritável e era exatamente como eu esperaria que ele me respondesse.) Perguntei-lhe que mensagem tinha para me dar, ao que obtive a resposta: «Estou vivo e sabes que nunca esperei estar.»

Disse: «Sim, isso é verdade.»

A voz continuou: «Agora tens a prova que eu nunca tive de que há uma vida após a morte.»

Disse: «Sim, há mais alguma coisa que me possas dizer — quem está contigo?»

A voz respondeu: «A tua mãe, os teus irmãos e irmãs e amigos.» Disse: «Como está a Florence?» dando o nome completo da minha irmã. (Nota: Ele era a única pessoa que alguma vez lhe chamara pelo nome completo. Geralmente era chamada «Florrie».)

Dei-lhe a informação que desejava, ao que a voz respondeu: «Pobre rapariga, pobre rapariga, é uma pena.» Isto aludia ao estado de saúde dela.

Nota: O meu pai viveu até uma grande idade. Doze meses antes de morrer, acamou-se. O Andrew envolveu-se então em conversa comigo, e desejou que eu desse uma mensagem à Kirk sobre o que tinha ouvido. Disse-lhe que dificilmente podia fazer isso pois não estava perfeitamente satisfeito de que as vozes viessem de fora deste mundo, e perguntou-me como me poderia satisfazer. Disse-lhe que não sabia, mas no início, gostaria de saber como formava a voz dele, lembrando-lhe que como não era deste mundo, não tinha um corpo com o qual o fazer.

Em resposta a isto, Andrew riu, o riso sendo perfeitamente distinto, e explicou que tirava uma substância dos dois médiuns, de mim próprio e da minha mulher, e com isso formava uma garganta, laringe e uma língua, e por meio disso era capaz de formar a voz dele. Explicou que estava bem habituado a isso e que era por isso que a voz dele soava muito mais alta do que as outras vozes que comunicavam. Disse-lhe que contaria a qualquer um que pensasse que estaria interessado no que tinha ocorrido, deixando-os

formar a sua própria opinião em relação ao assunto, mas continuaria as minhas investigações. A sessão terminou então.

LONDRES. Teve lugar uma sessão a 19 de novembro de 1928. Estavam presentes na sessão as Senhoritas Moore, eu próprio, a minha mulher, o meu filho e filha. Foi adotado o mesmo procedimento exceto que as Senhoritas Moore tinham um gramofone, que utilizaram para criar o som além da conversa. Após várias vozes terem comunicado, não probatórias, o Andrew disse-me que um homem chamado Tom queria falar comigo.

Respondi: «Tom quem?» Ouvi algum sussurro mas não consegui obter o nome dele. Andrew disse: «Não consigo obter o nome completo dele»; enquanto eu disse: «Há alguém com ele?» e a resposta veio: «Sim, o irmão dele George.»

Quando recebi os dois nomes e sabendo que eram irmãos, pensei que isso era suficiente para os reconhecer, sendo dois amigos pessoais meus, Tom tendo passado alguns anos antes e George tendo passado comparativamente recentemente. Tentei particularmente fazer Tom falar comigo, mas aparentemente ele não conseguiu fazê-lo. Andrew disse que era impossível, mas conseguia entender perfeitamente o meu interesse, pois eram dois companheiros muito joviais. (Nota: uma descrição muito boa destes dois homens).

Perguntei-lhe que mensagem Tom queria dar. A mensagem que recebi, tanto quanto me lembro, é: «Estou vivo, e como sabes, não esperava estar, e se tivesse seguido o teu conselho, sei agora que teria tido mais tempo do teu lado. Foi tarde demais quando apreciei que tinhas razão e descobri que não conseguia parar.» Esta informação era perfeitamente correta.

Na mesma sessão, foi-me dito que um homem chamado «J» desejava falar comigo. Disse que não conseguia identificar o nome, mas ele disse que me conhecia. Disse-lhe que ainda não conseguia identificá-lo e perguntei a Andrew que mensagem ele queria dar-me. Fui então informado de que a voz tinha estado comigo naquela manhã numa reunião que eu tinha realizado, dando uma descrição do lugar. Foi-me dito que eu tinha estado presente numa reunião na qual havia meia dúzia de homens além de mim e que havia um grande número de planos de alteração, etc., sobre a mesa para discussão, que antes de a reunião terminar, saí da sala e deixei o

negócio restante ao meu segundo-em-comando com vista a ele o completar e não regressei. Isto era correto em todos os detalhes, incluindo a descrição do lugar.

Nesta sessão, pela primeira vez, uma voz de criança comunicou, chamada pelas Senhoritas Moore, «Dodo».

Em março de 1929, soube que as Senhoritas Moore provavelmente estariam na minha cidade natal e propunham ficar com uma amiga minha, uma Sra. B. Posso dizer que conheço esta senhora e o marido dela há algum tempo e tenho toda a confiança na boa-fé deles. Foi-me dito pela Sra. B. que as Senhoritas Moore não tinham estado na casa dela anteriormente. Arranjei ter a minha sessão na segunda-feira, e consequentemente na segunda-feira, dia 18 de março, fui à casa do meu amigo com a minha mulher, onde me encontrei novamente com as Senhoritas Moore.

Após algumas palavras de saudação, retiramo-nos para uma sala no topo da casa na qual a mobília consistia em algumas cadeiras, fogão elétrico e uma cobertura para a janela e linóleo no chão. Entendi do meu amigo que era a primeira vez que as Senhoritas Moore estavam nesta sala. O fogão elétrico estava coberto com uma cobertura especial feita de ferro para ocultar a luz. O trompete das Senhoritas Moore foi colocado no meio do chão juntamente com o trompete que pertencia à Sra. B.

Estavam presentes na sessão a Sra. B., a minha mulher e eu próprio.

Foi seguido o mesmo procedimento. As mesmas vozes comunicaram e o mesmo vento frio prevaleceu, apesar do aquecimento da sala. Tiveram lugar várias conversas, as vozes comunicando para a Sra. B. e a minha mulher, e após um curto tempo, eu próprio. Andrew dirigiu-se então a mim e disse-me que um amigo meu queria falar comigo. Perguntei-lhe o nome do meu amigo e disse «Tom». Perguntei-lhe se conseguia obter outro nome. Não conseguiu, mas disse que o irmão dele George estava com ele. Como estes dois nomes tinham comunicado noutra sessão, fiquei satisfeito quanto a com quem estava a falar, e perguntei-lhe que mensagens tinha para dar.

Deu-me então como mensagens de Tom vários sinais maçónicos, particularmente uma descrição parcial da arrumação da Loja no Terceiro Grau e descrição da roupa usada por um Oficial Provincial, perguntando-

me se conseguia identificá-la. Deu-me então o número da minha Loja. Este número foi dado corretamente quanto aos dois primeiros e último algarismos, mas não conseguiu dar-me o terceiro. A informação dada era correta, e certas porções só poderiam ter sido conhecidas por um Maçom, pois, tanto quanto o meu conhecimento, a informação não é dada em nenhum livro sobre Maçonaria.

Andrew disse então que havia outro amigo meu que queria falar comigo. Perguntei-lhe o nome dele e disse «Robert». Disse que não o conhecia, mas ele disse que não era assim, que eu o conhecia muito bem. Disse-lhe que não conseguia identificá-lo e disse que estava com Tom e eram amigos lá juntos. Ainda aderi que não conseguia reconhecê-lo e perguntei-lhe quem mais estava lá.

Deu-me então «T. J. M.», sendo as iniciais de outro velho amigo meu. Não conseguiu dar-me o nome completo.

A voz de Andrew desapareceu depois e a voz de Dodo comunicou. Dodo, dirigindo-se a mim, disse: «Há um homem grande de pé ao teu lado e está a rir de ti, e está a pôr uma coisa tão engraçada na tua cabeça.»

Disse: «O que é?» e ela disse: «Oh, é uma chave.» Disse: «Sim — e o que está ele a fazer com a chave?»

Ela disse: «Oh, está a pô-la de pé na tua cabeça e diz que sabes o que isso significa.»

Disse: «Sim, há mais alguma coisa que possas ver.»

Ela disse: «Sim, há dois paus cruzados na tua cabeça.»

Disse: «Sim, tens a certeza de que são paus cruzados?»

«Bem, não tenho a certeza,» disse ela numa voz infantil, «penso que podem ser dois lápis.»

Penso que isto era uma descrição suficientemente boa de duas canetas.

Perguntei-lhe qual era o nome dele e deu-me as iniciais «T. J. S.», que eram as iniciais do meu amigo. A voz esmoreceu então e a sessão terminou.

Posso dizer que não ia à minha Loja há uns dez ou doze anos e «T. J. S.» era um velho amigo meu, e era Mestre da minha Loja e iniciou-me na Maçonaria.

Após o término da sessão, fui para casa acompanhado pela minha mulher, subi as escadas e tirei a minha mala Maçónica com vista a satisfazer-me em relação à chave, pois não conseguia entender porque devia estar de pé. A primeira coisa que caiu da minha mala foi o meu ritual Maçónico, e abriu-se na página inicial, e nesta estava escrito: «Com os cumprimentos e os melhores votos de Robert M.» Ao abrir o meu avental, descobri que a insígnia do meu cargo era uma chave de pé e a descrição do avental que me tinha sido dada era exata.

Na sexta-feira seguinte, assisti a outra sessão com os mesmos participantes, e entre outros, a voz de Andrew comunicou, e disse-me que o meu amigo Robert queria falar comigo. Tendo-o identificado, pedi-lhe para me comunicar, e o meu amigo falou comigo e deu-me o nome completo dele e disse: «Fiz-te subir as escadas e tirar a tua mala e sabia que a primeira coisa que cairia seria o teu ritual que te tinha dado.»

A única pessoa que sabia que eu tinha feito isso era a minha mulher. Perguntei-lhe porque não me tinha dado o nome pelo qual sempre fora conhecido, de «Bob». Não consegui obter resposta satisfatória para isso, pois o outro chamado «Tom» comunicou e deu-me vários outros sinais Maçónicos através de Andrew. Andrew finalmente virou-se para mim e perguntou-me a que se referiam estes sinais e perguntou-me se éramos membros de uma Sociedade Secreta.

Disse-lhe: «Sim — enquanto Tom estava deste lado.» Perguntei-lhe se havia outros do outro lado que eu conhecia. Não consegui obter mais informação exceto que recebi uma mensagem para um homem chamado «Phil» que, foi-me dito, estava deste lado. Não consegui obter o apelido dele, mas foi-me dito que estava muito ligado a Tom quando estava deste lado. Conheço um homem que preenche exatamente essa descrição, e o nome dele é Phil.

Várias outras vozes comunicaram na sessão, mas nada que eu descreveria como de natureza probatória.

Estive presente numa sessão realizada na quarta-feira, 15 de janeiro de 1930, com as Senhoritas Moore. Havia um amigo meu homem nesta sessão. Teve lugar o mesmo procedimento.

Várias vozes comunicaram, mas como não havia nada probatório no que diz respeito a estas, não estou a dar quaisquer pormenores com exceção

de uma instância que ocorreu, que foi que George falou comigo, e uma voz fraca disse-me que tinha estado comigo nesse dia. Fiquei bastante divertido e perguntei-lhe se sabia onde eu tinha estado para almoçar. Deu-me o nome do restaurante onde eu tinha estado e disse-me que eu tinha estado com dois outros homens, o que era bem verdade. Perguntei-lhe também sobre o que estávamos a falar, e disse: «Negócios, como de costume.» Isto era perfeitamente verdade.

PALAVRA FINAL

O bem-estar essencial e a felicidade da raça humana estão ligados à questão da sobrevivência. Do seu resultado depende tudo o que torna a vida justa e valiosa e digna de ser vivida. Pois o que é a vida de um homem, com todas as suas esperanças e medos, os seus esforços e os seus sofrimentos, se a hora passageira for o fim e o objetivo de toda a existência?

Quantas vezes os desejos mais caros do homem são aparentemente frustrados, os seus trabalhos reduzidos a nada, os seus propósitos mais puros desconfiados ou mal entendidos, e o seu amor desdenhado. Colhe espinhos onde esperava figos, cardos por uvas, e no momento corado de expectativa, quando tudo o que ansiava parece ao seu alcance, desapareceu no ar. Se este cockpit de egoísmo lutador for tudo, e se não houver vontade superior à de Imperador, Ditador, ou a maioria da Caixa de Votos, então ninguém pode ter a certeza de como a grande campanha humana irá. Isto deve afetar os planos e esforços daqueles que estão generosamente dispostos a ajudar.

Mas se houver um Rei dos reis e um Mestre de todos os mestres por trás do esquema das coisas; e se, para além desta mistura de campo de batalha e paz pastoral, houver não só outra oportunidade, mas a certeza, da oportunidade de continuar os seus esforços num mundo espiritual, então o significado e as condições e os resultados das lutas são todos alterados. O lutador recebe um incremento de encorajamento e confiança robusta que nada mais poderia dar, como, em verdade, o mundo provou.

Por vezes diz-se que a origem da crença numa existência espiritual pode ser rastreada até aos sonhos de idades bárbaras, a um tempo em que os homens estavam tão baixos na escala que não sabiam a diferença entre

um sonho e uma realidade acordada — a uma idade em que os homens sonhavam que os amigos voltavam para eles, e acordavam e pensavam que tinham voltado. De alguma forma assim, argumenta-se, começou a crença numa vida após a morte. É uma conjetura plausível. A questão, no entanto, com a qual estamos mais preocupados não é, como surgiu este pensamento, mas agora que o temos, há alguma base para a crença nos dias de hoje? Este livro contém uma contribuição experimental fiel, que se espera que atenda à fome generalizada de hoje por uma fé que possa encontrar apoio em evidências modernas.

As seguintes conclusões surgem dos registos

(1) As vozes exibiram coerência e inteligência e como não há fonte de inteligência para além de seres pensantes conscientes, portanto elas não podem ser o resultado de uma força cega da natureza.

(2) Ocasionalmente as vozes deram evidência da posse de informação que estava fora do conhecimento dos participantes. Segue-se então que deve ter havido presentes seres pensantes, inteligentes que não eram do número dos participantes.

(3) Os participantes eram as únicas pessoas presentes numa condição material, portanto deve ter havido outros seres inteligentes presentes funcionando num outro modo de existência.

(4) Estes seres conscientes, inteligentes eram capazes de partilhar conhecimento — podiam dizer-nos quem eram, e declararam, unanimemente, que eram os nossos amigos e companheiros falecidos que outrora viveram connosco na terra.

(5) Finalmente, deram evidência de que eram quem professavam ser.

Estas conclusões são justas e lógicas e provam inegavelmente que a morte não é a extinção da vida, mas que o mundo por trás do véu é tão visivelmente e verdadeiramente e tangivelmente real como o mundo dos nossos deveres diários.

Não ganhamos nós com tal conhecimento?

Pode alguma evidência, outra que não tal como esta, satisfazer a mente média de hoje?

Se a Investigação Psíquica não tivesse feito nada mais, mereceria a nossa consideração respeitosa, vendo que mostra que o destino da nossa raça não é o túmulo, para o qual nos apressamos e para o qual nos devíamos preparar.

Além disso, a Investigação Psíquica nestes dias pode restaurar em medida rica à Igreja Cristã essa evidência que se provará de valor vital e energizante.

Estamos persuadidos de que há uma indiferença perigosa neste departamento do pensamento da nossa Igreja. Não somos suficientemente ousados na nossa ousadia concernente às realidades espirituais. Demasiadas vezes expulsamos dos nossos cálculos práticos alguns dos aliados mais fortes e mais agressivos que poderiam cooperar no ministério do Reino de Deus.

Os segredos da outra vida foram e estão a ser revelados. E seguramente é uma das coisas mais irreverentes, perigosas e más de que podemos ser culpados, rejeitar com escárnio qualquer intimação, por mais inexplicável, por mais inimiga dos nossos preconceitos e opiniões, que possa estar a acenar-nos para uma verdade sublime e prática.

A maldição da nossa vida é o seu lugar-comum, a tendência para viver vidas mesquinhas, insignificantes, sem indagação — cegos e surdos aos maravilhosos mistérios do nosso ser, novos para nós todas as manhãs, escurecendo com a sombra da noite, trazidos para casa por cada cama de morte na qual jaz o efigie silencioso da vida e o rosto com o sorriso assombrante.

À sombra deste mistério amargo, a nossa sabedoria é acolher qualquer pista e intimação, por mais vaga e estranha e insuficiente, que nos leve a acreditar que as nossas afeições sobrevivem ao estrondo da morte e que elos despedaçados do amor humano serão reunidos.

Para mim próprio, estas experiências psíquicas ensinaram-me — não há nada a temer na morte; que a morte não é nada senão um véu que repousa no corpo; e no momento em que o corpo é transcendido, a morte é como se não fosse.

Revelaram-me um novo mundo brilhante «para além das inundações crescentes» no qual há o delicioso agitar da vida humana — de uma vida

nova em modo e com prazeres frescos, companheirismos e alegrias. Uma vida na qual ouvimos as mesmas vozes queridas familiares chamando uma bem-vinda e mandando-nos secar os olhos marejados de lágrimas.

«Quando tiver chegado ao fim da minha jornada E estiver morto e livre, Rezo para que Deus me deixe ir E vaguear com eles para cá e para lá, Pelos campos floridos que conheço, Que olham para o mar.»

FIM